



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

José Dirceu Campos Góes

**A PRODUÇÃO DE PROGRAMAS DE JORNALISMO
CIENTÍFICO EM TVS UNIVERSITÁRIAS**

Florianópolis

2013

José Dirceu Campos Góes

**A PRODUÇÃO DE PROGRAMAS DE JORNALISMO
CIENTÍFICO EM TVS UNIVERSITÁRIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Jornalismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Tattiana Gonçalves Teixeira.

Área de Concentração: Jornalismo.

Florianópolis

2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Góes, José Dirceu Campos

A produção de programas de jornalismo científico em tvs
universitárias / José Dirceu Campos Góes ; orientadora,
Tattiana Gonçalves Teixeira - Florianópolis, SC, 2013.

164 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-
Graduação em Jornalismo.

Inclui referências

1. Jornalismo. 2. Processos de Produção Jornalísticos. 3.
Jornalismo Científico. 4. TV Universitária. I. Teixeira,
Tattiana Gonçalves. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. III.
Título.

José Dirceu Campos Góes

**A PRODUÇÃO DE PROGRAMAS DE JORNALISMO CIENTÍFICO
EM TVS UNIVERSITÁRIAS**

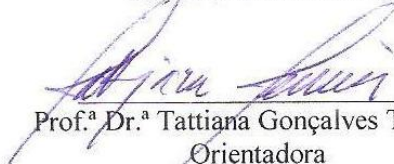
Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Jornalismo e aprovada pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 05 de julho de 2013.



Prof. Dr. Rogério Christofoletti
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo

Banca Examinadora:



Prof.ª Dr.ª Tattiana Gonçalves Teixeira
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)



Prof.ª Dr.ª Cárilda Emerim Jacinto Pereira
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)



Prof. Dr. Fernando Antonio Crocomo
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Dedico essa dissertação ao povo brasileiro por manter a gratuidade do ensino público na Universidade Federal de Santa Catarina e a excelência do seu quadro de professores, técnicos e estudantes.

Em memória de

Olinda, João e José Walter Góes

Zizi, Argemiro e Dunezeu Alves Campos

AGRADECIMENTOS

- * Aos gestores e colegas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, pela permissão e incentivo concedidos para cursar a pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.
- * A Dr^a Tattiana Gonçalves Teixeira, orientadora dessa dissertação, pelo tempo e conhecimento dedicados a esse trabalho.
- * Aos coordenadores Gislene Silva e Rogério Christofolletti, bem como a todos os professores e colegas da turma 2010 da Pós-graduação UFSC.
- * Aos diretores do Canal Universitário de São Paulo, Roberto Tambeline e Pedro Ortiz, que abriram as portas do CNU para a realização dessa pesquisa.
- * Ao pastor Ricardo Leite, ao jornalista Marcelo Dias e ao professor Daniel De Thomaz, da TV Mackenzie.
- * Aos professores Júlio Wainer e José Goldfarb, da TV PUC.
- * Ao jornalista Francisco Cláudio Lemos, da TV Unisa.
- * Aos jornalistas Pedro Ortiz e Fabiana Mariz, da TV USP.
- * À professora Dr.^a Alzimar Ramalho, pela atenção e troca de conhecimentos sobre televisões universitárias no Brasil.
- * Aos amigos de Florianópolis: Beto Dutra, Glória Amaral e Silvana Campos.
- * Ao colega, amigo e irmão Carlos Borges Júnior, pela gentileza da hospitalidade e por me permitir a com ele refinar a sábia arte de rir de mim mesmo.
- * Aos mais que amigos Fafá Almeida e Peri Nogueira, pelo carinho acolhedor de sua família nos dias da pesquisa de campo em São Paulo.
- * As minhas queridíssimas do coração Dircéa Góes e Darcy Fontes, mãe e madrinha.
- * A Danuza, Chico, Laís e Larissa, por agitarem a torcida.
- * A Celina, Mariana e Leda, pela paciência da espera.
- * As criaturas das pedras do Porto do Malhado e ao encontro das águas do rio Cachoeira com o Atlântico, no sopé do Morro de Pernambuco, em Ilhéus, onde Iemanjá passeia.
- * A Luz Divina que guia o meu caminho. Amém e obrigado!

RESUMO

Essa dissertação se propõe a descrever aspectos da produção de programas de jornalismo científico no Canal Universitário de São Paulo (CNU), notadamente do “A gente explica”, da TV Mackenzie, “Nova Stella”, da TV PUC, “Conexão Saúde”, da TV Unisa e do “PGM”, da TV USP, cujos diretores e parte da equipe de profissionais aceitaram colaborar com a pesquisa em pauta. Através deles, os processos produtivos jornalísticos foram investigados na busca de informações que supram lacunas abertas em categorias de análise tais como: a percepção jornalística do acontecimento científico; os procedimentos de produção e a construção da narrativa jornalística.

Palavras-chave: 1. Processos de produção jornalísticos. 2. Jornalismo Científico. 3. TV Universitária.

ABSTRACT

This dissertation is dedicated to describe aspects of the production of science journalism in the São Paulo's University Channel (CNU), specifically in the "A gente explica", of the TV Mackenzie, "Nova Stella", of the TV PUC, "Conexão Saúde", of the TV Unisa, and "PGM", of the TV USP, whose directors and part of the professionals accepted to collaborate to this research. Across them, the journalistic production processes was investigate in search of information which meet opened gaps in categories of analyses such as: the journalistic perception of the scientific event; the procedures of production and the construction of the journalistic narrative.

Key-words: 1. Journalistic production process. 2. Science Journalism. 3. University TV.

GLOSSÁRIO DE TERMOS TÉCNICOS

Ao vivo: Transmissão de um fato. A notícia na hora em que ela acontece. A transmissão pode ser feita dentro do estúdio ou no local do acontecimento.

Arte: Ilustração visual computadorizada, utilizada para facilitar a compreensão do telespectador. Costuma-se usar em matérias que têm gráficos, tabelas e/ou números.

Áudio: O som da reportagem.

Bloco: Um telejornal é dividido em partes que chamamos de blocos.

Boletim: Resumo do fato. É gravado pelo próprio repórter no local dos fatos. Dá origem ao stand-up.

Chamada: Texto sobre os principais destaques do telejornal, transmitido dentro da programação normal da emissora. Tem como objetivo atrair o telespectador.

Contraplano: Recurso usado na edição da matéria. Quando o entrevistado aparece calado, olhando para o repórter, ou o repórter aparece fazendo uma pergunta para o entrevistado.

Deadline: Termo usado para definir o prazo final de qualquer procedimento.

Edição: Montagem de uma matéria unindo áudio e vídeo.

Entrevista: Diálogo entre o repórter e o personagem fonte da informação.

Escalada: São as manchetes do telejornal, sempre no início de cada edição. Serve para atrair a atenção do telespectador no início do jornal e informar quais serão as principais notícias daquela edição.

Espelho: É o cronograma de como o telejornal irá se desenrolar. Prevê a entrada de matérias, notas, blocos, chamadas e encerramento do telejornal.

Fechamento: Momento de fechar o espelho e montar o script do jornal

Lead: Invariavelmente está na abertura da matéria ou a cabeça da matéria lida pelo apresentador.

Locutor ou apresentador: Profissional que faz a apresentação das notícias no telejornal.

Manchete: Frase de impacto com informação forte.

Nota ao vivo/pelada: Notícia lida pelo apresentador do telejornal, sem qualquer imagem de ilustração.

Nota coberta: Nota cuja a cabeça é lida pelo apresentador e o texto seguinte é coberto com imagens. Esta nota pode ser gravada ou ao vivo.

Notícia: Acontecimento relevante para o público do telejornal ou qualquer veículo de comunicação.

Off the records ou Off: Informação que o jornalista não pode divulgar.

Passagem: Gravação feita pelo repórter no local do acontecimento, com informações a serem usadas no meio da matéria. É o momento em que o repórter aparece na matéria para destacar um aspecto da matéria.

Plano: Angulação da câmera. Pode ser plano geral, médio, americano, primeiro plano ou *stand-up* e primeiríssimo plano.

Povo fala: Também chamado de fala-povo, é a entrevista feita com várias pessoas – uma de cada vez –, que repercutem determinado assunto.

Sonora: É a fala do entrevistado na matéria.

Stand-up: Quando o repórter faz uma gravação no local do acontecimento para transmitir informações do fato. É usado quando a notícia que o repórter tem que dar é tão importante que, mesmo sem imagem, vale a pena.

Texto em off, ou off: Texto gravado pelo repórter – normalmente após a gravação da matéria. É a narração da notícia, colocada durante a matéria.

Vinheta: É o que marca a abertura ou intervalo do telejornal. Alguns eventos importantes também merecem vinheta

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEPEC – Associação Brasileira de Emissoras Públicas Educativas e Culturais.

ABTU – Associação Brasileira de TVs Universitárias.

AI – 05 – Ato Institucional número cinco.

ANATEL – Agência Nacional de Telecomunicações.

ANDIFES – Associação Nacional dos Dirigentes de Instituições Federais de Ensino Superior.

CNU –SP – Canal Universitário de São Paulo.

CRUB – Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.

FNDC – Fórum Nacional para a Democratização da Comunicação.

GJOL-UFBA – Grupo de Jornalismo On-line da Universidade Federal da Bahia.

IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística.

IES – Instituições de Ensino Superior.

TV Mackenzie – Televisão da Universidade Mackenzie de São Paulo.

MEC – Ministério da Educação e Cultura.

MINICOM – Ministério das Comunicações.

TVA – Serviço Especial de TV por Assinatura.

TVE – Televisão Educativa.

TV PUC – Televisão da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

TV São Marcos – Televisão da Universidade São Marcos – SP.

TV Uniban – Televisão da Universidade Bandeirante.

TV Unisa – Televisão da Universidade de Santo Amaro – SP.

TV UNIP – Televisão da Universidade Paulista – SP.

TV USP – Televisão da Universidade de São Paulo.

VHS – Very High Special – Frequência Muito Especial.

LISTA DE TABELA

Tabela 01 – Comparativo das TVs	42
---------------------------------------	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. UM OLHAR SOBRE A PRODUÇÃO INDIVIDUAL DE CONTEÚDOS	20
1.1 – FASES DA TELEVISÃO NO BRASIL	25
1.2 – ASPECTOS DO CAMPO DAS TVs UNIVERSITÁRIAS NO BRASIL	29
1.3 – PARTICULARIDADES DO OBJETO	31
1.3.1 - TV MACKENZIE	32
1.3.2 - TV PUC	34
1.3.3 - TV UNISA	36
1.3.4 - TV USP	38
1.4 – CONSIDERAÇÕES	40
2. MARCAS PARTICULARES DE JORNALISMO CIENTÍFICO ..	45
2.1 – A PERCEPÇÃO DO ACONTECIMENTO E A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA	49
2.2 – ESTRATÉGIAS DE APURAÇÃO	56
2.3 – O USO DOS RECURSOS DE LINGUAGEM TELEVISIVA ...	67
3. ANÁLISE DE TELEJORNALISMO CIENTÍFICO UNIVERSITÁRIO	72
3.1 – “A GENTE EXPLICA” – TV MACKENZIE	73
3.2 – “NOVA STELLA” – TV PUC	81
3.3 – “CONEXÃO SAÚDE” - TV UNISA	85
3.4 – “PGM” – TV USP	88
3.5 - CONSIDERAÇÕES	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
BIBLIOGRAFIA	107
ANEXOS	119
APÊNDICES	157

INTRODUÇÃO

O interesse em estudar como ocorrem os processos de produção de jornalismo científico em TVs universitárias remonta ao tempo de implantação da televisão educativa de sinal aberto da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Na TV UESB estive como diretor de jornalismo e administrativo em duas oportunidades: de junho de 2007 a maio de 2008 e de outubro de 2008 a maio de 2009. Das experiências vividas podem ser ressaltadas as visitas de aprimoramento e troca de conhecimentos com os dirigentes e os profissionais das televisões da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, da Universidade Federal de Lavras, da Universidade Mackenzie e da Universidade de São Paulo. Nelas se buscou observar, dentre outros afazeres, os processos produtivos de produtos televisivos que levassem ao público informações sobre ciência e tecnologia resultantes de pesquisas científicas. O objetivo naquela oportunidade era uma posterior adaptação no fazer cotidiano da TV UESB.

A memória dos fatos recém-mencionados motivou-me durante o mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina a amadurecer projeto de pesquisa que descrevesse e discutisse aspectos dos processos de produção de jornalismo científico nas televisões integrantes do Canal Universitário de São Paulo. Aos argumentos teóricos do *gatekeeping* e da *construção da notícia*, que demonstram como os acontecimentos são percebidos e construídos em forma de produtos jornalísticos com narrativas específicas por profissionais que os selecionam e transformam utilizando critérios mutáveis até serem publicados ou transmitidos, adicionaram-se leituras de dissertações e teses a respeito de televisões universitárias.

Os trabalhos acadêmicos sinalizavam que diferentes particularidades desse segmento de comunicação aos poucos se tornavam objeto de estudo em pesquisas de graduação e de pós-graduação em instituições de ensino superior brasileiras nos últimos anos. A literatura apontava que as atenções começavam a voltar para um setor em expansão, mobilizando professores, estudantes, técnicos, jornalistas e profissionais de rádio e televisão na produção de conteúdo televisivo “em aproximadamente 151 universidades, localizadas em todas as regiões do território nacional, especialmente nas regiões Sudeste e Sul do país” (RAMALHO, 2010).

Dentro desse cenário, o Canal Universitário de São Paulo, CNU, destacava-se por ter sido o pioneiro, há quase 16 anos, em reunir e transmitir a produção televisiva de universidades da capital paulista utilizando as prerrogativas do sistema de televisão por assinatura, regulamentado pela Lei 8.977, a Lei de TV por cabo. Ao longo dos anos essa produção passou a se caracterizar pelo uso constante dos gêneros jornalísticos em formato de reportagens externas e de entrevistas em estúdio. A qualidade da programação rendeu às TVs integrantes do CNU diversos prêmios de reconhecimento, como aqueles instituídos pelo concurso História dos Bairros, da Prefeitura de São Paulo, pelo Festival Aruanda de Vídeos Universitários, promovido pela Universidade Federal da Paraíba, pelo Festival de Cinema e Vídeo Científico do Mercosul, além dos prêmios ABS de Jornalismo e Alexandre Adler de Jornalismo Científico (DE THOMAZ, 2007).

Estudar os programas de jornalismo científico das TVs integrantes do Canal Universitário de São Paulo se justificava também porque poderiam servir de referência para a implantação ou correção de rumo de iniciativas similares em outras instituições de ensino superior, desde quando, ao menos, fosse proposta a discussão de como eles são produzidos. O intento ainda ganhava relevância pelo propósito de dar visibilidade a uma experiência acumulada há quase uma geração pelas televisões universitárias do CNU, que cotidianamente mobilizam profissionais de comunicação, disponibilizam tecnologia e fornecem condições para a produção de telejornalismo científico posteriormente reunido pelo Canal Universitário de São Paulo e distribuído através de operadoras de televisão por assinatura para a apreciação de um público heterogêneo de cerca de 140 mil telespectadores ao dia (LIMA, 2011).

Em reunião com os diretores executivos do CNU, em 21 de junho de 2011, obtivemos permissão para pesquisar *in loco* quatro TVs universitárias componentes da entidade: a TV Mackenzie, a TV PUC, a TV Unisa e a TV USP. A autorização também franqueava o acesso à cópia de toda programação inédita produzida pelas televisões durante os meses de setembro e outubro daquele ano. Aos diretores do Canal foi explicado que o interesse no material empírico se basearia nos programas de jornalismo científico “A Gente Explica”, da TV Mackenzie, “Nova Stella”, da TV PUC, “Conexão Saúde”, da TV Unisa e a revista eletrônica “PGM”, elaborada pela equipe da TV USP.

Para esclarecer aspectos do fazer jornalístico voltado para a confecção dos programas específicos das televisões acima mencionadas, a princípio se vislumbrou três problemáticas entrelaçadas passíveis de investigação:

(1ª)- Como são produzidos os programas de jornalismo científico exibidos pelo Canal Universitário de São Paulo?

(2ª)- Qual o perfil profissional dos jornalistas envolvidos na produção desses programas?

(3ª)- Que recursos organizacionais tecnológicos e de custeio são disponibilizados para a produção de jornalismo científico nas televisões integrantes do Canal Universitário de São Paulo?

Com a pretensão de encontrar respostas plausíveis, delineou-se como objetivo geral do projeto o propósito de descrever os processos produtivos, a cultura profissional dos jornalistas e a organização do trabalho, de cuja interpenetração resulta a construção dos programas de telejornalismo científico exibidos pelo Canal Universitário de São Paulo. Para esmiuçar um pouco mais a questão foram formulados dois objetivos específicos:

(1º) Verificar como as equipes de produção distinguem o acontecimento científico enquanto ocorrência jornalística.

(2º) Entender como se organizam para reunir, selecionar e processar informações a fim de construir uma narrativa e transformar o acontecimento científico em produto jornalístico para televisão.

O caminho escolhido para se chegar à meta fixada pelo objetivo geral e pelos objetivos específicos da pesquisa foi baseado em parte nas teorias do jornalismo que definem os processos de produção como sendo a capacidade do jornalista, refinada ao longo de quase duzentos anos de exercício da profissão, em “saber reconhecer” o acontecimento noticioso utilizando critérios inerentes à profissão que lhes desafia a “saber proceder” em busca de reunir documentos, depoimentos e indícios informativos das mais diversas fontes para corroborar a destreza de “saber narrar” um discurso que pode ter o poder de convencer, persuadir ou entreter, porque “as pessoas confiam em mediadores para transformar informações sobre bilhões de eventos em um subgrupo gerenciável de mensagens midiáticas” (SHOEMAKER & VOS, 2011, p 11). Uma atuação que nas sociedades industriais de comunicação de massa, conforme os pesquisadores Pamela Shoemaker e Tim P. Vos (2011), é condicionada no interior de organizações que ou se orientam para o mercado econômico visando aferição de lucros ou se dirigem para o mercado de idéias por possuírem amparo que lhes permitem perseguir metas de serviço público.

Nesse ambiente, o acontecimento científico é tipificado como “um fenômeno (...) determinado histórica e culturalmente” (ALSINA, 2007, p 116) que ao ser narrado e publicado no formato de produto

jornalístico pode obter a credibilidade do público e talvez encontrar sua transcendência como construtor da realidade social. Na concepção da pesquisadora Fabíola Oliveira, “divulgar ciência é acima de tudo ação política e estratégica, e o jornalista deve estar atento a isto... [porque]... os interesses políticos e econômicos são imensos na área de C&T e, assim, a manipulação da informação é sempre um risco a ser considerado” (2002, p. 50).

Para investigar o jornalismo científico e o seu respectivo processo de produção televisiva na TV Mackenzie, TV PUC, TV Unisa e TV USP, esta pesquisa se amparou em diversas publicações, mas, principalmente, nas obras *Teoria do Gatekeeping* (2011) de autoria de Pamela J. Shoemaker e Tim P. Vos, *Diálogos Entre Ciência e Divulgação Científica* (2011), organizada pelos professores Cristiane Machado Porto, Antonio Marcos Pereira Brotas e Simone Terezinha Bortoliero, *Jornalismo e Acontecimento* (2011), organizada por Márcia Benetti e Virgínia Pradelina da Silva Fonseca, *A Teoria da Agenda* (2009) de Maxwell McCombs, e *A Construção da Notícia* (2009) de Miquel Rodrigo Alsina, além do clássico *Manual de periodismo Científico* (1997), de Manuel Calvo Hernando.

Estas obras discorrem sobre teorias que explicam como são exercidas as articulações, conexões e relações entre os jornalistas e as organizações do trabalho ao longo do processo de produção, circulação e consumo dos produtos jornalísticos, neste caso, de jornalismo científico. Para efeito de investigação, a presente pesquisa se ateve apenas aos processos de produção jornalística, em sintonia com a Linha de Pesquisa “Processos e Produtos Jornalísticos”, do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. A fim de estudar o caso da produção de telejornalismo científico do Canal Universitário de São Paulo, considerou-se como metodologia adequada aquela desenvolvida pelo Grupo de Jornalismo On-line da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, GJOL-UFBA (MACHADO, PALÁCIOS, 2008), por se tratar de um modelo de metodologia híbrida que emprega procedimentos de pesquisa quantitativa, centrada na análise de dados numéricos e estatísticos para o contraste das hipóteses, bem como de pesquisa qualitativa, interessada em estudar a experiência subjetiva e completa dos textos e indivíduos. A pesquisa aqui realizada utilizou tal metodologia com algumas adaptações. Neste ponto é preciso recordar que a problemática do projeto suscitava questionamentos os quais pediam procedimentos metodológicos quantitativos e qualitativos no intuito de encontrar respostas para as indagações formuladas. Assim, percorreram-se as três

etapas de planejamento de trabalho propostas pelo GJOL-UFBA, quais sejam:

1ª - Revisão bibliográfica das teorias e metodologias já produzidas em relação à problemática que a pesquisa propõe para delimitar o tema e desenvolve-lo distante da perspectiva do senso comum, acompanhada do mapeamento do campo para escolha e análise preliminar dos veículos de comunicação relacionados com o objeto de estudo;

2ª - Delimitação do objeto de estudo com a formulação de hipóteses de trabalho e do estudo de caso com pesquisa de campo nos veículos de comunicação;

3ª - Elaboração de categorias de análise a fim de organizar as informações obtidas em campo, processamento do material coletado e definição conceitual sobre as especificidades do objeto de estudo. Tais procedimentos sustentam uma atenção especial à redação final dos resultados alcançados, porque neste momento o pesquisador articula conceitos e reflete sobre as informações obtidas, avançando na estruturação do trabalho.

Centrado em questões originadas no “como” e no “por que”, notadamente quando se tem “pouco controle sobre os acontecimentos em fenômenos contemporâneos da vida real, o estudo de caso é uma investigação empírica que pode ser articulada através da observação direta dos acontecimentos, por entrevistas com as pessoas neles envolvidas e pela capacidade de lidar com uma ampla variedade de documentos e artefatos” (YIN, 2005, p.19, p.26, p.27, p.32).

Portanto, sob a perspectiva metodológica preconizada pelo GJOL-UFBA e pelo estudo de caso, para investigar o processo de produção de jornalismo científico em TVs universitárias, adotaram-se os procedimentos da observação direta com visitas às instalações das TV Mackenzie, TV PUC, TV Unisa e TV USP. Nos ambientes televisivos houve gravação de depoimentos dos dirigentes das televisões e dos editores dos programas de jornalismo científico “A Gente Explica”, “Nova Stella”, “Conexão Saúde” e “PGM”, exibidos com ineditismo pelo Canal Universitário de São Paulo entre os meses de setembro e outubro de 2011.

As visitas de observação às televisões mencionadas ocorreram entre março e abril de 2012. Elas foram realizadas com alternância e de acordo com a disponibilidade de tempo inflexível dos dirigentes, editores e apresentadores dos programas considerados como de jornalismo científico das televisões disponíveis para a aplicação da

pesquisa. As visitas se iniciaram pela TV USP, nos dias 15 e 21 de março de 2012, quando se entrevistou a diretora de jornalismo, Fabiana Mariz, e o diretor da televisão, Pedro Ortiz. Na TV Mackenzie os encontros se deram nos dias 16, 20 e 22 de março de 2012, obtendo-se a atenção do diretor Ricardo Leite e do roteirista e jornalista Marcelo Dias. Na TV PUC a recepção ao pesquisador se deu através do diretor da televisão, professor Julio Wainer, e do apresentador do programa “Nova Stella”, professor José Luis Goldfarb, nos dias 26 e 27 de março deste ano. Quanto à TV Unisa, o encontro pessoal com o diretor Francisco Cláudio Lemos somente foi marcado por ele no dia 12 de abril de 2012, disponibilizando apenas uma hora de atenção da sua agenda de compromissos.

Para entrevistá-los, três ferramentas técnicas metodológicas foram previamente elaboradas. A primeira ficou configurada na forma de entrevista dirigida denominada Estratégias de Abordagem das TVs Universitárias (Apêndice I), com a qual se pretendia obter informações genéricas em dois níveis: o primeiro, Individual, voltado para o levantamento de dados sobre qualificação profissional dos membros das equipes, hábitos cotidianos de produção televisiva, jornada de trabalho, dentre outros, e o segundo, Organizacional, para identificar a localização institucional da TV na Universidade, o espaço físico de produção, remuneração e contratação trabalhista. A segunda ferramenta construída se tratava de um Questionário Dirigido (Apêndice II) para levantar o perfil dos jornalistas atuantes na TV Mackenzie, TV PUC, TV Unisa e na TV USP. Entretanto, o contato com os jornalistas das televisões não foi viabilizado por indisponibilidade de tempo na agenda deles e por falta de interesse dos dirigentes das TVs em encaminhar os questionários para os seus subordinados. Portanto, quando das visitas às televisões universitárias ficou nítido que não haveria resposta para a segunda problemática prevista como passível de investigação na elaboração deste projeto. Por fim, a terceira ferramenta metodológica se materializou através de perguntas norteadoras de Entrevista Aberta ou Semi-estruturada (Apêndice III), as quais se desdobravam em novos questionamentos todas as vezes que se conquistava a confiança do entrevistado.

À época da finalização do trabalho de campo, o pesquisador já houvera selecionado da programação do CNU, transmitida entre os meses de setembro e outubro de 2011, as suas fontes documentais. Elas estavam representadas pelas gravações de uma edição do programa de jornalismo científico da TV Mackenzie “A Gente Explica”, composto de notícias, reportagens externas e entrevistas de estúdio, por três edições

do “Nova Stella”, da TV PUC, somente com entrevistas gravadas em estúdio, por três edições do “Conexão Saúde”, da TV Unisa, cujo conteúdo da mesma forma é composto só por entrevistas em estúdio, e por uma edição do programa “PGM”, da TV USP, onde são exibidas notícias, reportagens externas e entrevistas em estúdio. Em meados de abril de 2012, também já tinham sido transcritas as entrevistas gravadas com os dirigentes, editores e apresentadores da referida programação televisiva. A partir desse ponto, o trabalho se voltou para a estruturação das categorias de análise que permitiriam o processamento do material coletado, de onde se poderia extrair a concepção de jornalismo científico que motiva os processos de produção das equipes de televisão pesquisadas no Canal Universitário de São Paulo.

Tais categorias de análise repousam (1º) na percepção do acontecimento científico pelos jornalistas envolvidos na produção televisiva; (2º) nos procedimentos profissionais que utilizam para abordar os acontecimentos percebidos e na construção das narrativas dos programas de jornalismo científico endereçados aos telespectadores. Nessa perspectiva, ao longo da análise foram esclarecidos alguns pontos sobre as equipes de produção que lidam com os fatos no momento da distribuição de pautas, escolha das fontes, contextualização dos acontecimentos e inovação da linguagem televisiva. Além disso, como se dá a inserção do contraditório nas reportagens e entrevistas, respeitando-se a fixação dos limites de liberdade jornalística estabelecidos em proporções diferentes para cada televisão do CNU.

Nas páginas seguintes, a dissertação se propõe a trazer informações a respeito da implantação das TVs universitárias no Brasil, singularidades do Canal Universitário de São Paulo e particularidades da TV Mackenzie, TV PUC, TV Unisa e da TV USP. Já num segundo momento, pretende-se amadurecer conceitos sobre os processos de produção de jornalismo científico tomando como referência os programas “A Gente Explica”, “Nova Stella”, “Conexão Saúde” e “PGM” como integrantes da grade de programação *broadcasting* do Canal Universitário de São Paulo. Por fim, busca-se o confronto entre aspectos dos depoimentos dos diretores, editores e apresentadores das televisões pesquisadas com passagens dos programas elaborados por eles, na tentativa de apurar se aquilo que falam e o que produzem estão em sintonia com as teorias do jornalismo correspondentes às categorias de análise elencadas nessa dissertação.

CAPÍTULO I

1. UM OLHAR SOBRE A PRODUÇÃO INDIVIDUAL DE CONTEÚDOS

Os dirigentes da Associação Brasileira de Televisões Universitárias (ABTU), entidade implantada há 13 anos no país, definem este segmento de comunicação com o seguinte conceito: “televisão universitária é aquela produzida por Instituições de Ensino Superior (IES) e transmitida por canais de televisão (abertos ou pagos) e/ou por meios convergentes (satélites, circuitos internos de vídeo e internet), voltadas estritamente à promoção da educação, cultura e cidadania” (MAGALHÃES, 2002, p.15). Este processo de produção de conteúdos geralmente envolve a participação de profissionais em Jornalismo, Rádio e Televisão, além de técnicos, estudantes e professores universitários.

Com algumas contradições que lhe são peculiares, as quais serão apontadas mais adiante, tal processo de produção ainda se sedimenta e busca adequações práticas através de experiências diversas nas universidades públicas e privadas acumuladas ao longo dos últimos 18 anos, desde a promulgação da Lei 8.977, em 06 de janeiro de 1995, posteriormente regulamentada em 14 de abril de 1997, que trouxe no seu bojo o advento das TVs universitárias. A referida Lei é considerada como o marco regulatório de televisão por assinatura no país, através do qual se instituiu o “Serviço de TV por Cabo”. A constituição legal dos “canais básicos de utilização gratuita”, dentre eles o da TV universitária, previsto no Artigo 23, inciso I, letra E, da Lei 8.977, foi resultado de acalorados debates e “intensas disputas que ocorreram na sociedade brasileira no início dos anos 1990” (LIMA, 2011, p.139). No eclodir do processo de globalização das economias que marcou aquela época, “com câmeras VHS em mãos, os mais heterogêneos grupos sociais – de deficientes mentais a índios aldeados, de moradores de periferias urbanas a militantes camponeses – passam a produzir um novo imaginário, que contesta o monolitismo da cultura televisiva comercial” (PRIOLLI, 2000, p.21).

Em meio à efervescência político/social que marcou os primeiros anos da década de 1990, os ideais de democratização da comunicação propagados pela Federação Nacional dos Jornalistas

(FENAJ) ganharam espaço na mídia, forçando os interlocutores do Estado e da sociedade civil a debaterem a inclusão das TVs universitárias sob o manto da Lei 8.977 (LIMA, 2011). A proposta mobilizou a atenção dos representantes do Ministério das Comunicações (Minicom) e da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), assim como, dentre outros, dos membros do Fórum Nacional para a Democratização da Comunicação (FNDC), da Associação Brasileira de Emissoras Públicas Educativas e Culturais (ABEPEC), do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB) e da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES). Considerada, à época, como uma das mais democráticas e avançadas do mundo, a Lei da TV a Cabo abriu “perspectivas inéditas para o exercício da cidadania, além de gerar a expansão do mercado para profissionais da área de comunicação social” (MATTOS, 2000, p.143).

Na segunda metade da década de 1990, após a regulamentação da “Lei de TV a Cabo”, articulações promovidas pelo reitor Cláudio Lembo, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, e pelo jornalista Gabriel Priolli, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, possibilitaram a formação de um condomínio entre nove universidades da capital paulista em torno do Canal Universitário de São Paulo, implantado em 10 de novembro de 1997. Naquela oportunidade, o CNU foi inaugurado com a participação da TV USP, da Universidade de São Paulo, TV PUC, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, da TV UNIP, da Universidade Paulista, da TV Uniban, da Universidade Bandeirante, da TV UNIFESP, da Universidade Federal de São Paulo, da TV Unisa, da Universidade de Santo Amaro, da TV Mackenzie, da Universidade Mackenzie, da TV São Judas, da Universidade São Judas Tadeu e da TV UNICSUL, da Universidade Cruzeiro do Sul. A iniciativa se caracterizou como a primeira experiência no país a reunir e veicular a produção individual de TVs universitárias compartilhando um mesmo canal de televisão por assinatura, conforme as prerrogativas da Lei 8.977.

O Canal Universitário de São Paulo surgiu com a missão de promover “a educação, pesquisa e extensão universitária (...) bem como (...) o desenvolvimento do indivíduo, seu preparo para o exercício da cidadania, o fácil acesso às informações e sua qualificação para o trabalho” (DE THOMAZ, 2007, p.14).

Considerado como uma extensão da pesquisa acadêmica, o CNU foi concebido como um lugar privilegiado da “tradução” do

conhecimento científico para o grande público, estreitando os laços entre as instituições de ensino e a comunidade em geral, que se via afastada da extensa produção científica das universidades do município de São Paulo (LIMA, 2011, p.167).

Desde o início ficou registrado no estatuto do CNU que a transmissão se dá de maneira conjunta, “mas a produção, a programação e a captação de recursos de custeio ficariam a cargo das mantenedoras das TVs integrantes do condomínio. O conceito básico do CNU, portanto, é o de antena coletiva, daí ter sido nomeado Canal Universitário e não TV Universitária”, conforme explicação do professor Daniel De Thomaz (2007, p.15).

Dessa forma, as universidades, individualmente, decidem sobre os conteúdos que pretendem oferecer ao público, o formato dos programas e o provimento dos meios técnicos e financeiros para viabilizá-los. As televisões produzem em média duas horas e meia de programação inédita por semana, composta principalmente por documentários, entrevistas e debates em estúdio, além de revistas telejornalísticas com reportagens externas. Cada programa tem a duração de 28 minutos, sendo exibidos em horários alternados de cinco a seis vezes ao dia, durante uma semana, na grade de programação do Canal Universitário de São Paulo.

Para formatar os conteúdos, os produtores lançam mão exaustivamente dos gêneros do discurso jornalístico, aqui entendidos como classes de textos que pelo viés da institucionalização se comunicam com a sociedade em que ocorrem (TODOROV, 1980). De acordo com Guilherme Rezende (2000), nos programas de jornalismo televisivo os gêneros utilizados podem ser de informação, como notas, notícias, reportagens e entrevistas, e de opinião, em forma de editoriais, comentários e crônicas. Quanto à temática, nas televisões universitárias investigadas ela vai desde a prestação de serviços na área de Medicina, reflexões religiosas, pesquisas científicas em andamento, projetos de extensão comunitária, perfis de professores ou personalidades culturais de destaque, dissertações de mestrado, teses de doutorado e relatórios acadêmicos de pós-doutorado, até as co-produções em parceria com Associações classistas de São Paulo, que em maior ou menor grau alimentam a produção das televisões integrantes do CNU. Os programas de entretenimento e teledramaturgia são raros na grade de programação do Canal Universitário de São Paulo.

Apesar do pioneirismo associado ao fato de ter se tornado uma organização fincada em bases administrativas estáveis, conceito que distingue o CNU no segmento das TVs universitárias por todo o país, ao

longo do tempo os dirigentes de três das nove universidades pioneiras do Canal Universitário de São Paulo encerraram as atividades de suas televisões e se retiraram do condomínio. Primeiro, a Universidade Federal de São Paulo, depois a Universidade Cruzeiro do Sul, e, recentemente, entre março e abril de 2012, a Universidade Bandeirante, recém-adquirida pelo grupo Anhanguera. O realinhamento da política de gestão institucional ou a repactuação de verbas nos orçamentos universitários foram alegados como motivos para a desfiliação das TVs. As alegações, pontuais ou não, desvelam a efemeridade que ronda as televisões universitárias como um todo, sujeitas às decisões políticas de quem provisoriamente está na gestão da Instituição de Ensino Superior, seja ela pública ou privada.

Portanto, quando se pensa sobre os possíveis conflitos internos e externos inerentes ao Canal Universitário de São Paulo, como o encerramento de atividade das TVs acima descrito, não se pode deixar de inquirir como a entidade se organiza para resolver os problemas do seu cotidiano. A instância máxima do CNU é o Conselho Gestor, composto por personalidades cujos nomes são indicados pelas reitorias de cada uma das universidades condominiadas. Em 2012, à época da pesquisa de campo dessa dissertação, o Conselho era constituído pelo presidente, Roberto Tambeline (Mackenzie), pelo vice-presidente Fernando Duch (Universidade São Judas) e por mais quatro outros integrantes, a saber: Ricardo Zanotta (PUC-SP), José Augusto Nars (UNIP), Júlia Lúcia da Silva (Unisa) e Alberto Carlos Amadio (USP). Eles se responsabilizam pelas grandes decisões como gerir receitas e despesas, sorteio e vigência dos horários de exibição da grade de programação, aplicação do código de ética, ingresso ou desfiliação de televisões universitárias ao CNU, dentre outros.

Da administração do Canal também faz parte uma Diretoria Executiva, eleita pelos membros do Conselho Gestor. Naquele momento, ela era composta pelo diretor executivo, Pedro Ortiz (USP), vice-diretor, Julio Wainer (PUC-SP), diretor administrativo e financeiro, Cláudio Lemos (Unisa), diretor técnico, Daniel De Thomaz (Mackenzie), diretor jurídico, Samuel Beloti (Mackenzie) e pela diretora de marketing, Silvia Cavalli (Universidade São Judas). O grupo é responsável pela operação efetiva do canal, ou seja, cabe a ele tomar deliberações para conservar o acervo e os equipamentos técnicos de gravação e transmissão da sede própria do CNU e manter no ar 24 horas de programação diária. O sinal de divulgação a cabo dos programas do Canal se efetiva via canal 11 da operadora de televisão por assinatura

NET e pelo canal 75 da operadora TVA. A programação é endereçada ao consumo de “140 mil pessoas/dia (...) que estão em casa “passando” pelo Canal Universitário de São Paulo (...), embora os diretores das TVs consorciadas não saibam identificar com clareza quem faz parte do universo do público telespectador” (LIMA, 2011, p.210 - 211).

No decorrer dessa investigação acadêmica soubemos extra-oficialmente que há alguns anos os gestores do CNU promoveram uma pesquisa para identificar o perfil do público telespectador do Canal. Entretanto, não nos foi permitido o acesso a esse material, por já ser considerado defasado. Assim, o perfil dos telespectadores do CNU pode ser inferido a partir de entrevistas de campo realizadas para a presente dissertação. Nessas entrevistas, por exemplo, a diretora de jornalismo da TV USP, Fabiana Mariz, ressaltou que produz

programas de televisão para aposentados, porque estão em casa e assistem o CNU, e jovens universitários.

Já Marcelo Dias, jornalista e roteirista do programa de jornalismo científico “A Gente Explica”, da TV Mackenzie, afirma que visa

cair no gosto da platéia, formada por telespectadores de cultura mediana, constituída por donas-de-casa e estudantes de segundo grau.

No entendimento do diretor da TV PUC, Julio Wainer,

nós gozamos de credibilidade junto aos estudantes e professores das universidades, muito embora saibamos que eles não são os nossos telespectadores diretos.

Nesse aspecto, o diretor da TV Unisa, Cláudio Lemos, mostra-se pontual:

difícilmente nós fazemos programas para o universitário porque ou ele está na escola, ou ele está no esporte, ou está namorando e se divertindo com os amigos. Parece até um paradoxo: os universitários querem a televisão como local de

estágio ou para divulgar os trabalhos que fazem, mas para assistir, acho que não.

Essas formulações, os dados de pesquisa apresentados até aqui e as observações de campo levam a considerar que as TVs universitárias integrantes do CNU produzem uma grade de programação restrita, que serve de vitrine para as atividades de graduação, pesquisa e extensão das universidades mantenedoras. Essa programação é endereçada presumivelmente para um público acima dos 35 anos de idade, com poder de compra suficiente para adquirir informações e entretenimento através de canais de televisão por assinatura.

Percebe-se também que a construção reiterada de programas em estúdio e o uso corriqueiro dos gêneros jornalísticos pelas TVs universitárias pesquisadas talvez possam reduzir custos de produção e angariar credibilidade, porém atraem muito pouco o público universitário, a não ser quando servem de aprimoramento profissional para os estudantes estagiários ou para a divulgação de produtos criados nos laboratórios dos Cursos de Comunicação.

Por fim, infere-se ainda o caráter efêmero das TVs universitárias cuja existência, mesmo sendo reconhecida oficialmente pelos Conselhos Superiores das Universidades ou fazendo parte do organograma funcional das Instituições de Ensino Superior, fica à mercê da visão empreendedora e dos aportes de verbas institucionais viabilizados pelos gestores do momento.

1.1 – FASES DA TELEVISÃO NO BRASIL

Ao tempo do advento das TVs universitárias no Brasil, na segunda metade da década de 1990, os telespectadores brasileiros já gozavam de largo conhecimento, na verdade há mais de 45 anos, sobre transmissões, programação e acesso a produções televisivas. Desse modo, considera-se indispensável resgatar passagens do estudo cronológico sobre a implantação da televisão no Brasil, onde Mattos (2000) distingue seis fases distintas, cinco das quais aqui serão destacadas por precederem e situarem as circunstâncias que influenciaram as TVs universitárias a ser como são.

Da primeira delas, tida como a “fase elitista”, de 1950 a 1964, emerge o pioneirismo de Assis Chateaubriand, responsável pela transmissão das primeiras imagens e sons através da TV Tupi, Canal 3,

no dia 18 de setembro de 1950, em São Paulo. Embora seja até hoje uma concessão pública outorgada pelo Estado, a televisão brasileira nasceu como um empreendimento particular de cunho comercial, com programação inteiramente regional e ao vivo, copiando o formato e a linguagem dos programas de rádio, de onde também atraiu atores, técnicos e investimentos publicitários. O televisor era um artigo de luxo ao qual apenas a elite tinha acesso.

Ao final dos anos cinquenta já funcionavam dez emissoras de televisão, dentre as quais Continental, Excelsior e Record, bem como se expandia o oligopólio dos Diários Associados, de Chateaubriand, em diversas capitais estaduais. Com a importação do aparelho de videoteipe, “caríssimo, chegou ao Brasil apenas no início de 1960, por força de uma necessidade incontornável: cobrir as festas de inauguração da nova capital, Brasília” (PRIOLLI, 2000, p.17), passou-se a gravar e exibir programas em horários preestabelecidos, criando-se junto aos telespectadores o hábito de assistir televisão.

A segunda fase, tida como “populista”, durou de 1964 a 1975 e foi marcada pela ascensão dos militares ao poder central do país. Sob a égide da política de Segurança Nacional, idealizada na Escola Superior de Guerra, o crescimento “foi centrado na rápida industrialização, com tecnologia e capital externos (...) os veículos de comunicação de massa, principalmente a televisão, passaram a exercer o papel de difusores não apenas da ideologia do regime como também da produção de bens duráveis e não duráveis” (MATTOS, 2000, p.102). No bojo da “estratégia de Integração Nacional, os militares investiram na Rede Básica de Microondas, interligando as diversas regiões do país por sistemas confiáveis de telefonia e transmissão de TV, rádio e dados” (PRIOLLI, 2000, p.18).

Ao mesmo tempo, estabeleceu-se na economia o crédito direto ao consumidor, que permitia a aquisição de um televisor em 12, 24 ou 36 meses. Neste período, a TV Globo obteve o respaldo financeiro e técnico do grupo norte americano Time-Life, adaptou publicitariamente seus programas para os diferentes gostos do público para, enfim, transformar-se em breve tempo no novo oligopólio televisivo, com a chancela dos generais. Com o endurecimento do regime militar em 1969, personificado pelo Ato Institucional nº 05 (AI-5), estabeleceu-se a censura prévia aos veículos de comunicação, quando “todas as garantias e liberdades ficaram suspensas. As proibições dirigidas aos telejornais vinham geralmente por telefone (“Tal assunto está proibido”) provocando confusões frequentes (“Mas quem está falando aí?”) (SIMÕES, 2000, p.72).

A terceira fase da televisão no Brasil, denominada de “Desenvolvimento Tecnológico”, está situada entre os anos de 1975 a 1985. Seguindo a classificação de autoria do professor Sérgio Mattos (2000, p.130-131) ela “caracteriza-se, pois, pela padronização da programação televisiva em todo o país e pela solidificação do conceito de rede de televisão”. Ao se firmar como o mais importante veículo publicitário, o segmento televisivo captou investimentos de corporações multinacionais, que se tornaram seus maiores anunciantes, exercendo influência direta sobre o conteúdo transmitido, utilizando-se de agências de publicidade contratadas para intermediar seus interesses. No plano cultural, todas as regiões compartilhariam, via TV, uma mesma imagem do Brasil, e de suas características, inteiramente construída no Sudeste. “A visão que os brasileiros têm de si mesmos e do país, passou a ser mediada fortemente pelo ponto de vista do eixo Rio - São Paulo” (PRIOLLI, 2000, p.19).

Conforme relato da pesquisa de MATTOS (2000, p.133), “no final desta terceira fase, constata-se a existência de quatro redes comerciais operando em escala nacional (Bandeirantes, Globo, Manchete e SBT), duas regionais (Record, em São Paulo, e Brasil Sul, no Rio Grande do Sul) e uma rede estatal (Educativa)”. Nesta mesma circunstância, os números do censo nacional revelaram que 55% de um total de mais de 26 milhões de residências já estavam equipados com aparelhos de televisão. Em pesquisa promovida entre três mil telespectadores homens e mulheres, o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística, IBOPE, constatou que o telejornalismo era a principal fonte de informação da população. Ainda durante o período do “Desenvolvimento Tecnológico” da televisão brasileira o general/presidente Ernesto Geisel revogou em 1978 o Ato Institucional nº 5, que dentre outras medidas de exceção instituíra a censura prévia no conteúdo dos veículos de comunicação do país desde 1969. O AI-5 foi revogado cerca de três anos depois de o jornalista Vladimir Herzog, diretor de jornalismo da TV Cultura de São Paulo, ter sido “convocado a comparecer às instalações do DOI-CODI para um depoimento e de lá não saiu vivo. Foi assassinado nos porões da repressão militar e (...) sua morte (...) evidenciou que a ideologia da Segurança Nacional só trazia insegurança e pavor aos brasileiros” (SIMÕES, 2000, p.83 - 84).

Ao se descortinar a fase da “Transição e da Expansão Internacional”, de 1985 a 1990, já se sabia que “o Estado militarizado conseguiu o que pretendia (...) espetou antenas em todo o território brasileiro e ofereceu a infraestrutura para que o país fosse integrado.

Integrado via Embratel. O resto do serviço foi executado pelas grandes redes, com a Globo na primeira fila” (BUCCI, 2005, p.16). No tempo da transição no comando do poder federal dos militares para os civis, as principais mudanças no setor midiático foram decorrentes da promulgação da Constituição de 1988, apresentando texto específico sobre comunicação social no Capítulo V. “A nova Constituição estabelece o fim da censura e, no seu lugar, surge o sistema de classificação etária, destinado a orientar a programação das emissoras”. (SIMÕES, 2000, p.92).

Nessa fase também houve, conforme Mattos (2000), um verdadeiro festival de concessões de canais de rádio e de televisão. No período de 1985 a 1988 foram outorgadas noventa concessões de canais de televisão, numa manobra que ajudou a garantir ao então presidente José Sarney “um ano a mais do seu governo” (MATTOS, 2000, p.138). Outro ponto de realce nesse período é atribuído à maturidade técnica e empresarial que impulsionou as grandes redes a vender os seus produtos no mercado internacional, além de lhes ter assegurado grande poder de influência política. O professor Sérgio Mattos reitera: “pela primeira vez na história brasileira, foi possível acompanhar todo o processo eleitoral e os debates entre os candidatos, transmitidos ao vivo pela televisão” (idem, p.138).

Em correlação com alguns fatos da cronologia anteriormente relatada, quando a TV universitária aportou na academia, na quinta fase, a da “Globalização e da TV paga” (1990 – 2000), o veículo foi recebido sob suspeita e desconfiança. Conforme recorda a professora Marília Franco, responsável pela implantação da TV USP, havia um preconceito reiterado entre os pesquisadores em refletir acerca da produção televisiva, suas práticas culturais, características tecnológicas ou sobre os seus métodos de gestão. Assim, quando a TV universitária começa a fazer parte do cotidiano das instituições de ensino superior, “o primeiro enfoque sobre a televisão, dado pelo mundo acadêmico, foi o de ter que absorver um corpo estranho no seu sistema pensante, equilibrado entre a solidez das ciências duras, a racionalidade e os métodos objetivos das ciências humanas e o pragmatismo das ciências aplicadas” (FRANCO, 2004, p.118).

Entretanto, alguns professores, servidores técnicos, estudantes e profissionais acreditaram nas potencialidades e aceitaram o desafio de construir a TV universitária, “como um dispositivo audiovisual através do qual uma civilização pode exprimir a seus contemporâneos os seus próprios anseios e dúvidas, as suas crenças e descrenças, as suas inquietações, as suas descobertas e os vãos de sua imaginação”

(MACHADO, 2000, p.11). Eles levaram o projeto adiante em várias instituições de ensino superior do país e nessa empreitada se registra o desempenho da TV Campus, da Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, e da TV PUC, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, contemporâneas desde 1991 no pioneirismo da produção de programas experimentais transmitidos via cabo (PRIOLLI, 2004).

1.2 – ASPECTOS DO CAMPO DAS TVS UNIVERSITÁRIAS NO BRASIL

Quinze anos depois da promulgação da “Lei da TV por Cabo”, ao defender em 2010 a tese de doutorado “O perfil da TV universitária e uma proposta de programação interativa”, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, a professora Alzimar Ramalho apresentou um panorama recente sobre o campo das TVs universitárias no país. Segundo dados obtidos pela pesquisa promovida com o apoio da Associação Brasileira de TVs Universitárias (ABTU) atualmente 151 instituições de ensino superior declararam produzir conteúdo para TV universitária. A transmissão dos conteúdos pode se efetivar tanto através de TV Educativa de sinal aberto, por difusão a cabo, pela internet e em circuito interno ou pela associação de dois ou três desses meios. Dados apresentados pela pesquisadora demonstram também que a região Sudeste possui o maior número de instituições de ensino superior com TV universitária, seguida pelas regiões Sul, Nordeste, Centro-Oeste e Norte do país.

O resultado da pesquisa (RAMALHO, 2010, p.92) também revela que “67% das TVs são ligadas à reitoria ou à presidência da mantenedora, 19% a cursos da área de Comunicação Social, 11% são ligadas a pró-reitorias de ensino ou de extensão e 3% subordinadas a vice-reitorias ou a órgãos executivos”. Quanto às fontes de financiamento, quase que a totalidade das TVs universitárias identificadas pela pesquisadora depende unicamente do orçamento da instituição onde estão implantadas. Somente 16% delas acrescentam a estes recursos uma verba de apoio cultural, “embora não passando de 10% dos recursos utilizados para sua manutenção”. Neste quesito, de acordo com Ramalho (2010), o único caso de auto-suficiência coube à TV Viçosa, da Universidade Federal de Viçosa-MG, sustentando-se com apoios culturais e lei de incentivo à cultura.

Em consulta promovida pelo professor Daniel De Thomaz junto aos dirigentes das TVs associadas da ABTU no ano de 2007, apurou-se que o orçamento médio anual do segmento era de R\$ 500 mil e a estrutura básica das TVs composta por quatro ilhas de edição, um estúdio, seis câmeras para externas e estúdio, 15 funcionários e um veículo próprio. Dispondo desses recursos e diante da diversidade de temas inerentes ao mundo acadêmico e à comunidade social onde está inserida, a “televisão universitária também pode ser múltipla e plural, oferecendo informação, educação e entretenimento compatíveis com o rigor que se espera de uma instituição de ensino superior” (PRIOLLI, 2007).

Nesse ritmo, a TV universitária poderia explorar, no entender idealista de Priolli à época, um jornalismo diferenciado ao menos na cobertura mais contextualizada de educação e ciência, conteúdos por excelência da Academia. Além disso, promover o esporte, o teatro e a música, bem como divulgar uma infinidade de serviços gratuitos e de baixo custo disponibilizados à população. Na concepção do professor, também caberia à TV universitária incentivar experimentos audiovisuais do público interno e externo das IES, assim como buscar independência editorial para promover a permanente análise crítica do sistema televisivo e dos meios de comunicação em geral.

Este entendimento, em boa dose já transformado em iniciativas práticas como será visto logo adiante na sinopse dos programas produzidos pelas equipes da TV Mackenzie, TV PUC, TV Unisa e da TV USP, também é compartilhado pelo diretor executivo do Canal Universitário de São Paulo, Pedro Ortiz que, em depoimento para esta pesquisa, esclareceu como as televisões universitárias podem proceder atualmente:

Nós não somos uma televisão comercial. Portanto, não estamos preocupados em “vender” qualquer produto e, por isso mesmo, podemos nos dar ao luxo de buscar outros enfoques. Trabalhamos com uma liberdade muito maior não só de tempo, porque não produzimos uma televisão que requer programas inéditos diários, ela é semanal, além de elencar pautas que fogem do lugar comum, debatendo os assuntos a partir da Universidade. A gente pode ousar formatos, linguagens e abordagens alternativas e, se não der certo, recomeçar sem atropelos e sem o risco de prejuízo

comercial. Quanto à prática do jornalismo, tem que ter apuração rigorosa, checagem de informação, ouvir várias versões, ter ética, enfim, produzir uma boa reportagem com conteúdo que situe e forme cidadãos.

Apesar do idealismo e das abordagens alternativas que motivam a produção televisiva das TVs universitárias, durante a pesquisa de campo foi observado que na própria Universidade de São Paulo alguns cientistas da Instituição preferem dar prioridade de divulgação das suas pesquisas às TVs comerciais, dificultando ou se negando a apresentar o material científico ou conceder entrevistas para os repórteres da TV USP. Um costume que ao longo dos anos não se restringe à Universidade de São Paulo, porque é comum que professores desdenhem das entrevistas que concedem a canais universitários, mas não se vê a mesma indiferença quando quem os convida a falar é o Jornal Nacional (PRIOLLI, 2007).

Mesmo depois de quase 15 anos de serviços prestados e de experiência acumulada no ofício de produzir programação televisiva, a comunidade acadêmica parece ainda relutar em perceber o papel das televisões universitárias. “Infelizmente até hoje isto ainda não está esclarecido na cabeça de algumas pessoas”, explicou o diretor executivo do CNU, Pedro Ortiz. Ele garantiu que reiteradamente tenta demonstrar nos encontros com gestores, professores, servidores e estudantes do meio acadêmico quais são os objetivos, os espaços midiáticos disponíveis e como está estruturada a programação veiculada através do Canal Universitário de São Paulo.

1.3 – PARTICULARIDADES DO OBJETO

Os dados informativos a respeito das televisões integrantes do Canal Universitário de São Paulo que aceitaram colaborar com esta pesquisa foram acessados através de documentos e de contato pessoal com os dirigentes, editores e apresentadores dos programas de jornalismo científico nas instalações das próprias TVs. Cada encontro durou, em média, três horas. Na oportunidade foram utilizados instrumentos metodológicos como o questionário pré-formulado de entrevista dirigida para todos os diretores das televisões, além de perguntas norteadoras, componentes de entrevista semi-estruturada ou

aberta, para os diretores de jornalismo, editores e apresentadores da programação apreciada em análise. Algumas informações a respeito das televisões investigadas são as que se seguem:

1.3.1 – TV MACKENZIE

Nas instalações da TV Mackenzie o presente pesquisador foi recebido em audiência no dia 16 de março pelo pastor presbiteriano e professor Ricardo Leite, atual diretor geral da televisão. A ele foi endereçado o questionário de entrevista dirigida, denominado Estratégias de abordagem das TVs universitárias (Apêndice I), posteriormente respondido por escrito via e-mail. Nos dias 20 e 22 de março, o jornalista e roteirista do programa de jornalismo científico “A Gente Explica”, Marcelo Dias, em Entrevista semi-estruturada (Apêndice III) ofereceu dados mais específicos a respeito de jornalismo científico produzido na televisão.

Com eles se soube que a TV Mackenzie faz parte do núcleo do CRT – Centro de Rádio e Televisão Mackenzie, lotado na reitoria da Universidade. A televisão é um departamento que atende a todas as áreas da Instituição, produzindo programas tanto para o Canal Digital Experimental, que funciona em circuito interno, quanto para a programação do Canal Universitário de São Paulo. Da equipe de produção fazem parte três jornalistas, três editores de imagens, três operadores de câmeras, uma coordenadora de produção, um coordenador geral e um assistente de coordenação, além de seis estagiários dos cursos de Jornalismo/Publicidade e Propaganda. Apenas dos jornalistas é exigida formação acadêmica na área. Dos outros profissionais se pede qualificação profissional e apurado conhecimento técnico.

A jornada média de trabalho é de seis horas diárias e 30 semanais. Todos os dias há confecção e apuração de pautas, roteirização de textos e gravação de entrevistas, além da edição de programas. O estúdio de 100 metros quadrados da TV Mackenzie, recentemente reformado para a utilização de cenário virtual, é utilizado semanalmente para a gravação de entrevistas. O material resultante de gravações externas e de estúdio é captado através de câmeras *Full HD* e posteriormente tratado e pós-editado em três ilhas de edição não linear, com sistema operacional “*Final Cut*”.

A TV Mackenzie não possui um “Regimento Funcional” instituído, nem mesmo “Manual de Redação” específico. A contratação dos profissionais se dá com base nas prerrogativas da Consolidação das Leis do Trabalho, CLT. Extra oficialmente foi apurado que a remuneração média dos jornalistas é de R\$ 3.000,00 (três mil reais) e os custos da televisão, com salários inclusos, estão na casa dos R\$80.000,00 (oitenta mil reais) por mês ou R\$ 960.000,00 (novecentos e sessenta mil reais) ao ano.

Mais de um programa da TV Mackenzie abre espaço para reportagens ou entrevistas que abordam temas científicos. Além do “A Gente Explica”, totalmente dedicado aos assuntos do mundo das ciências e das tecnologias, o programa “Tela Mackenzie” costuma entrevistar professores envolvidos em pesquisas acadêmicas. No programa “Os Profissionais”, pessoas atuantes no mercado de trabalho revelam detalhes do seu ramo de atividade, destacando o uso de inovações tecnológicas. No programa “Café Pensamento”, professores de Filosofia também tratam dos rumos e evolução das ciências e no “Macknotícias” as reportagens e os comentários sempre contemplam projetos de pesquisa acadêmica dos cursos de pós-graduação da Universidade.

Outros produtos que a equipe da TV Mackenzie produz para exibição no Canal Universitário de São Paulo são:

a - “Academia em Debate”, apresentado pelo Dr. Augustus Nicodemus Gomes Lopes. Trata-se de um programa de entrevistas, da Chancelaria da Universidade, que aborda temas acadêmicos relacionados com aspectos da religião presbiteriana.

b - “Fora de Série”, uma vitrine dos melhores documentários e vídeos produzidos por alunos de jornalismo do Mackenzie.

c - “Revista Eletrônica”, também a cargo dos estudantes de Telejornalismo.

d - “Espaço Público”, onde os direitos do cidadão são discutidos em formato de debates. O programa é produzido em parceria com a Secretaria de Justiça de São Paulo.

e - “Família e Sociedade”, apresentadores Fernando e Suênia Almeida, que recebem convidados para discutir temas relevantes do mundo.

f - “Autorretrato”, apresentado por Mário Valadão, em que cantores e compositores da Música Cristã expõem suas idéias e falam sobre cultura, fé e espiritualidade.

g - “Futura Universidade”, apresentado por Juliana Carreiro e Luisa Purchio, em parceria com o Canal Futura. Cada edição exibe cerca de seis reportagens relacionadas com saúde, educação, meio ambiente, cidadania, responsabilidade social e cultura.

h - “Programetes”, aborda aspectos diversos da Universidade com duração média de dois minutos. “Notas Musicais”, com o maestro Parcival Modolo, que responde perguntas sobre música e instrumentos, “Drops do Conhecimento”, com temas da atualidade, “Arena”, com alunos discutindo o cotidiano universitário, “Mackinando”, quando um profissional mostra a sua área de atuação, e “Este é o Livro”, no qual personalidades dão dicas de livros marcantes em suas vidas.

1.3.2 – TV PUC

O estúdio, as ilhas de edição e a sala de trabalho onde se reúnem os profissionais e estagiários da TV PUC funcionam no prédio anexo ao da reitoria da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no bairro de Perdizes. Em entrevista concedida pelo professor Julio Wainer, no dia 26 de março de 2012, colheu-se a informação de que o novo regimento da televisão acabara de ser aprovado pelas instâncias superiores da Universidade, que instituiu um Conselho de Programação para a TV, composto por membros da Fundação São Paulo, da Reitoria, da televisão e pelos diretores de todas as Faculdades integrantes da PUC. Conforme organograma hierárquico, as decisões administrativas da TV PUC ficam subalternas à anuência da Pró-reitoria de Cultura e Relações Comunitárias da Instituição.

Em média, cerca de um terço dos custos da TV PUC é assumido pela Universidade e dois terços cobertos por projetos em parceria com entidades classistas de São Paulo. Assim, a televisão produz séries de programas televisivos para o Conselho Regional de Psicologia e para a Associação dos Procuradores do Estado de São Paulo. As séries são exibidas por intermédio do Canal Universitário de São Paulo, como parte da cota da TV PUC na grade de programação do CNU. Os recursos financeiros provenientes da produção dos programas em parceria com as entidades classistas cobrem os custos da equipe da televisão em 50, 70 e até 100 por cento de suas despesas gerais e ainda possibilita a contratação de produtoras terceirizadas. Conforme depoimento do professor Wainer:

Nós temos uma equipe de profissionais e estagiários extremamente dedicada, que trabalha com compensação de horários. Sem isso seria impossível a gente fazer o que faz, porque gravamos aos sábados, aos domingos e à noite até mais tarde. Temos de entender que o desenho de produção varia muito ao longo do ano. Por exemplo, não tem assuntos que movimentem as pautas em janeiro, fevereiro e em março, que são meses quando a Universidade reduz suas atividades acadêmicas. A partir de abril, maio e junho pega fogo. Em julho estanca tudo de novo. Então, nesses meses eles entram de férias ou reduzem suas atividades ao máximo.

A equipe de produção da TV PUC, em termos de contratação trabalhista, é uma das mais antigas de todas as televisões universitárias transmitidas via cabo. Ela reúne cinco profissionais das áreas de Relações Públicas, Jornalismo e Rádio e Televisão, três técnicos em cinegrafia e sete estagiários. Por força de contratos antigos e outros mais recentes, a faixa salarial é muito desigual. Todos os funcionários da TV gozam de benefícios e incentivos proporcionados pela Instituição, como a chance de frequentarem gratuitamente os cursos de graduação e de pós-graduação oferecidos pela PUC de São Paulo.

Dentre as quatro televisões do CNU investigadas por esta pesquisa, a TV PUC é a que mais incentiva, dá suporte material e de recursos humanos aos professores da Universidade para que produzam produtos televisivos cujo ritmo de trabalho privilegie a gravação de programas em estúdio.

Este é o caso do programa de jornalismo científico “Nova Stella”, elaborado, produzido e apresentado pelo físico e professor de História das Ciências da PUC de São Paulo, José Luís Goldfarb. Em comum acordo com o diretor Julio Wainer, há seis anos Goldfarb imprimiu um ritmo de trabalho em que numa tarde grava de cinco a seis programas de entrevistas ininterruptamente, apenas alternando a presença dos seus convidados no estúdio da televisão. A TV PUC não dispõe de veículo e nem de equipe fixa de filmagem externa. O registro de imagens e sons fora do estúdio só acontece durante as co-produções ou quando se identifica uma ocorrência muito relevante, que justifique uma reportagem de destaque para o jornal exibido semanalmente. O

custo mensal da televisão gira em torno de R\$ 70.000,00 (setenta mil reais) incluindo salários e pequenas despesas de manutenção.

Além do já apresentado “Nova Stella”, os programas da TV PUC exibidos no Canal Universitário de São Paulo são os que se seguem:

a - “Pensar e Fazer Arte”, no gênero de entrevistas, trata-se de um projeto interdisciplinar oriundo do Grupo de Ensino e Pesquisa em Interdisciplinaridade da PUC-SP, ligado à Pós-graduação em Educação. Apresentação do professor Cláudio Picollo e direção de Geruza Zelnys de Almeida.

b - “APESP” – Associação dos Procuradores do Estado de São Paulo – série de programas de entrevistas acerca de assuntos jurídicos. Direção de Eduardo Ramos.

c - “Comunicantes” – Vídeos, documentários e filmes produzidos pelos alunos de Comunicação. Direção de Igor Gasparini.

d - “Diversidade” – Conselho Regional de Psicologia de São Paulo – Também de entrevistas. Direção de Eduardo Ramos.

e - “História dos Bairros” aborda aspectos históricos e atuais dos mais diversos bairros da cidade – Em parceria com a Prefeitura de São Paulo. Direção de Ricardo Martensen.

f - “Teodiversidade” – apresentado pelo professor do Departamento de Teologia, Jorge Cláudio Ribeiro, que através de entrevistas busca respostas para indagações do tipo “O que torna sagrado um texto sagrado?” ou “O que torna religiosa uma religião?”. Direção de Jorge Cláudio Ribeiro.

g - “Universidade Aberta” – Programa jornalístico da PUC-SP que discute assuntos contemporâneos a partir da comunidade acadêmica e traz ao público as novidades da Universidade. Direção de Igor Gasparini.

1.3.3 – TV UNISA

Ligada ao projeto de educação à distância da Universidade de Santo Amaro, as gravações dos programas da TV Unisa ocorrem de segunda a sexta-feira, das 17h00 às 19h30, em um dos oito estúdios televisivos da Instituição. Logo após a atividade da TV, o estúdio de gravação utilizado é transformado em sala de aula para cursos à distância oferecidos a estudantes em vários municípios do Brasil. Embora essa dinâmica de produção televisiva tenha sido relatada com

brevidade pelo jornalista Francisco Cláudio Lemos, há 15 anos diretor da TV Unisa, outras informações referentes aos custos de manutenção e recursos de investimentos na televisão não puderam ser obtidas, por falta de resposta ao Questionário Dirigido (Apêndice II) elaborado e endereçado aos dirigentes de todas as TVs pesquisadas.

Todavia, Lemos revelou que da equipe de produção sob a sua coordenação fazem parte um supervisor de jornalismo e cinco estudantes estagiários do curso de Comunicação. Eles são auxiliados por 12 técnicos cinegrafistas e editores de imagem, que se alternam entre as atividades da televisão, dos estúdios voltados para as aulas de educação à distância e nos laboratórios de telejornalismo da Universidade.

A equipe produz semanalmente uma média de quatro programas, cada um com 28 minutos de duração. Dos produtos telejornalísticos da TV Unisa, exibidos através do Canal Universitário de São Paulo, o programa “Conexão Saúde” é reconhecido pelos produtores da televisão como o que mais se aproxima do jornalismo científico, notadamente quando os médicos entrevistados discorrem sobre a metodologia e os resultados de pesquisas que fazem na área de Saúde.

Os programas da TV Unisa e suas respectivas sinopses são os que se seguem:

a - “Conexão Saúde” – Programa voltado à prestação de serviços na área da saúde, no qual são abordados temas da Medicina, Odontologia, Psicologia e Fisioterapia. Apresentação e Direção: Francisco Cláudio Lemos.

b - “Focados” – Os principais fatos da atualidade do meio empresarial, artístico, político, econômico e da internet são abordados em forma de entrevistas com personalidade das áreas em questão. Os estudantes e estagiários da Universidade de Santo Amaro se responsabilizam pelas pautas, produção, apresentação e edição do programa.

c - “Diálogo RP” – Neste programa o apresentador Eiko Enoki convida para entrevistas em estúdio profissionais da área de Relações Públicas, para discutir “cases” de relevância do mundo empresarial da Comunicação.

d - “Diálogos de Justiça” – Parceria entre a TV Unisa, a Faculdade de Direito da Universidade e o Instituto Paulista de Magistrados. O objetivo do programa é instruir a população para que tenha acesso à Justiça e que saiba reivindicar os seus direitos de cidadãos.

1.3.4 – TV USP

No final de 2012, juntamente com o Canal Universitário de São Paulo, a TV USP completou 15 anos de existência. Na oportunidade, o diretor da televisão, Pedro Henrique Ortiz, esperava que os integrantes dos conselhos superiores da Universidade aprovassem o regimento institucional da televisão. Da proposta de regimento em tramitação constava que a TV USP está definida como uma rede de televisão com a matriz na capital, São Paulo, e mais três núcleos no interior, Bauru, Piracicaba e Ribeirão Preto, com perspectiva de ampliação para Pirassununga, Lorena e Santos, municípios para os quais a Universidade estendeu a sua ação educativa *multi-campi*.

Quando da entrevista concedida a este pesquisador, Pedro Ortiz estava acompanhado pela diretora de jornalismo da televisão, Fabiana Mariz, responsável por dirigir os processos de produção de jornalismo científico que geram notícias e reportagens do programa “PGM”. Da equipe de 25 profissionais que trabalham na TV USP na capital e no interior, todos ingressaram na televisão através de concurso público. São jornalistas, profissionais da área de Rádio e Televisão e técnicos do ensino médio. Na capital paulista a eles se somam 14 estagiários dos diversos cursos da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

Na TV USP os jornalistas trabalham 30 horas semanais. Os outros profissionais e técnicos cumprem uma jornada de 40 horas. Quanto aos estagiários, quatro horas de trabalho diário. O salário inicial de um profissional técnico gira em torno de R\$ 3.800,00 (três mil e oitocentos reais) e para os profissionais de nível superior R\$ 5.600,00 (cinco mil e seiscentos reais). A remuneração é acrescida de auxílio creche, vale alimentação e benefícios salariais por tempo de serviço e desempenho em funções específicas. O valor da bolsa de estágio é de R\$800,00 (oitocentos reais) mais vale transporte. Em 2012 o orçamento previsto para a TV USP é de R\$600.000,00 (seiscentos mil reais) fora o pagamento de salários e bolsas de estágio. Para aquele ano estava previsto um aporte extra de recursos orçamentários de R\$900.000,00 (novecentos mil reais) destinados a sedimentar a expansão da rede USP de televisão em direção aos *campi* do interior de São Paulo.

Os programas produzidos pela equipe da TV USP e suas respectivas sinopses estão discriminados logo a seguir:

a - “Lugares no Campus” – O objetivo é fazer com que a comunidade interna e externa do *campus* Luiz de Queiroz, em

Piracicaba, possa conhecer e frequentar locais de destaque significativo para a Universidade. Direção: Amanda Ferreira.

b - “Caminhos” – Programa de reportagens que busca oferecer aos telespectadores roteiros turísticos interessantes a preços acessíveis no Brasil. O diferencial do programa é que ele conta com a consultoria dos alunos e professores do curso de Turismo do Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da ECA/USP. Direção: Fabiana Mariz e Alexandre Gennari.

c - “Trajetória” – O programa aborda a memória e os caminhos percorridos pelos professores e pesquisadores da Universidade de São Paulo. A carreira acadêmica, a vida pessoal, a atuação social e política são alguns dos temas tratados em entrevistas biográficas. A apresentação cabe ao professor da ECA/USP, Ricardo Alexino, e a direção é de Pedro Ortiz.

d - “PGM” – É a revista eletrônica da USP e sua meta é democratizar o conhecimento acadêmico e cultural da Universidade, aprofundando temas ignorados ou artificialmente abordados pela mídia comercial. Cada edição traz ciência, cultura, opinião e um espaço para experimentação de linguagens e formatos audiovisuais. Direção de Fabiana Mariz e Thales Figueiredo.

e - “Traquitana” – Exibe curtas metragens nacionais, com curadores que os escolhem e falam sobre eles, comentaristas que os analisam sob diversos aspectos a cada programa, ou promovendo um debate entre seus realizadores. Direção de Eduardo Kishimoto.

f - “Quarto Mundo” – Projeto que desenvolve, através da educomunicação, programas de televisão feitos por jovens e adolescentes moradores de São Paulo. Trata-se de uma parceria da TV USP com a Organização não Governamental Viração Educomunicação. Os jovens e adolescentes participam de todas as fases do projeto: elaboração de pautas, pesquisa, produção, gravação e roteirização. Direção: Luiz Prado.

g - “3x4” – O que uma Universidade faz? Em que medida aquilo que é estudado dentro da instituição pode contribuir para a sociedade? Responder a esse tipo de perguntas é o propósito do programa “Três por Quatro”, idealizado no núcleo da TV USP em Bauru. Todo mês os telespectadores passam a conhecer as pesquisas desenvolvidas na Faculdade de Odontologia e no Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais, notadamente aquelas que investigam o tratamento para fissuras labiopalatais. Direção: Paula Marques.

h - “Saber Saúde” – Interprograma sobre saúde e qualidade de vida, desenvolvido pelo núcleo da TV USP em Bauru. Direção: Paula Marques.

Do espaço que dispõem na grade de programação do Canal Universitário de São Paulo, os dirigentes da TV USP exibem também os programas “Pilotis” e “Contraponto”, produzidos por estudantes, professores e profissionais da TV PUC do Rio de Janeiro, que trazem situações do cotidiano daquela cidade.

1.4 – CONSIDERAÇÕES

Três quartos das televisões universitárias investigadas pela presente pesquisa, a saber, TV Mackenzie, TV Unisa e TV USP, embora participem do organograma administrativo das reitorias ou pró-reitorias das universidades onde estão inseridas há 15 anos, ainda não foram regimentalmente reconhecidas pelos conselhos superiores institucionais, que regulamentam, legalizam e provêm de recursos as instâncias merecedoras de credibilidade junto à comunidade acadêmica.

A exceção recai sobre a TV PUC, pioneira desde 1991 na transmissão de programas televisivos via cabo, que somente agora, no primeiro semestre deste ano, viu designado o seu Conselho de Programação, legitimando assim as suas atividades perante os dirigentes da mantenedora Fundação São Paulo, da Reitoria e de todas as Faculdades que integram a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

O reconhecimento oficial dos conselhos superiores, de igual modo perseguido pelos diretores da TV Mackenzie, TV Unisa e TV USP, não garante perenidade às televisões universitárias, mas a partir da devida aprovação e publicação do regimento, cria-se uma estabilidade difícil de ser abalada. Dispondo, portanto, de estabilidade institucional e financeira, nas TVs universitárias o planejamento para manutenção ou ampliação dos programas televisivos e de suas respectivas equipes de produção pode transcorrer com mais eficácia técnica, inovação de linguagens e compromisso educativo/cultural para com o público telespectador, retratando com mais liberdade o espectro temático plural da graduação, pesquisa e extensão do mundo acadêmico.

Apesar de condominadas e apresentadas ao público através do Canal Universitário de São Paulo, a TV Mackenzie, TV PUC, TV Unisa e a TV USP guardam peculiaridades quanto às relações de trabalho com

os membros das suas equipes de produção televisiva, sejam eles profissionais, estudantes estagiários ou professores colaboradores.

Contudo, de uma maneira geral, fica instituída extra-oficialmente com os profissionais das equipes de produção a troca das horas extras de trabalho nos meses de funcionamento pleno das universidades por folgas semanais ou, preferencialmente, concedidas naqueles períodos de menor atividade acadêmica. Esse acordo é uma prática trabalhista rotineira da TV PUC. Independentemente do número de integrantes das diferentes equipes de produção televisiva, a jornada de trabalho para a qual são contratados se estende por horas extras de gravação e edição de programas à noite ou nos finais de semana, notadamente entre os meses de abril, maio e junho, além de, posteriormente, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro.

Quanto à remuneração dos profissionais e técnicos, apenas na TV USP as regras da política salarial foram exibidas com transparência. Nesta televisão universitária, inserida numa instituição do Estado de São Paulo, há de se ressaltar o concurso público como a única forma de admissão de profissionais de nível superior e técnicos do ensino médio. A TV USP dá o exemplo e se distancia de televisões instaladas em outras universidades estaduais e federais do país, ao não compactuar com artifícios de contratação trabalhista por dispensa de licitação, terceirização de mão de obra ou nomeação para os cargos de funções específicas, os chamados “cargos de confiança”, de pessoas que não fazem parte do quadro de funcionários das universidades. Naquilo que diz respeito aos estagiários, a TV USP também é a única das quatro televisões pesquisadas a respeitar as prerrogativas da Lei 11.788, de 25 de setembro de 2008, que regulamenta o trabalho de estudantes em organizações públicas e privadas. Nas três outras televisões, os estudantes são selecionados como bolsistas de extensão.

No que tange ao relacionamento com os professores universitários, nas TVs investigadas eles são requisitados preferencialmente como fontes de informação para ilustrar reportagens ou participar de entrevistas e debates a respeito de temas apropriados à vida acadêmica ou relacionados ao cotidiano paulista. Além disso, ao verificar a sinopse da programação das quatro televisões também se percebe a participação de professores como apresentadores e co-diretores de programas de jornalismo científico, turismo, religião e saúde.

Vejamos na tabela que segue:

ITENS	TELEVISÕES			
	TV MACKENZIE	TV PUC	TV UNISA	TV USP
Equipe	18 profissionais	15 profissionais	04 profissionais	39 profissionais
Jornada Trabalho	30 horas/semana	40 horas semanais	30 horas/semana	30 horas/semana
Equipamentos	Câmera <i>Full HD</i> 03 Ilhas Edição	Ilhas Edição Estúdio	01 Estúdio e 03 ilhas edição	Câmeras e ilhas de edição digitais
Custos	R\$80.000,00 Mensal R\$960.000,00 Anual	R\$70.000,00 Mensal	Não informado	R\$900.000,00 no ano de 2012
Programação	18 programas	08 programas	04 programas	10 programas

Tabela 01 – Comparativo da TVs

Insistindo ainda nos detalhes da relação entre os gestores das televisões e os professores universitários, uma nota dissonante que chama atenção diz respeito à ausência de qualquer tipo de vínculo oficial entre os dirigentes e integrantes das equipes da TV Mackenzie, TV PUC, TV Unisa e TV USP com os coordenadores e docentes dos Cursos de Comunicação, instalados nas respectivas universidades que sediam as televisões acima referidas. Ao longo da pesquisa se constatou que os professores de Comunicação não oferecem qualquer orientação

teórica específica e não são obrigados a supervisionar as atividades dos estudantes de Jornalismo, Rádio e Televisão, Publicidade e Propaganda ou de Relações Públicas que atuam nas TVs. Apesar da qualificação acadêmica que possuem, eles sequer são consultados ou convidados a ajudar a planejar a programação e os rumos das televisões universitárias.

Se a participação de professores dos cursos de Comunicação não é habitual nas televisões universitárias, firmar parcerias com entidades classistas de São Paulo para a co-produção de séries televisivas aparentemente tem sido a solução encontrada pelos dirigentes da TV PUC e da TV Unisa para viabilizar a produção de programas inéditos e garantir a cobertura de parte dos custos relativos aos programas identificados como de autoria das próprias televisões. O engessamento financeiro que aprisiona as TVs fica demonstrado pelo número reduzido ao mínimo possível de profissionais e estudantes bolsistas nas suas equipes de produção e pela obrigatoriedade da gravação de programas em estúdio. Na TV PUC e na TV Unisa o registro externo de sons e de imagens em movimento, um dos principais recursos da linguagem audiovisual, está quase que reduzido a zero. A esse tipo de registro televisivo somente se recorre em casos extremamente excepcionais.

Mesmo com dificuldades, as equipes da TV PUC e da TV Unisa cumprem o acordo celebrado junto à direção do Canal Universitário de São Paulo, de produzir duas horas e meia de programação inédita por semana. Do mesmo compromisso com o CNU compartilham os dirigentes, profissionais, bolsistas e estagiários da TV Mackenzie e da TV USP, que gozando de aporte financeiro mais estável produzem um leque maior de programas televisivos. Nestas TVs, os programas de estúdio são mesclados com aqueles nos quais predominam reportagens retratando não só a cidade de São Paulo, como várias outras paisagens e personagens do interior do estado. Habitualmente as reportagens são pontuadas pela participação de intelectuais e especialistas, pertencentes ou não às universidades, requisitados para explicar quais são as razões científicas correspondentes aos fatos noticiados.

Ao analisar a programação da TV Mackenzie, verifica-se que cinco programas televisivos abrem espaço para tratar do desenvolvimento de pesquisas científicas nas Ciências Exatas, de Saúde, Sociais e Humanas, desvelando pormenores da trajetória intelectual dos pesquisadores e detalhando a aplicabilidade dos resultados ou da tecnologia resultantes dos estudos acadêmicos no cotidiano social da cidade de São Paulo. A filosofia que move a equipe de produção passa

por exercitar o jornalismo científico de forma educativa, transformando a ciência em algo acessível para a maioria dos telespectadores. Já na TV USP, o conceito de jornalismo científico se refina um pouco mais. Lá o jornalista é incentivado a deixar de ser um mero tradutor para se posicionar como um mediador entre os produtores de qualquer espécie de conhecimento e o público, que aprecia os quatro programas produzidos pela televisão voltados para divulgação de assuntos pertinentes a Ciência, Tecnologia e Inovação.

O procedimento das equipes de produção dos programas de jornalismo científico “A Gente Explica”, “Nova Stella”, “Conexão Saúde” e “PGM”, respectivamente da TV Mackenzie, TV PUC, TV Unisa e TV USP, será esclarecido com mais propriedade logo a seguir nessa dissertação.

CAPÍTULO II

2. MARCAS PARTICULARES DE JORNALISMO CIENTÍFICO

O termo *Jornalismo Científico* define uma especialização informativa que se propõe a divulgar os afazeres da ciência e as inovações tecnológicas para o público leigo através dos veículos de comunicação. Trata-se, portanto, de uma atividade desenvolvida por jornalistas a quem cabe perceber os acontecimentos, selecioná-los, construir uma narrativa com base na atualidade e viabilizar a sua publicação midiática, possibilitando a circulação social do conhecimento científico oriundo dos institutos de pesquisas, dos laboratórios ou das universidades públicas e privadas. Um dos objetivos a que se presta o jornalismo científico se consubstancia em “difundir o que o cidadão deve saber ou lembrar sobre os efeitos positivos e negativos do progresso científico e o desenvolvimento tecnológico sobre a cultura, a saúde, o meio ambiente e todas as outras dimensões da vida cotidiana” (CALVO HERNANDO, 1997, p.36).

De acordo com o professor Wilson Bueno (2011), os hábitos e as técnicas usuais aos processos de produção de jornalismo científico são os mesmos para o jornalismo de maneira geral. Eles estão alinhados com o perfil, a trajetória, a história de vida e a percepção de repórteres, editores e com a proposta editorial dos veículos jornalísticos. Para o profissional que trabalha com esse tipo de especialização informativa, requer-se uma atuação que não se restrinja à cobertura entusiasmada da ciência e da tecnologia. Dele espera-se que “se coloque como um ator deste processo, fazendo valer suas funções de informante e intérprete, além de estimular a participação pública na ciência” (BROTAS, 2011, p.148).

Nesse sentido, a contextualização das pautas, a criteriosa preparação intelectual para traduzir documentos do meio científico, o confronto plural de conteúdos e o posicionamento vigilante do jornalista perante as fontes especializadas se justificam até porque “ciência e tecnologia, no mundo moderno, constituem-se em mercadorias, produzidas e apropriadas pelos grandes interesses, e as fontes, sejam elas pesquisadores, cientistas ou técnicos, podem estar absolutamente contaminadas por vínculos de toda ordem” (BUENO, 2011, p.59).

Ao se pensar sobre os processos de produção de jornalismo científico no suporte televisivo, mais especificamente nas TVs universitárias, também não se pode deixar de considerar, sobretudo, as possibilidades educativas e culturais desse meio de comunicação. Ao servir de lugar de referência para um público heterogêneo e massivo, que reconhece nos telejornais a continuidade de sua própria identidade e a atuação permanente dos meios circundantes de ação social e material do seu cotidiano (VIZEU, 2008), a televisão pode utilizar a potência das imagens em movimento associada aos recursos gráficos e à retórica da palavra falada para estimular nos telespectadores o desejo de aprender diferentes aspectos sobre a Ciência e a Tecnologia.

Com este propósito, as equipes responsáveis pelos programas de jornalismo científico das TVs universitárias estão aptas a mediar o encontro e aproximar os cientistas da audiência. Além disso, converter a informação aparentemente cifrada proveniente das produções científicas em conhecimento jornalístico crítico (VIZEU, 2008), que tenha por objetivo a preocupação de interpretar o conteúdo dos produtos resultantes dos laboratórios de pesquisa de forma clara, sensível e compreensível para um vasto auditório, despertando “a curiosidade de ir mais além da mensagem transmitida, aprofundando-a mediante a leitura de livros, periódicos e revistas”. (CALVO HERNANDO, 1997, p.181).

Nas televisões pesquisadas do Canal Universitário de São Paulo, os diretores e produtores de conteúdos têm visões particulares do que entendem e praticam como jornalismo científico. Para Marcelo Dias, jornalista da TV Mackenzie,

o que eu faço aqui é pegar a Ciência e transformar em algo acessível, pedagogizante e didático. A minha função é atrair as pessoas para as ciências. Eu sei que não vou explicar tudo, mas vou tirar as pessoas desse senso comum e fazer com que elas entendam que ciência é uma coisa legal.

Na concepção do professor Goldfarb, do programa “Nova Stella” da TV PUC,

a idéia de ciência considerada pelo programa é muito ampla, inclusive com referência a tudo aquilo que é considerado como pré-ciência ou pseudo-ciência, como alquimia, astrologia e magia. As formas do saber, tanto das ciências exatas ou duras como das ciências mais leves do

presente são absolutamente importantes e sem distinção do nosso ponto de vista, seguindo a tendência de uma das linhas da História das Ciências, iniciada na segunda metade do século XX. Nesse sentido, fica muito bacana no programa Nova Stella porque num dia estou entrevistando um advogado que fez a ponte entre os estudos de Leibnitz e o Direito. Noutro dia, uma juíza de Goiás, por exemplo, que teve de conhecer as propriedades do Césio 137 para julgar circunstâncias daquele acidente. De outra feita, já entrevistei matemáticos que transitam pelas fronteiras da música e da poesia. Portanto, desde a origem de criação do programa tentamos incrementar o debate para que haja mudanças no fazer científico e na própria comunidade.

Na TV Unisa, o conceito e o exercício do jornalismo científico ganham características particulares assim definidas pelo diretor Cláudio Lemos:

o objetivo do Conexão Saúde é divulgar a prestação de serviços e informação na área da saúde. Se ele é de jornalismo científico? Não sei bem se ele tem essa preocupação, mas, por exemplo, eu agora estou na apresentação do programa e parti para um mestrado na área para me preparar e entrevistar melhor os nossos convidados. Eu só sei que nós temos muitos dados de pesquisas para divulgar do campus de medicina da Unisa.

A preocupação com a busca de especialização profissional demonstrada pelo professor Cláudio Lemos também é a mesma do jornalista Pedro Ortiz, diretor da TV USP. Para ele,

o jornalista é o mediador do conhecimento científico ou de qualquer outra espécie como o econômico, o político, o cultural, enfim. Se o jornalista fosse apenas tradutor, então o pesquisador escreveria um texto e o jornalista pegaria aquele artigo acadêmico do cientista e o traduziria para uma linguagem não cifrada, para uma linguagem que possibilitasse o acesso de

todos os leitores ou telespectadores. Eu acho que não é apenas isso o que o jornalista faz. Sim, ele tem o papel de, entre aspas, traduzir o que o cientista pesquisa, mas não se esgota aí. Ele deve demonstrar que é um profissional, que a apuração de informações, o confronto com outros dados de conhecimentos e a abertura de espaço para a pluralidade de vozes não é simplesmente uma técnica que se aprende numa semana. O jornalista é um profissional da Comunicação, que também é uma ciência alicerçada em teorias de aplicabilidade social.

A partir destes depoimentos, observa-se a compreensão do que eles definem como seja o jornalismo científico e a sua praticidade. São linhas editoriais que se alternam e deixam supor que na TV Mackenzie o intuito de “atrair as pessoas para as ciências” pode estar associado ao propósito de popularizar o desejo de aprender, convertendo o conhecimento contido nos relatórios de pesquisa em entretenimento e informação compreensível para um vasto auditório. Já na TV PUC, aspectos gerais das ciências e da tecnologia “são absolutamente importantes” para motivar entrevistas com diferentes especialistas acadêmicos, com o objetivo de levar o telespectador a refletir a respeito dos efeitos positivos e negativos do progresso científico e do desenvolvimento tecnológico incidentes sobre a vida cotidiana.

Quanto ao jornalismo científico praticado na TV Unisa, caracteriza-se muito mais como um prestador de serviços na área da Saúde, embora o diretor da televisão recentemente tenha ingressado numa pós-graduação como forma de se especializar enquanto um jornalista capaz de mediar com mais precisão o conhecimento científico oriundo do mundo acadêmico para a sociedade. Quanto à forma de atuar da equipe de produção da TV USP, apregoa-se que ao jornalista não cabe somente traduzir o que os cientistas pesquisam, mas ir mais além, contextualizando as informações obtidas, abrindo espaço para a inserção de dados contraditórios e assegurando a pluralidade de vozes nas entrevistas e reportagens, o que nem sempre se efetiva de acordo com as orientações editoriais recomendadas.

Portanto, se estes são os princípios que norteiam os processos produtivos das TVs estudadas, eles também são os mesmos que revelam suas contradições. Para que se possa compreender melhor conceitualmente esta prática, torna-se necessário discutir as categorias

de análise que são abordadas nesta dissertação. Elas serão pormenorizadas a seguir.

2.1 – A PERCEPÇÃO DO ACONTECIMENTO E A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

O acontecimento jornalístico é uma ocorrência social com relevância comunicável percebida pelos jornalistas inseridos em sociedades com características históricas e culturais específicas (Alsina, 2009). Para obter significado, o acontecimento requer a observação de um sujeito que lhe confere sentido, tornando-o inteligível através de uma narrativa a ser posteriormente reestruturada e consumida pelo público de acordo com a sua competência interpretativa. A percepção do acontecimento jornalístico deflagra o início dos processos produtivos de construção das notícias, aqui entendidas como informações audiovisuais em forma de reportagens e entrevistas transmitidas pelos programas de jornalismo científico “A Gente Explica”, da TV Mackenzie, “Nova Stella”, da TV PUC, “Conexão Saúde”, da TV Unisa, e “PGM”, da TV USP, através do Canal Universitário de São Paulo.

Ao analisar o conteúdo de tais programas e baseado no depoimento dos seus produtores, verificou-se que a percepção e seleção dos acontecimentos jornalísticos estão condicionadas, a princípio, pelo gosto da audiência e a questões de ordem institucional e de organização da produção. Depois, pela periodicidade dos programas e pelo agendamento jornalístico.

Para se dizer que a audiência é um dos fatores que dão a medida do grau de amplitude na percepção dos acontecimentos do meio acadêmico pelos jornalistas do Canal Universitário de São Paulo é preciso considerar alguns dados. Dentre eles, conforme foi dito anteriormente no primeiro capítulo, as TVs integrantes do CNU produzem duas horas e meia de programação inédita por semana, voltada para um público aproximado de 140 mil telespectadores/dia, constituído por donas-de-casa, aposentados e familiares de estudantes universitários, os quais assistem aos programas de jornalismo científico via canais de televisão a cabo por assinatura, implantados na cidade de São Paulo. Diante desse contexto, ao mesmo tempo em que se pensa no público também se avalia a adequação do acontecimento, “porque se pressupõe que as seleções efetuadas vão ao encontro dos desejos da audiência” (VIZEU, 2006 p.29).

Portanto, no intuito de atender às expectativas dos que sintonizam a programação do CNU e acreditando-se que a proximidade espacial confere um maior interesse pelas notícias que relatam fatos ocorridos no espaço físico do entorno dos telespectadores, os acontecimentos percebidos e transformados em programas de jornalismo científico estão cristalizados em torno de temas e personalidades da própria cidade de São Paulo. É certo que os programas também abordam fatos contingentes provenientes do interior do Estado e, raramente, até de âmbito nacional, todavia sempre correlacionados aos afazeres dos cientistas e especialistas das universidades da capital paulista mantenedoras da TV Mackenzie, TV PUC, TV Unisa e da TV USP.

Paralela ao propósito de atender aos interesses do público, a influência institucional se apresenta como outra força determinante no processo de percepção e seleção dos acontecimentos de jornalismo científico exibidos pelo Canal Universitário de São Paulo. O poder da influência institucional repousa não só na implantação e custeio da televisão, como remonta ao próprio enunciado com o qual se define esse ramo de atividade nas instituições de ensino superior: “A TV universitária é compreendida como a produtora audiovisual da universidade, que oferece uma programação periódica e constante, independente de sua capacidade de produção inédita ou plataforma de distribuição” (RAMALHO, 2010 p.57).

A influência institucional rotineiramente faz com que os programas de jornalismo científico das televisões pesquisadas se constituam como uma espécie de vitrine, onde didaticamente são exibidos os acontecimentos científicos inerentes a cada instituição, nos quais os gestores, os especialistas e os pesquisadores comumente aparecem envolvidos em atividades da graduação, pesquisa e extensão. Ao jornalismo científico protagonizado pelas TVs universitárias inevitavelmente se adiciona a publicização dos valores e crenças empresariais, do compromisso educativo e dos recursos humanos e tecnológicos da instituição na qual a televisão está inserida.

O entendimento jornalístico dos acontecimentos universitários impostos pelo binômio “satisfação da audiência/influência institucional” fica explícito nas palavras do diretor da TV USP, Pedro Ortiz, quando se trata de definir como a equipe sob o seu comando reconhece as ocorrências do mundo científico merecedoras de serem transformadas em reportagens e entrevistas para o programa “PGM”:

a gente procura se orientar do ponto de vista jornalístico e de conteúdo pela diversidade e

multiplicidade inerentes aos projetos de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidos dentro da Universidade de São Paulo, que podem repercutir e ter aplicabilidade na comunidade externa, entre os telespectadores. Ao mesmo tempo, levamos em consideração as demandas da sociedade, que identificamos e procuramos repercutir junto aos professores, especialistas e pesquisadores da Instituição.

O respeito ao público e o reconhecimento dos valores instituídos pela Universidade de Santo Amaro também são levados em consideração pelo diretor da TV Unisa, Cláudio Lemos, no momento de perceber os acontecimentos convertidos em temas a serem tratados no “Conexão Saúde”:

produzimos o programa usando o nosso tino jornalístico para agradar o público e as respostas vêm quando conseguimos elencar acontecimentos na área de prestação de serviços. Nós temos uma relação com todos os médicos do curso de Medicina da Unisa e eles são sempre chamados para dar entrevistas que possam se transformar em informações a serem utilizadas no cotidiano dos telespectadores.

Uma dinâmica semelhante de atuação norteia o jornalista Marcelo Dias, roteirista do programa “A Gente Explica”, da TV Mackenzie:

recebemos material impresso e muitas solicitações dos gestores das unidades que compõem a Universidade Mackenzie. A gente avalia a melhor forma de tratar esses acontecimentos, transformando-os ora em entrevistas de estúdio ora em pequenas notícias. Porém, quando a gente percebe que existe uma forma melhor de abordar aquele indício de informação, que o acontecimento possibilita a gravação de imagens e a elaboração de um conteúdo mais completo, aí ele passa a ser considerado como uma boa reportagem, porque, de alguma maneira, percebemos do que os telespectadores gostam

mais. A gente fica mais atenta para o que as pessoas gostam de falar e de fazer.

A importância que se dá à avaliação dos telespectadores e da comunidade acadêmica aos serviços prestados pelas televisões universitárias pode determinar o volume de investimentos destinados à manutenção das instalações físicas, aquisição de equipamentos e contratação da equipe de profissionais e estagiários que se responsabilizam em produzir os programas desse meio de comunicação. Em consequência, além de obedecer ao propósito de satisfazer às expectativas da audiência e atender aos ditames da influência institucional, a percepção de acontecimentos dos produtores de conteúdos das TVs investigadas se curva ainda à oferta de infraestrutura e de organização do trabalho disponibilizadas pelas mantenedoras da TV Mackenzie, TV PUC, TV Unisa e da TV USP.

“Se uma organização não tiver recursos (técnicos, humanos e financeiros) para enviar um jornalista a cobrir certos acontecimentos, então a produção noticiosa tenderá igualmente para uma menor diversidade” (SOUSA, 2002 p.56). A observação de autoria do pesquisador português se aplicaria neste caso à TV PUC e à TV Unisa, cuja cobertura de acontecimentos externos para a construção de reportagens audiovisuais, como visto, está suspensa pelos gestores da hierarquia organizacional por motivo de falta de mobilidade e contenção de despesas.

Nessas televisões a ação dos jornalistas fica restrita aos acontecimentos que possam ser transformados em notícias ou entrevistas gravadas em estúdio. Além disso, as equipes de profissionais e estagiários da TV PUC e da TV Unisa são extremamente reduzidas, o que talvez leve cada uma delas a produzir apenas quatro programas televisivos, alguns deles constantemente reprisados na grade de programação do CNU. Comparativamente, na TV Mackenzie e na TV USP, as equipes de produção são maiores e incentivadas materialmente a acompanhar acontecimentos que originam reportagens externas e gravações em estúdio. Nessas televisões a programação é mais diversificada e composta por doze e oito programas, respectivamente, embora também sejam eventualmente reprisados quando levados à exibição no Canal Universitário de São Paulo.

De acordo com os diretores das televisões investigadas, o programa de jornalismo científico “A Gente Explica”, da TV Mackenzie, é produzido e levado ao ar mensalmente. Já o “Nova Stella”, é gravado em série de cinco a seis programas num único dia uma vez

por mês. Em seguida à gravação, cada um deles é exibido uma vez por semana até a série acabar. Já o “PGM”, da TV USP, é produzido e transmitido a cada 15 dias, enquanto que “Conexão Saúde”, da TV Unisa, é gravado e exibido semanalmente. O tempo fixado para a produção e circulação de um produto gerado pelos veículos de comunicação é denominado de periodicidade. No meio jornalístico “a periodicidade tornou-se um fator orientador para a aplicação de um controle preciso do tempo e das etapas de produção” (FRANCISCATO, 2005 p.143).

No que tange ao tempo estabelecido pela periodicidade de produção dos programas acima mencionados, ele permite a percepção e o planejamento mais pausado da cobertura dos acontecimentos do mundo acadêmico, notadamente daqueles tipificados como “leves”, ou seja, aqueles fatos referentes à ciência e à tecnologia que não perdem a atualidade e a relevância, mesmo que sejam transmitidos alguns dias depois de sua ocorrência. Da mesma forma como contemplam os acontecimentos “leves”, os programas de jornalismo científico das TVs do CNU se abrem à cobertura dos fatos “em desenvolvimento”, que se desdobram em novas informações a serem paulatinamente transformadas em notícias, e dos tipificados como “em sequência”, os quais proporcionam relatos diversos sobre um mesmo tema, contanto que não requeiram divulgação imediata.

Quanto aos acontecimentos classificados como “duros” e os de “última hora”, que necessitam de uma transmissão simultânea para não perder a validade, quase nunca são considerados como notícias em potencial para compor os programas de jornalismo científico em análise, uma vez que a periodicidade de produção semanal, quinzenal e mensal arruinaria a sua urgência informativa. No âmbito do tempo (e não do conteúdo exclusivo) demarcado pela periodicidade, os “furos de reportagem” seriam muito difíceis ou quase que impossíveis de constar da programação em análise das televisões universitárias.

Mesmo dispondo de uma periodicidade relativamente elástica para perceber os fatos do mundo acadêmico e os transformar em notícias a serem exibidas através do “A Gente Explica”, “Nova Stella”, “Conexão Saúde” e “PGM”, as equipes que os produzem, inexoravelmente, deparam-se com uma data pré-estabelecida de finalização dos programas. Conforme o jargão jornalístico este momento é conhecido como “linha da morte” ou *dead line*, que quanto mais se aproxima mais pode alterar a profundidade de abordagem dos acontecimentos (VIZEU, 2006) e a noção dos limites entre as

ocorrências “leves”, “em desenvolvimento” ou “em sequência”, assim como os procedimentos de produção no ambiente televisivo.

As soluções encontradas para a conclusão dos programas na hora de fechamento variam entre os produtores de conteúdos. A diretora de jornalismo da TV USP, Fabiana Mariz, revela como trata os acontecimentos e tenta manter a periodicidade do “PGM” quando a “linha da morte” se impõe:

Por ser um programa de produção quinzenal a gente tem um pouco mais de tempo para pensar como substituir a pauta que não pode ser levada adiante. Por outro lado, como recebemos muita coisa das unidades da TV USP dos outros *campi*, sempre tem algum acontecimento interessante para botar no ar. Quando o nosso *dead line* fica apertadíssimo o que a gente consegue é colocar uma reportagem no lugar daquela que caiu, mas isso acontece muito raramente porque dá para fechar o programa com certa tranquilidade.

Por sua vez, Marcelo Dias, diretor do “A Gente Explica”, também desenvolveu uma alternativa para quando a periodicidade de produção sinaliza o momento de finalização do programa:

Eu tenho uma série de reportagens guardadas que eu deixo de gaveta. São matérias mais fáceis de terminar, com apenas um entrevistado, sobre acontecimentos que não perdem a atualidade. Paralelamente, a gente vai fazendo várias reportagens ao mesmo tempo, que aos poucos vou concluindo. Quando a necessidade se apresenta eu digo: olha, está na hora de soltar esse assunto. A gente sempre recorre a estratégias para fechar o programa quando o *dead line* aperta.

A periodicidade de produção e exibição não é a única característica do jornalismo que deve ser levada em conta pelos produtores de conteúdo ao reconhecerem acontecimentos relevantes para os programas de jornalismo científico das televisões universitárias. Eles também precisam observar quais são os tópicos enfatizados pelo agendamento interposto pela chamada “grande imprensa”, notadamente quando repercutem com os cientistas e pesquisadores acadêmicos os acontecimentos que ganham notoriedade social através das cadeias de

rádio e redes de televisão abertas, além de revistas e jornais de circulação nacional.

O agendamento prevê que “ao longo do tempo, os tópicos enfatizados nas notícias tornam-se os assuntos considerados mais importantes pelo público. A agenda da mídia torna-se, em boa medida, a agenda do público. Em outras palavras, os veículos jornalísticos estabelecem a “agenda pública” (McCOMBS, 2009 P.180). Não só estabelecem a agenda pública como ao iniciar a cobertura de novos acontecimentos orientam a percepção das equipes de produção das televisões universitárias sobre os eventos que estão além de suas experiências imediatas, no que se poderia definir como um exemplo de agendamento intermídia (McCOMBS, 2009).

Em contrapartida, uma vez que os jornalistas atualizam seu repertório de acontecimentos observando o trabalho dos seus colegas (TOUCHMAN, 1999) o agendamento intermídia também pode ocorrer no sentido inverso, ou seja, as equipes de produção das televisões universitárias, ao gozar de acesso privilegiado aos cientistas e às pesquisas acadêmicas de relevância, podem pautar a mídia noticiosa na cobertura de ciência e tecnologia. Uma experiência similar foi vivida pelo jornalista Pedro Ortiz, diretor da TV USP, que relatou em depoimento como o agendamento intermídia de mão dupla é possível entre a grande imprensa e as televisões universitárias:

Há cerca de seis ou sete anos, a mídia e a população brasileira estavam discutindo a tal da gripe aviária. Os jornais e as televisões faziam em geral uma coisa assim como de terrorismo: o vírus vai chegar e é altamente letal... Aí pensamos: na USP tem gente que estuda o assunto... Convidamos um professor da Escola de Medicina, que era infectologista, e outro pesquisador, um virologista do Instituto de Ciências Biomédicas da USP, dois pesquisadores de suma importância nas suas áreas... Eles garantiram que o Brasil estava preparado para debelar o vírus, que por aqui... não provocaria uma situação avassaladora conforme anunciada pela imprensa européia e pela mídia nacional. A repercussão foi tanta que os dois pesquisadores, na semana seguinte, estavam no Globo News, na Folha de São Paulo e em outros veículos da grande imprensa dando entrevistas com essa versão não alarmista, a partir da

pesquisa e do conhecimento que tinham desenvolvido a respeito do tema na Universidade de São Paulo.

Ao finalizar este tópico consideramos que os jornalistas aculturados nos ambientes televisivos sabem por antecipação que a amplitude de sua capacidade de perceber acontecimentos a serem transformados em notícias está delimitada por diversas implicações de ordem prática. Não que elas estejam ditas ou prescritas de forma explícita. Todavia, devem ser internalizadas profissionalmente porque isso é o que se exige de quem trabalha para atender aos prazos de produção (SOLOSKI, 1999) fixados pela hierarquia organizacional das televisões universitárias.

Para que o trabalho que desenvolvem obtenha eficácia é necessário ter a exata noção de que os acontecimentos a serem percebidos e transformados em notícias devem atender intuitivamente os interesses dos telespectadores e reforçar a imagem pública institucional da universidade na qual a televisão está inserida. Com essa finalidade, faz-se indispensável superar as adversidades de infraestrutura tecnológica, recursos humanos e de manutenção financeira disponibilizados pelos gestores das TVs universitárias.

A esse movimento adicione-se, por um lado, a capacidade de antever que a periodicidade semanal, quinzenal ou mensal da programação elaborada permite tratar os acontecimentos com maior profundidade, atualizando-os através de depoimentos e fatos novos resultantes da ocorrência original. Por outro, que para estar sintonizados com os temas considerados relevantes pela agenda pública os jornalistas devem seguir os assuntos abordados pela “grande imprensa”. Esta, por sua vez, também poderá ser agendada quando as equipes de produção das televisões universitárias tiverem acesso e transmitirem os acontecimentos resultantes de pesquisas acadêmicas tidas como de ampla aplicabilidade e repercussão social.

2.2 – ESTRATÉGIAS DE APURAÇÃO

Os acontecimentos do meio acadêmico percebidos pelas equipes de produção das televisões universitárias provocam o desenrolar do planejamento de apuração conforme as particularidades de construção da notícia em cada um dos programas de jornalismo científico das TVs investigadas por esta pesquisa. Todas elas, porém,

agem inicialmente da mesma forma ao promover reuniões de pauta para selecionar, priorizar, e estabelecer estratégias de abordagem dos fatos.

Com este intuito, as equipes se baseiam, dentre outros indicadores variáveis, no grau de importância ou de interesse que o acontecimento enquanto notícia pode despertar na audiência, na seleção das fontes de informação, na possibilidade de captação de sons e imagens, no didatismo do texto dos repórteres e na liberação ou não dos estúdios onde os programas de entrevistas serão gravados. Nas reuniões também se avalia, por exemplo, os recursos tecnológicos e a manutenção dos equipamentos para filmagens externas, a logística de transporte e o entrosamento entre os membros das equipes para decidir sobre detalhes da cobertura dos acontecimentos ou o que deve ser realçado ou omitido durante as edições das reportagens e entrevistas geradas no cotidiano televisivo.

Estas e outras escolhas fazem parte das rotinas que estabelecem dia após dia, para tentar garantir a realização de tarefas e cumprir o *dead-line* fixado de produção semanal de duas horas e meia de programação inédita para exibição através do Canal Universitário de São Paulo. Tais rotinas são influenciadas tanto por critérios profissionais dos jornalistas como por disponibilidades organizacionais denominados de valores-notícia (WOLF, 2008), que constantemente mudam de acordo com a hierarquia de interesses e de oportunidades decorrentes do processo de elaboração dos produtos telejornalísticos. A lógica dos valores-notícia, segundo a pesquisadora Fabiana Piccinin (2005) é a de uma tipificação “que tem por objetivo atingir fins práticos de uma forma programada e que se destina, acima de tudo, a tornar possível a repetitividade de certos procedimentos”. Sem o exercício dessa lógica, neste caso, considera-se que as equipes de produção das televisões pesquisadas não atenderiam ao prazo fixado de renovação semanal da grade de programas do Canal Universitário de São Paulo.

Porém, se no cotidiano jornalístico, assim como em outras atividades profissionais, é preciso internalizar certos procedimentos para que o trabalho seja cumprido dentro das metas temporais fixadas pela “linha de produção” do noticiário, a professora Sylvia Moretzsohn, entretanto, faz um alerta: o jornalismo é uma atividade que “demanda de quem a exerce um trabalho sistemático de reflexão para a escolha dos fatos e para a sua exposição como notícia numa perspectiva que possa contribuir para abalar as certezas cristalizadas do senso comum” (2007, p 252).

Aludindo-se o conceito de Moretzsohn ao jornalismo científico, espera-se, portanto, que o profissional especializado ao cobrir esta área não se restrinja aos procedimentos que o acomodam às coberturas jornalísticas rotineiras. É preciso, portanto, que se vá mais além da função de mero porta-voz da comunidade científica (MASSARANI, 2004), para fornecer aos telespectadores versões contextualizadas e abordagens críticas da Ciência e da Tecnologia, nas quais estejam esclarecidas suas implicações de ordem econômica, política e social.

Ao voltar os olhos para o processo de produção telejornalístico das televisões abordadas por esta pesquisa, verificou-se que das reuniões de pauta do programa “A Gente Explica”, da TV Mackenzie, e da revista eletrônica “PGM”, produzida pela TV USP, os procedimentos rotineiros demonstram que os diretores das respectivas televisões participam somente quando os acontecimentos a serem tratados possuem grande relevância institucional ou demandam gastos adicionais para o deslocamento das equipes de produção.

Fora essas condições, habitualmente na TV Mackenzie o jornalista e roteirista Marcelo Dias organiza burocraticamente o cronograma ou espelho de notícias quinzenais do “A Gente Explica”, reunindo-se com o apresentador do programa, três estagiários dos cursos de Jornalismo ou de Publicidade e Propaganda, um editor de imagens e um cinegrafista.

Na TV USP, por sua vez, a diretora de jornalismo da televisão e do programa “PGM”, Fabiana Mariz, negocia os rumos de apuração dos acontecimentos que serão construídos em forma de reportagens, debates e entrevistas com um colega jornalista, um editor de imagens, um cinegrafista e seis estudantes estagiários de Audiovisual ou Jornalismo. Os diretores dos núcleos da TV USP do interior de São Paulo também participam do encontro via correio eletrônico.

Na TV PUC, o professor José Luís Goldfarb, diretor e apresentador do programa “Nova Stella”, conta com o apoio de um assistente pessoal e da produtora de programação da televisão, Stela Grossi, para pensar o roteiro e estabelecer a ordem de gravação das entrevistas que promove com seus convidados.

Ao planejar a edição do “Conexão Saúde”, da TV Unisa, o diretor Cláudio Lemos dispõe de um jornalista e cinco estagiários de Comunicação para identificar acontecimentos da Universidade na área de Medicina, elegendo temas a serem colocados no centro da atenção pública através de entrevistas com os médicos que ministram aulas na Instituição.

As equipes de produção das quatro televisões consideram a pauta como uma espécie de bússola que orienta a previsão de assuntos de interesse jornalístico, os quais obterão cobertura das equipes de reportagem ou dos apresentadores em estúdio. Entretanto, mesmo sabendo que as reuniões de pauta são o passo inicial para produções coletivas que envolvem editores, apresentadores, produtores, repórteres, cinegrafistas, e estudantes estagiários, os programas de jornalismo científico das televisões em análise sempre trazem impressas as marcas indeléveis de comando dos seus diretores.

Elas ficam patentes, por exemplo, quando na TV Unisa o jornalista Cláudio Lemos fala de sua preparação e comportamento próprio ao defender a pauta estabelecida para o “Conexão Saúde”:

eu leio tudo que posso a respeito do tema a ser abordado. Com uma semana de antecedência da gravação do programa leio publicações especializadas na área de Medicina, colunas específicas na internet e às vezes o site da prefeitura que traz muitos números, muitos dados pra gente ter um panorama geral da questão.

Na TV Mackenzie, o jornalista Marcelo Dias também tem um jeito próprio de imprimir seu estilo diante da equipe que dirige:

normalmente temos um banco de pautas e sempre que tenho uma idéia vou anotando. Às vezes eu leio e vejo alguma coisa interessante a aí vou soltando para a minha equipe: olha, quer fazer esta? Então a gente lança várias pautas e vai gravando. Eu mando várias, algumas vão mais rápido e outras mais lentas, conforme o tempo eu vou fechando e montando o programa. Hoje eu acho que o programa está no seu formato ideal e toda a equipe acredita no “feeling” jornalístico que possui para intuir que os assuntos que pautamos vão cair no gosto da platéia.

Já na TV USP, a equipe de produção segue as orientações da jornalista Fabiana Mariz quando planeja e estabelece atividades para os seus colaboradores do “PGM”. Em depoimento Fabiana definiu os seus critérios ao orientar repórteres e cinegrafistas:

a nossa seleção de pautas passa pela praticidade de transformar o assunto em linguagem televisiva, onde a profusão de imagens externas, acesso aos especialistas ou representantes da população em geral se somam ao potencial de interesse que o tema possa despertar no telespectador. Portanto, eu sento com os estagiários e a gente monta um pré-roteiro estabelecendo: vocês vão precisar gravar isso, isto e aquilo, a gente vai precisar de um “fala povo”, de imagens genéricas das pessoas e de certos lugares da cidade que tenham vínculo com a pauta. A partir daí eles fazem a solicitação de equipamentos e transporte, montam a equipe para aquela jornada e saem em busca de capturar imagens e depoimentos em um determinado tempo estabelecido.

Se a elaboração de pautas planejadas e a busca de eficácia na produção são metas estabelecidas pelos chefes das equipes das televisões acima referidas, na TV PUC a desenvoltura do programa “Nova Stella” fica marcada pela personalidade hedonista do professor José Goldfarb, que verbalizou o que sente ao sugerir pautas e vê-las transformadas em entrevistas:

quando ligo a televisão e sei que aquilo está sendo exibido agora é como estar vivo não só no sentido biológico, mas também através de outros vasos comunicantes. Eu me identifico como propagador, como semeador cultural. Hoje em dia, como estou muito ligado nas mídias e no mundo da comunicação, acho que o maior prazer é o de produzir algo em prol da educação e da cultura.

O investimento individual na aquisição de informações sobre o mundo das ciências e o cuidado em detalhar tarefas jornalísticas específicas para que os subordinados cumpram nem sempre evitam, contudo, que o material recolhido pelas equipes de reportagem na cobertura de campo não possua teor confiável para ser transformado em notícia. A necessidade de obter dados confiáveis obriga os diretores dos programas em análise, notadamente aos jornalistas Marcelo Dias, da TV Mackenzie, e Fabiana Mariz, da TV USP, que comandam equipes de reportagem externas, a tentar “corrigir as informações recebidas usando seu conhecimento prévio para reinterpretar o conteúdo manifesto da

mensagem original”, num processo denominado de *second guessin*. (SHOEMAKER, 2011 p.54).

O processo de *second guessing* ocorre quando o *gatekeeper*, neste caso cada um dos diretores dos programas de jornalismo científico, desconfia que o material recebido da cobertura de um acontecimento é parcialmente falso, num ambiente acadêmico que requer precisão da TV universitária. Nesse sentido, o *gatekeeper* pode sugerir a busca de dados adicionais para verificar ou refutar algumas das informações imprecisas, alterando a qualidade do conteúdo das mensagens que percorrem os canais de produção jornalística até o momento em que são transmitidas. (SHOEMAKER, 2011).

Na TV USP, quando as equipes concluem parcialmente a cobertura de um acontecimento e retornam ao ambiente televisivo, o repórter e o cinegrafista relatam à diretora do “PGM” pormenores do que conseguiram apurar junto aos especialistas e pesquisadores a quem deveriam entrevistar, conforme orientação da pauta escrita criada pela direção de jornalismo. Fabiana Mariz observa que com eles e com os produtores de telejornalismo estabelece um novo diálogo e então

enquanto houver dúvidas vamos buscar informações para esclarecer o assunto. Se há alguma coisa contraditória nos depoimentos a gente vai remexendo até conseguir solucionar ou tentar solucionar o impasse.

Essa forma de agir também é compartilhada por Marcelo Dias, da TV Mackenzie, que é mais preciso quanto ao seu modo de exercer *second guessing*:

já aconteceu de alguém trazer uma matéria com informações duvidosas e a gente dizer: será que é isso mesmo? Será que não vale à pena apurar mais um pouquinho? Então vamos checar com outro professor, em alguma outra base de pesquisa para a gente dar uma avaliada. Eu não sou formado em Ciências, mas tenho uma curiosidade enciclopédica em relação aos assuntos de Ciências. Leio muita coisa e possuo um vasto arquivo de dados que eu anoto e copio. Tem informações que eu olho e digo: êpa, isso está esquisito! Eu busco a informação correta até a hora em que fico satisfeito e digo para o repórter

ou para mim mesmo: olha, agora temos como explicar isso num contexto mais realista. Agora nós não estamos desinformando o público.

Transmitir uma notícia mal apurada e desinformar o telespectador muitas vezes significa perder a credibilidade, considerada como um dos principais méritos atribuídos ao jornalismo. Assim, ao se escudar contra a perda de credibilidade, ao tentar neutralizar potenciais críticas da audiência, reduzir as pressões contínuas estabelecidas pelos prazos de finalização dos programas, de evitar possíveis processos por difamação e se esquivar das repreensões dos seus superiores, os jornalistas recorrem à estratégia de argumentação de que seu trabalho é objetivo.

A estratégia da objetividade apregoa para o jornalismo impresso que o uso de aspas frisando as declarações dos vários envolvidos numa contenda empresta isenção ao jornalista. Além disso, que ele construa o seu texto relatando a ordem de importância dos assuntos pré-estabelecida pela técnica da pirâmide invertida, ou seja, dos detalhes mais importantes para os fatos menos importantes do acontecimento. Comparativamente, nos ambientes das TVs universitárias as equipes de produção, por sua vez, buscam mostrar-se isentas utilizando o recurso de gravação das chamadas sonoras, ou seja, declarações de cientistas, gestores institucionais e representantes da população incluídas nas reportagens que elaboram. Quanto à construção textual, ela também segue a mesma lógica ao responder, conforme a ocasião, a ordem de hierarquia estabelecida pelas seis perguntas constantes do *lead* da notícia (O quê? Quem? Quando? Onde? Como? e Por quê?).

Na concepção dos integrantes das equipes de produção analisadas a pluralidade de vozes e a diversidade de opiniões a respeito dos resultados gerados pelas pesquisas acadêmicas denotam credibilidade e conferem *status* democrático aos programas de jornalismo científico. Entretanto, exercitar esses atributos não assegura aos diretores do “A Gente Explica”, “Nova Stella”, “Conexão Saúde” e “PGM” um cotidiano televisivo sem traumas, imprevistos e embates, porque quase sempre são solicitados a apaziguar os ânimos entre repórteres e cientistas ao longo do processo de produção dos programas.

Apesar de na maioria das vezes compartilharem a mesma motivação de levar informações ao público leigo através de reportagens e entrevistas que divulguem as descobertas científicas, a origem dos desentendimentos entre jornalistas e especialistas remonta à década de 70 do século passado quando a abordagem predominante de divulgação,

que associava a idéia de progresso indistintamente às inovações científicas e tecnológicas, passou a ser suplantada pela cobertura de seus impactos menos benéficos, ou seja, dos problemas causados ao meio-ambiente e as ameaças à saúde, à segurança, à ética e à autodeterminação dos povos (PETERS, 2005). Neste contexto, os cientistas precisam “explicar a todo tempo a relevância e as implicações de sua pesquisa, seus métodos e descobertas para um público amplo, sem que haja ainda parâmetros estáveis de avaliação do custo-benefício da pesquisa científica” (BROTAS, 2011 p.145).

Conforme estudo desenvolvido pelo professor Hans Peter Peters, “diversos dos problemas na interação entre cientistas e jornalistas têm como raiz as diferenças culturais entre as duas profissões” (2005, p.142). Elas se acentuam, por exemplo, quando os cientistas insistem em ler as reportagens dos jornalistas antes que sejam publicadas, enquanto estes brigam para não ceder às pressões e manter o controle do processo comunicativo. Ou quando o especialista quer fazer do jornalista aluno e o jornalista, por sua vez, considera o pesquisador apenas como uma fonte de informação e não como o autor da pesquisa científica que ele transforma em reportagem. O certo é que ao cobrir acontecimentos em que as ciências e as tecnologias oferecem riscos à população ou ao meio-ambiente, “os jornalistas estão normalmente menos interessados nos detalhes técnicos de um problema e mais preocupados com a análise e a solução de problemas práticos, de forma que não respeitam os limites estabelecidos das disciplinas acadêmicas” (PETERS, 2005, p.156).

Nas televisões universitárias analisadas por esta pesquisa se obteve informações de que os desentendimentos entre repórteres e especialistas geralmente eclodem por dois motivos: primeiro, quando o jornalista não se prepara o suficiente para investigar a trajetória do pesquisador e muito menos entender o objeto de estudo do projeto que este desenvolve, restringindo-se em noticiar com superficialidade os resultados provisórios e espetaculares proporcionados pelo trabalho. Segundo, quando o especialista se nega a conceder entrevista ou dificulta o acesso das equipes de produção às pesquisas de sua autoria, em detrimento de divulgação com maior amplitude através da “grande imprensa”, até com a pretensão de obter notoriedade instantânea ou atrair financiamento para seus projetos.

Superada essa fase do impasse, o desencontro entre eles reverbera em direção à inserção do contraditório nas notícias de jornalismo científico, um desafio prático que solicita maturidade de uso

e de enfrentamento entre jornalistas e pesquisadores. Neste caso, a polêmica se instaura quando a fala dos cientistas é confrontada por questionamentos provenientes de outros pesquisadores não necessariamente da mesma linha de trabalho do especialista entrevistado ou por interlocutores não cientistas, vistos pelos acadêmicos como desprovidos de conhecimento válido para participar do debate. Esta concepção é contestada pelo professor Wilson Bueno. Para ele, o jornalismo científico não obedece aos mesmos cânones do discurso científico e, por isso, “o consumidor, o advogado, o agricultor familiar, o ambientalista etc. podem ter (costumam ter) algo a contribuir com a discussão, mesmo porque é impactado pelo contínuo avanço... [das ciências e das tecnologias]” (BUENO, 2011 p.63).

Sobre esses aspectos da polêmica o diretor da TV Unisa, Cláudio Lemos, dirige a sua atuação acreditando que:

nós não nos limitamos a uma programação intestinal, ou seja, se tem uma pessoa boa de uma área de fora é convidada para participar do “Conexão Saúde”. Dentro da universidade é natural que exista o contraditório, o confronto de idéias. Além disso, a gente sabe que as diferenças fazem parte do jornalismo.

Na TV PUC o professor Goldfarb entende que:

não é da natureza do programa “Nova Stella” fazer entrevista que sirva de armadilha para qualquer convidado, seja ele professor da universidade ou não. Agora, eu sempre dou uma voltinha para tirar do entrevistado o “porque” de certos acontecimentos das ciências. Eu gosto de apontar para o campo sobre o qual a gente vai falar. Dentro desse campo pode acontecer de a gente divergir. Há momentos que tenho mais espaço para fustigar, porém tentando sempre colocar a entrevista com os pés no chão.

Por seu turno, o jornalista Marcelo Dias, diretor do “A Gente Explica”, encara a pluralidade de fontes e a inserção do contraditório da seguinte forma:

obviamente, a gente tenta tratar de temas que tenham uma ligação com a Universidade

Mackenzie. Lógico que é bom que você tenha uma base aqui para falar de Ciências, mas unir as visões de dentro e de fora da Instituição é um ótimo recurso até para o programa ficar variado. Se a gente só usar um monte de professores falando pode ficar cansativo. Da mesma forma, se só aparecer o “fala povo”, sem o acadêmico para explicar a teoria, a coisa fica complicada. O ideal mesmo é brincar com todos esses ingredientes, mas brincar de maneira séria, jornalística e informativa. O brincar não é fazer pouco caso. O brincar, na verdade, é tratar o tema com liberdade.

A jornalista Fabiana Mariz, diretora do “PGM”, complementa:

se vamos abordar aspectos de uma pesquisa científica, poderemos ter desdobramentos que nos levam a outras fontes para além do autor da pesquisa e a outros assuntos correlacionados a ela. Portanto, a gente ouve, sim, especialistas das universidades públicas ou privadas e o cidadão das ruas sempre buscando a qualidade da informação, mesmo porque quando só ouvimos o autor da pesquisa nos limitamos jornalisticamente. Precisamos ouvir as outras partes porque é saudável. Essa liberdade aqui é usual.

O conceito de liberdade acima referido ganha amplitude e legitimidade no jornalismo científico quando associado à determinação de aprofundar a investigação sobre a veracidade das informações. Se uma parte da mídia, hoje em dia, ainda se presta somente a exaltar as descobertas miraculosas dos cientistas, a outra se volta para a cobertura dos problemas e conflitos sociais em que a ciência e a tecnologia estão envolvidas, muitas vezes como algozes, o que também não deixa de ser um espetáculo. “No campo da ciência, não só é necessário, senão imprescindível explicar ao público em que ordem de conhecimento humano se inserem as principais notícias, quais são suas dimensões e suas perspectivas, de que maneira podem determinar nosso futuro individual e coletivo” (CALVO HERNANDO, 1997 p.112).

A assertiva do professor Calvo Hernando demonstra que a veracidade dos fatos e a manutenção da credibilidade se consolidam no jornalismo científico quando, por exemplo, as equipes de produção das televisões universitárias filiadas ao Canal Universitário de São Paulo

investigam e desvelam para os telespectadores a origem, o processo de criação e a aplicabilidade social das inovações científicas e tecnológicas desenvolvidas nas universidades e institutos públicos e privados patrocinados ou não pelos impostos dos contribuintes.

Um caso de contextualização jornalística da ciência na área da saúde foi descrito pela diretora da TV USP. Ela relatou que:

nós fizemos uma reportagem sobre uma pesquisa desenvolvida pelos cientistas do Hospital das Clínicas, que demonstrava como a poluição atinge os paulistanos provocando diversas doenças. Nós conversamos com vários especialistas, explicamos as características das doenças causadas pela poluição, instruímos os telespectadores sobre como minimizar os efeitos nocivos da poluição e cobramos das autoridades providências no sentido de melhorar a qualidade de vida dos habitantes da cidade. Nós tecemos as críticas que se fizeram necessárias, principalmente no que diz respeito à qualidade dos serviços públicos prestados à população.

Por sua vez, na TV Mackenzie, o diretor do “A Gente Explica”, Marcelo Dias, ressaltou:

Nós fizemos uma reportagem longa, quase um programa inteiro, intitulada “Narciso que tem medo de espelho”, na qual a gente falava da identidade do brasileiro. A idéia passava por tentar entender que identidade a gente tem. A gente partiu do senso comum absoluto até chegar às possíveis explicações em ciências sociais aplicadas. Então, para entender a identidade do brasileiro a gente precisa saber, por exemplo, como a gente se vê enquanto povo, como os estrangeiros nos vêem, como gostaríamos que fôssemos vistos. Partimos para fazer várias perguntas a economistas, jornalistas, psicólogos, antropólogos, ao povo nas ruas, enfim, fizemos uma brincadeira sadia. Foi um programa que apresentou uma visão muito crítica do Brasil. Teve gente que falou coisas muito fortes do tipo “dizem que o Brasil é o maior país do mundo, mas é porque a gente não conhece o mundo”. Então a

gente exibiu o programa e do nada vieram um monte de e-mails, de gente querendo copiar. Alguns professores da Instituição comentaram em sala de aula, porque se sentiram tocados pelo programa. Foi uma coisa que mexeu com os brios.

Das reuniões de pauta, passando pelo uso das estratégias de objetividade até chegar à contextualização do acontecimento científico, algumas considerações podem ser feitas sobre os procedimentos jornalísticos empreendidos pelas equipes de produção das televisões universitárias pesquisadas. A primeira diz respeito ao esforço que fazem para capturar e divulgar com exatidão o teor dos acontecimentos gerados pelo mundo acadêmico, reconstituindo a memória da audiência ao correlacionar a novidade científica recém-descoberta a experiências similares do passado que servem como marco de referência cultural da sociedade onde atuam. A segunda, que apesar dos contratempos surgidos na produção do “A Gente Explica”, “Nova Stella”, “Conexão Saúde” e “PGM” os integrantes das equipes de produção desenvolvem seu trabalho com agilidade, bom-senso e improviso para tentar fornecer explicações sem as quais a descrição dos acontecimentos tão somente não teria razão de ser.

2.3 – O USO DE RECURSOS DA LINGUAGEM TELEVISIVA

A possibilidade de descrever acontecimentos para os programas de jornalismo científico das televisões do Canal Universitário de São Paulo também se baseia no perfil da audiência do CNU. Se, como já visto anteriormente, tentar suprir as expectativas dos telespectadores é um fator que influencia os jornalistas na seleção de acontecimentos do mundo acadêmico, essa mesma audiência intuída também orienta a escolha das formas de expressão que as equipes de produção telejornalísticas utilizam para elaborar mensagens compatíveis com nível cultural do público telespectador. Afinal, “a linguagem é o pressuposto da existência da dimensão humana. É pela linguagem que o homem transcende a sua solidão e descobre o outro” (Rezende, 200 p.54).

A fala de um homem com outro homem sob a ótica do jornalismo institui um contrato fiduciário celebrado entre uma organização informativa, um mundo a ser narrado em forma de noticiários e uma platéia consumidora de informação (ALSINA, 2009).

Um contrato, portanto, que no decorrer da elaboração de produtos jornalísticos exige o atendimento de algumas prerrogativas, tais como dar visibilidade às notícias a fim de que atraiam a atenção e ganhem reconhecimento, o mais imediatamente possível, conforme a sua distribuição temática. Em seguida, que se organizem os meios técnicos e se trabalhe as imagens, a montagem dos cenários e a inserção de recursos gráficos, além do texto escrito, da fala e dos efeitos sonoros, de tal maneira que a informação se torne facilmente acessível à audiência, possibilitando-lhe ainda a reelaboração crítica dos conteúdos transmitidos. Por fim, que todas essas encenações próprias à televisão suscitem interesse e emoção nos telespectadores sem mergulhar na exploração sensacionalista dos acontecimentos.

Na tentativa, portanto, de organizar os meios técnicos para dar visibilidade à apresentação das notícias e atrair a atenção e o interesse dos telespectadores, na TV PUC o compromisso com os códigos da linguagem televisiva já se desvela na montagem do cenário do programa de entrevistas “Nova Stella”. O cenário é composto por um painel de pano azul-marinho pintado com figuras de planetas e estrelas e por duas cadeiras reservadas para o apresentador e seu convidado, próximas uma da outra, posicionadas de costas para o painel, do qual se distanciam cerca de um metro e meio. Enquanto a iluminação de teto utiliza lâmpadas fluorescentes frias, no piso do estúdio dois cinegrafistas manuseiam suas respectivas câmeras em tripés móveis, alternando o enquadramento em Plano Geral, Plano Médio e *close-up*, de acordo com o andamento psicológico do programa e com a necessidade de realçar as reações faciais e as falas do apresentador ou do entrevistado. Embora passe por uma breve edição, quando recebe adereços de pós-produção digitais como trilha sonora, vinhetas de abertura/encerramento e créditos de ficha técnica, o “Nova Stella” é gravado sem interrupções.

Na TV Unisa, a produção do “Conexão Saúde” é muito semelhante à dinâmica descrita no parágrafo acima. Porém, no cenário as cadeiras são substituídas por bancadas e o painel de pano dá lugar a um cenário feito de madeira, ferro e vidro por sobre os quais são pintadas as logomarcas da Universidade de Santo Amaro e do programa “Conexão Saúde”. O objetivo das entrevistas que caracterizam o formato tanto do “Nova Stella” quanto do “Conexão Saúde” está voltado para esclarecer questões técnicas, resolver problemas e orientar o debate público sobre temas de ciências e tecnologia. Ao entrevistado se avisa que deve simplificar suas explicações, tornando-as acessíveis ao público leigo. Ao apresentador reserva-se o papel de questionador

representante dos telespectadores ingênuos, exercendo por vezes o papel de tradutor e animador das informações oferecidas pelo seu convidado.

À época da gravação no Canal Universitário de São Paulo de cópia do programa produzido pela TV Unisa, que passou a fazer parte do *corpus* dessa pesquisa, uma estudante estagiária ocupava a bancada de apresentação do “Conexão Saúde”. Entretanto, desde o início de 2012 ela cedeu o lugar ao diretor da televisão, Cláudio Lemos, que ao assumir o posto de entrevistador do programa ingressou numa pós-graduação na área de Saúde, “como forma de se especializar em temas da Medicina a serem abordados com os médicos da Universidade de Santo Amaro, conforme as prerrogativas do jornalismo científico”, segundo suas palavras.

Por seu turno, o professor José Luís Goldfarb há seis anos atua na TV PUC com a mesma imagem pessoal que associou à sua apresentação no programa “Nova Stella”: barba e cabelos fartamente grisalhos. Um ícone visual que se não lhe empresta a aparência mítica do pesquisador excêntrico e solitário, com que a grande imprensa geralmente rotula os especialistas das ciências (Siqueira, 1999), permite-lhe ser reconhecido nas ruas e estabelecer com o público uma relação de proximidade e respeito. Conforme depoimento do professor Goldfarb,

meu público é muito amplo e às vezes quando entro no estacionamento para buscar meu automóvel sou surpreendido pelo guardador que diz: “professor, eu vi o senhor na televisão”. E aí eu digo: “sobre o que eu estava falando?”. Ele responde: “estrelas”. Isso é bem comum.

Se o professor Goldfarb tem consciência do poder de comunicação que a sua própria imagem transmite na apresentação do programa “Nova Stella”, na TV Mackenzie o diretor do “A Gente Explica”, Marcelo Dias, criou e interpreta o personagem conhecido como “Doutor Cury Ozo”, que pontua as reportagens de jornalismo científico sugeridas pela equipe de produção. O “A Gente Explica” comporta diversos gêneros telejornalísticos de informação e opinião como notas cobertas, ou seja, pequenas notícias acrescidas de imagens, entrevistas, reportagens externas, enquetes, crônicas e comentários. No estúdio de gravação o cenário virtual, a iluminação ambiente, a inserção de infográficos e os diversos enquadramentos e ângulos de visão proporcionados por uma única câmera de filmagem são controlados pelo diretor de edição, através de programa computacional em *Full HD*.

Quanto ao personagem “Doutor Cury Ozo”, foi criado como um recurso de linguagem televisiva para exercer uma função pedagógica: fazer o papel do leigo que se não sabe nada das questões ligadas à ciência e à tecnologia, tenta descobrir o funcionamento das coisas do mundo como uma pessoa comum. Por exemplo, quando a equipe de produção do “A Gente Explica” sugere uma reportagem sobre o medo experimentado pela população nos parques de diversões é o “Doutor Cury Ozo” quem vai andar de montanha-russa para ver o que acontece. Conforme a concepção de Marcelo Dias:

é lógico que o personagem é o oposto do cientista. O cientista é uma pessoa inteligente e ele não. Então, o “Doutor Cury Ozo” não foi criado para estereotipar a figura do cientista. Ele, na verdade, é a caricatura do ignorante que, a partir das experiências vividas e das explicações científicas fornecidas no decorrer do programa, adquire informações sobre os acontecimentos do cotidiano e passa a discernir a vida com mais propriedade.

Ao afirmarem que também se permitem experimentar novos formatos de programação e de linguagem telejornalística, os dirigentes da equipe de produção da TV USP, ao elaborar as reportagens da revista eletrônica “PGM”, recomendam aos repórteres e cinegrafistas o estudo acurado das pautas, para que na cobertura dos acontecimentos registrem ângulos inusitados dos fatos que permitam a justaposição inovadora das imagens e do texto falado.

Quando a fusão entre imagens e texto resulta em reportagem que reforça os requisitos de credibilidade da informação algumas recompensas podem ocorrer, como as que foram relatadas em depoimento pela diretora de jornalismo da TV USP, Fabiana Mariz,

o sentimento é aquele: nossa, a gente conseguiu pegar aquela matéria que era espinhosa prá caramba e transformar num produto legal! É você olhar para o programa como um todo, enviar para um festival e o programa ser premiado. É o reconhecimento que a equipe obtém: todo mundo pensando e construindo junto um programa que nos deu prazer profissional e a aceitação do público.

Os processos de produção coletiva do “A Gente Explica”, “Nova Stella”, “Conexão Saúde” e “PGM” podem transparecer para o público através da programação do Canal Universitário de São Paulo. No intuito de rastrear indicadores desses processos produtivos, algumas questões de ferramenta de análise vão problematizar o formato dos programas a fim de verificar se estão de acordo com o depoimento dos seus produtores no que diz respeito à percepção dos acontecimentos, aos procedimentos de apuração das notícias e às linguagens televisivas utilizadas nas narrativas de jornalismo científico sobre os quais acabamos de dissertar.

CAPÍTULO III

3. ANÁLISE DE TELEJORNALISMO CIENTÍFICO
UNIVERSITÁRIO

Os programas televisivos que serão analisados no terceiro capítulo dessa dissertação foram extraídos como exemplares únicos da programação exibida pelo Canal Universitário de São Paulo, entre os meses de setembro e outubro de 2011. Em reunião na sede do CNU, em novembro daquele mesmo ano, os diretores das televisões pesquisadas os identificaram para o presente pesquisador como produtos de jornalismo científico. Com esta mesma identidade os programas também eram apresentados à época nas cartelas de divulgação transmitidas aos telespectadores do Canal.

Com o propósito de reconhecer marcas dos processos de produção dos programas de jornalismo científico “A Gente Explica”, da TV Mackenzie, “Nova Stella”, da TV PUC, “Conexão Saúde”, da TV Unisa, e “PGM”, da TV USP, a pesquisa recorre ao uso de ferramenta de análise com cinco questões básicas expostas a seguir: *Percebe-se que os programas tratam de temas sobre ciências e tecnologia? As reportagens e entrevistas estão contextualizadas? Existe pluralidade de fontes de informação ao longo dos programas? Qual a origem dessas fontes? As notícias sobre ciências e tecnologia se baseiam em algum documento acadêmico como dissertações, teses ou relatórios de pesquisas?*

Para que se possa ter idéia dos produtos telejornalísticos a serem submetidos à ferramenta de análise, mostra-se, a partir de agora, um breve resumo de cada um dos programas. O exemplar do “A Gente Explica”, produzido pela equipe da TV Mackenzie, traz como tema de reportagem principal o apego que algumas pessoas têm a produtos tecnológicos considerados como industrialmente ultrapassados. Já no “Nova Stella”, da TV PUC, o professor José Luis Goldfarb entrevista o professor da Universidade Paulista, Otávio Pineda, a respeito de aspectos históricos e teóricos da tecnologia da informação.

Quanto ao “Conexão Saúde”, da TV Unisa, o programa apresenta como tema a “arte de envelhecer”. Trata-se de uma entrevista conduzida pela estudante de jornalismo Karine Maximiano com o médico José Manoel Ferreira, especialista em geriatria. Por fim, no

“PGM”, da TV USP, quatro reportagens compõem o programa. Elas abordam assuntos diversos como os problemas respiratórios causados pela conjunção da poluição e das temperaturas baixas em São Paulo; mobilidade urbana; alimentação de adolescentes; e corridas de protótipos de carros eletrônicos em miniatura.

O tempo de duração de cada um dos programas é de 28 minutos. Eles foram editados de forma a serem exibidos como um único bloco ininterruptamente, exceto o “Conexão Saúde”, que apresenta dois intervalos para veiculação de institucional da Universidade de Santo Amaro. Todos os programas possuem vinhetas computadorizadas próprias de abertura e encerramento, que os distinguem e auto-referenciam na grade de programação do Canal Universitário de São Paulo. A partir do próximo tópico, portanto, serão tecidas as considerações a respeito da incidência da ferramenta de análise sobre os mencionados produtos televisivos.

3.1 – “A GENTE EXPLICA” – TV MACKENZIE

Sem o lastro do conhecimento científico oriundo de dissertação, tese, relatório de pesquisa ou da voz autorizada de um especialista, o exemplar em análise do programa “A Gente Explica”, produzido pela equipe da TV Mackenzie, divulga aspectos aleatórios da tecnologia e de sua evolução ao longo da história, com ênfase no apego que algumas pessoas demonstram por artefatos tecnológicos considerados ultrapassados como forma de preservar a identidade própria e de se manter equilibradas emocionalmente.

Para sustentar os 18 minutos da reportagem os produtores se valem de textos, cartelas e gráficos complementados por imagens e falas de seis entrevistados. Além deles, a narrativa recorre a um personagem fictício, o “Dr. Cury Ozo”, que atua como quadro fixo do programa como um recurso de linguagem televisiva voltada para a informação e o entretenimento.

Do conjunto de entrevistados o primeiro a ter o relato de experiência personificado é o apresentador para outras edições do “A gente Explica” e professor do curso de Jornalismo da Universidade Mackenzie, Edson Capoano. Ele se caracteriza por dar preferência, ainda nos dias de hoje, aos videogames “Atari” da década de 80, em detrimento dos jogos atuais em plataforma digital.

O segundo entrevistado também faz parte do corpo docente do curso de Jornalismo da mesma universidade. Trata-se do professor João Manoel, que exalta as lembranças de sua juventude vividas num “Fusca”. As recordações o levaram a adquirir em 2008 um modelo antigo desse carro fabricado pela Volkswagen, com o qual constantemente se locomove pelas ruas de São Paulo.

Em seguida, abre-se espaço para o cinegrafista de cinema Ivan Murilo, que se distrai alterando fotografias feitas com um aparelho “*Iphone*” de última geração. O material manipulado por ele ganha a tonalidade de fotos antigas, pelo simples prazer de fugir à perfeição estética estabelecida pela arte de fotografar. As histórias dos três primeiros personagens são sucedidas por imagens e falas do lojista Luis Calanga, que há algumas décadas trabalha com a comercialização de CDs musicais e discos de vinil num bairro próximo ao centro da cidade.

Por fim, quando se quer saber como as gerações atuais reagem aos apelos publicitários que estimulam o consumo tecnológico, dois estudantes de Jornalismo da Universidade Mackenzie são escalados para complementar a reportagem: Alessandra Moraes, filha do professor João Manoel, e Guilherme Carmona, seu colega de classe. Os estudantes reprovam o consumo avassalador de inovações tecnológicas, um hábito cotidiano de boa parte da população brasileira e mundial, conforme dito no texto telejornalístico.

Preliminarmente, ao tentar decifrar as circunstâncias de elaboração da pauta e da escolha específica dos entrevistados para personificar a reportagem é preciso entrelaçar passagens da teoria do jornalismo elaboradas pelo professor Alfredo Vizeu com as concepções de ordem prática que permeiam o trabalho cotidiano do diretor/editor do “A Gente Explica”, Marcelo Dias.

Nas pesquisas etnográficas que desenvolveu em ambientes jornalísticos de televisões comerciais, Vizeu observou o quanto os jornalistas se auto-referenciam ao selecionar os acontecimentos a serem transformados em reportagens enunciadas para o público telespectador. Segundo o professor, “quando o jornalista tem de pensar no tipo de notícia que é importante, serve-se mais de sua opinião sobre os assuntos do que de dados específicos”. Além disso, o pesquisador reforça que “a primeira preocupação deles na edição de uma matéria, na redação de uma *cabeça de matéria* é a opinião dos seus colegas” (VIZEU, 2005, p 75).

As observações feitas por Alfredo Vizeu, quanto à auto-referência dos jornalistas na elaboração de reportagens em televisões comerciais aparentemente também se aplicam ao modo de fazer

telejornalismo nas TVs universitárias. A reprodução do hábito da auto-referência jornalística fica patente, por exemplo, quando o editor da TV Mackenzie, Marcelo Dias, explica como age ao promover reunião de pauta, a fim de elaborar mais uma edição do “A Gente Explica”: “sempre que tenho uma idéia eu vou anotando e por uma experiência de trabalho que já acumulamos, de alguma maneira a gente percebe do que os telespectadores gostam mais”.

Marcelo e os seus colaboradores apostam no *feeling* jornalístico que aprimoraram ao longo dos anos na TV Mackenzie, para intuir que os assuntos pautados e o tratamento dado ao conteúdo das reportagens que constroem satisfazem o gosto da audiência. Mergulhados no mundo das notícias e nos afazeres cotidianos da televisão universitária, eles estão convictos de que se encontram na melhor posição para discriminar e discernir o que é interessante ou relevante para os telespectadores.

A auto-referência jornalística e os processos de produção praticados pelos produtores do “A Gente Explica” decididamente influíram para que a pauta da reportagem em análise, tratando do apego de algumas pessoas a aparelhos tecnológicos considerados ultrapassados, surgisse durante de uma daquelas conversas informais, tão comuns entre colegas nos ambientes telejornalísticos, quando características de personalidade dos integrantes da equipe afloram para o conhecimento do grupo.

Três marcas de produção confirmam a assertiva. A primeira está contida nos comentários do diretor/editor Marcelo Dias, ao explicar que é muito comum uma pessoa da equipe chegar para “bater um papinho” com ele e com os outros responsáveis pelo programa quando, conforme frisou, “um fica envenenando o outro”, sugerindo assuntos para serem transformados em notícias.

A segunda reside no próprio texto da reportagem: as informações aleatórias sobre o uso de artefatos tecnológicos novos ou ultrapassados e a possível recompensa psicológica que podem ou não propiciar, não estão respaldadas por qualquer documento científico de autoria dos acadêmicos da Universidade Mackenzie ou por especialistas de outras instituições de pesquisa. Portanto, a abordagem da temática se guia por clichês recorrentes ao senso comum, inerentes às reportagens que nascem de pautas baseadas apenas em relatos emotivos de experiências pessoais e curiosas do cotidiano.

Por sua vez, a terceira marca fica explícita já no início da reportagem, através da presença sintomática do professor do curso de Jornalismo da Mackenzie e apresentador para outras edições do “A

Gente Explica”, Edson Capoano. Na condição de entrevistado e ao mesmo tempo como um dos integrantes da produção do programa, ele é o primeiro a desvelar para telespectadores sua opção por jogos de videogames da década de 1980, como forma de se apegar aos costumes do passado.

A partir da fala onde consta a predileção tecnológica e sentimental de Capoano, a reportagem ganha impulso e avança rumo à participação dos outros cinco entrevistados. “O entrevistado é o sujeito que está dentro do fato, é parte da história e dá a dimensão emocional ao acontecimento” (TEMER, 2010 p 115). Cuidadosamente escolhidos dentre as pessoas próximas aos membros da equipe de produção do “A Gente Explica”, os entrevistados não discordam entre si e nem contradizem os argumentos contidos no texto do repórter. Todos desenvolvem um mesmo discurso convergente, onde reforçam detalhes de suas vivências pessoais e o apego aos aparelhos tecnológicos considerados ultrapassados como uma virtude, uma qualidade vida.

A seleção dos entrevistados que participam do “A Gente Explica” obedece às regras estabelecidas pela produção do programa, que buscam facilitar o cumprimento das etapas jornalísticas de apuração, gravação, apresentação e edição do produto em tempo hábil: a princípio, asseguram-se o contato, o registro de imagens e a gravação de entrevistas com as pessoas diretamente ligadas à Universidade Mackenzie. Depois, e somente depois, as atenções se voltam para as fontes externas à Instituição. Com este movimento tenta-se alternar as visões de mundo de dentro e de fora da Universidade, além de servir como um recurso para variar a apresentação e contextualizar as informações transmitidas pelo programa.

As histórias personificadas exibidas ajudam a contextualizar as circunstâncias dos acontecimentos destacados pela reportagem do “A Gente Explica”, além de humanizar os relatos, aproximando-os do cotidiano na tentativa de conquistar a simpatia e a confiança do público. “Os entrevistados aparecem no vídeo apenas para confirmarem, justificarem e provarem que é real aquilo que o texto enuncia e, normalmente, não trazem nenhuma informação nova, enriquecedora, definitiva, mas são imprescindíveis como instrumentos de autenticação do que é dito” (BECKER, 2005 p 72).

Todavia, ao longo da reportagem nota-se que o relato dos professores, dos estudantes e dos profissionais externos a Instituição empresta tão somente uma ilusória autenticação ao programa da TV Mackenzie, comprometendo o seu teor de veracidade. É que na específica edição ora em análise do “A Gente Explica”, mesmo que

tenham divulgado um denso volume de impressões sobre aspectos do uso da tecnologia, as suas opiniões pessoais em consonância com o texto do repórter não se baseiam no conhecimento científico produzido pelo ambiente acadêmico, ao contrário, eles se sustentam apenas pelos artifícios da retórica passional do conhecimento dito popular, de senso-comum. Um paradoxo que contraria os mais elementares princípios do que se entende por jornalismo científico.

Em meio a tais circunstâncias de escolha de entrevistados e de procedimentos para o cumprimento da pauta, os editores do “A Gente Explica” adicionam à trama da reportagem o personagem fictício do “Doutor Cury Ozo”, que pontua passagens relevantes e interage ludicamente com alguns dos participantes da história. O “Doutor Cury Ozo” foi criado como um recurso de linguagem televisiva pelo jornalista, roteirista e diretor do “A Gente Explica”, Marcelo Dias, que também o interpreta.

O personagem de ficção do “A Gente Explica” não é pioneiro em programas de jornalismo científico na televisão brasileira. Em tese de doutorado, a pesquisadora Lacy Barca de Andrade (2004) lembra que de 1991 a 1994, a direção da Fundação Roberto Marinho contratou a empresa produtora paulista Ver e Ouvir, sob a direção da jornalista Mônica Teixeira, para introduzir modificações no programa Globo Ciência, veiculado desde 1984 pela da Rede Globo de Televisão. À época, as mudanças foram embaladas por novas vinhetas gráficas, novos repórteres e apresentadores, além “de um personagem de humor, o professor Kalili, que abria os programas com suas experiências que seriam explicadas ao telespectador ao final do primeiro bloco da emissão” (ANDRADE, 2004 p 188).

Marcelo Dias reconhece que possui uma curiosidade enciclopédica a respeito de produtos televisivos que falem de Ciência e Tecnologia, baseando-se, portanto, em vários outros programas de televisão para produzir o “A Gente Explica”, da TV Mackenzie. Ele confessa que esperou 10 anos para fazer o programa exatamente do jeito que é levado ao público, no qual se quer falar sobre ciências de forma leve, descontraída e divertida. Uma de suas referências para criar o personagem de entretenimento que interpreta foi retirada da programação do canal de rádio e televisão públicos da BBC de Londres. Trata-se do “Doctor Who?”, um produto do gênero ficção científica, no qual o personagem principal viaja no tempo e desembarca em determinados períodos da história, para conviver e explicar acontecimentos relevantes da humanidade.

Para as câmeras da TV Mackenzie, o “Dr. Cury Ozo” apresenta-se vestido de capacete, grandes óculos de grau, calças, camisa e o indefectível jaleco branco usual dos profissionais dos laboratórios de pesquisa. O personagem não fala, mas se comunica através de gestos, expressões faciais, pequenos cartazes e outros recursos audiovisuais que o auxiliam a distrair os telespectadores. Ele também desafia o repórter e alguns dos entrevistados a explicar melhor o fenômeno científico ou as funções da criação tecnológica sobre os quais a edição do programa se debruça. Marcelo não sabe se o “Dr. Cury Ozo” é um recurso de linguagem inovador no segmento das televisões universitárias brasileiras. Contudo, ele tem certeza que o personagem, no mínimo, é diferente e que desperta discussões, até porque, na sua avaliação, “as pessoas têm um pouco de receio de lidar com a Ciência num formato mais brincalhão”.

No segmento das televisões comerciais “a acentuada ampliação da oferta de produtos televisivos que misturam estratégias do jornalismo e do entretenimento parece configurar a televisão aberta neste início de século XXI” (GUTMANN, 2009). O *Infotainment*, neologismo criado para denominar a especialidade jornalística, traz em seus relatos características comuns como textos leves e imagens de ação, que introduzem o telespectador diretamente no assunto por meio de uma linguagem audiovisual fluente. O infotainment é um estímulo à capacidade de distração, às curiosidades e à possibilidade de expandir a imaginação, personificando e dramatizando as histórias de conflitos e revelação de segredos. A audiência vivencia a notícia e, principalmente, identifica-se e diverte-se com ela (DEJAVITE, 2006).

Entretanto, no campo público de televisão no Brasil, que se consolidou no I Fórum Nacional de TVs Públicas, promovido em Brasília no ano de 2007, reunindo as televisões universitárias, as comunitárias e os canais abertos integrantes da Associação Brasileira de Emissoras Públicas Educativas e Culturais (ABEPEC), a idéia de estimular a união entre o jornalismo e o entretenimento não é uma iniciativa consensual. Para alguns profissionais que atuam no setor esse gênero de jornalismo é visto com restrições.

Na avaliação do professor Eugênio Bucci, que esteve à frente da empresa de comunicação estatal Radiobrás, de 2003 a 2007, quando uma televisão se vê absorvida pelo entretenimento ela se torna uma disseminadora do espetáculo como modo de produção, afetando, inclusive, o próprio telejornalismo que produz. No intuito de arrebatar a audiência e atender aos apelos comerciais do mercado, a emissora passa a se preocupar muito mais em entreter do que em divulgar

informações jornalísticas bem apuradas, que possam estimular a aquisição de conhecimentos e o pensamento racional, além de promover a expressão de idéias plurais.

Para o professor, as televisões do campo público, no qual as TVs universitárias se inserem, deveriam diferenciar-se, recusando-se a competir no mercado do sensacionalismo e do espetáculo. Definitivamente, “a televisão pública é uma instituição que precisa produzir gente emancipada, liberta, crítica... o negócio da televisão pública não é entretenimento e, indo mais longe, não é sequer televisão: é cultura, é informação, é liberdade” (BUCCI, 2013 p.03).

Relativizando o dogma defendido por Eugênio Bucci, a pesquisadora Teresa Montero Otondo, que chefiou por mais de 15 anos o Departamento de Documentários da TV Cultura em São Paulo, pondera que o entretenimento pode entrar no rol de serviços prestados pelas televisões do campo público não apenas para divertir os telespectadores, mas para proporcionar lazer e prazer enraizados na cultura. Ela esclarece que o infotainment pode emancipar os telespectadores, quando oferece “algo mais do que mera gratificação dos sentidos (...) se encarado como uma produção cujo valor está no seu conteúdo e não no seu valor de troca em vista a uma acumulação mercantil” (OTONDO, 2012 P.66).

Na abordagem dessa questão, o professor Manuel Calvo Hernando vai um pouco além, quando esclarece que a fusão da informação jornalística com o entretenimento se justifica nas reportagens de jornalismo científico, notadamente em televisões públicas, para familiarizar a audiência com os termos e os problemas da ciência e da tecnologia. Nesse sentido, recorre-se ao espetáculo televisivo, onde podem e devem ser usados todos os “truques, recursos, brincadeiras, atores, filmagens, discursos e qualquer outro meio que permita ao telespectador entrar em nosso jogo”. (CALVO HERNANDO, 1997 p.190).

Com o pensamento de tratar a ciência de forma educativa e por saber que a televisão pode cumprir com este propósito porque é um meio que mobiliza multidões, o jornalista Marcelo Dias ajudou a formatar a divulgação científica da Universidade Mackenzie desde o início dos anos 2000, quando do seu ingresso na televisão universitária. Ali desenvolveu uma forma de trabalhar conteúdos na qual se tornou especialista há pouco mais de dois anos, ao extrair do programa “Recorte”, da TV Mackenzie, o quadro “A Gente Explica”, transformando-o num produto onde informações sobre Ciência e

Tecnologia se alternam com tiradas de humor e entretenimento. Ciente das limitações e das potencialidades do meio em que atua, Dias acredita que pode superar o preconceito que algumas pessoas têm contra os programas televisivos universitários que, segundo ele, são “rotulados de chatos e maçantes”. Para tanto, argumenta: “a Ciência pode ser divertida. Então, por que o humor não pode informar e educar?”

Da equipe de produção do “A Gente Explica” fazem parte Marcelo Dias, como roteirista e editor, o professor Edson Capoano, na apresentação e reportagem, um editor de imagens, um cinegrafista, três estagiários e, eventualmente, mais um repórter avulso. Uma das marcas do programa é pautar as reportagens atendendo não só a solicitações das pró-reitorias e das unidades que compõem a Universidade Mackenzie, mas, principalmente, de sugestões que surgem da própria equipe. Eles normalmente se colocam no lugar do telespectador para levantar os mais elementares questionamentos sobre assuntos do cotidiano que implicam o uso da Ciência e da Tecnologia, até chegar às possíveis explicações fornecidas por pesquisadores e especialistas científicos.

Ao mesmo tempo em que planejam e executam a captação de imagens, gravam entrevistas, roteirizam o texto do repórter, elaboram grafismos e escolhem as trilhas sonoras para a edição do produto de telejornalismo científico que produzem, eles permitem ao “Doutor Cury Ozo” flunar pelos cenários televisivos como estratégia de entretenimento. O personagem contracenava com o apresentador e com os entrevistados do mundo real, dando vazão a sua curiosidade substantiva, um atributo marcante que, inclusive, serviu de mote para o batismo do seu nome no mundo da ficção.

Por um lado, o “Doutor Cury Ozo” representa a ingenuidade do público, sempre carente de explicações a respeito dos resultados das pesquisas científicas e da sua aplicabilidade tecnológica na sociedade onde vive. Por outro, é um recurso de linguagem audiovisual associado ao humor, que se propõe a quebrar os preconceitos da audiência contra a programação das televisões universitárias, além de tentar ajudar a transmitir aspectos educativos da Ciência e da Tecnologia de uma maneira mais divertida, marcante e acessível para os telespectadores.

Ao ser convidado para assistir nas instalações da TV Mackenzie a outros exemplares da série “A Gente Explica”, verificou-se que o jornalismo e o entretenimento se entrelaçam ao longo dos programas sem que haja desfiguração do conteúdo das falas dos entrevistados ou degradação das informações contidas no texto do repórter sobre as problemáticas que envolvem a Ciência e a Tecnologia. Na oportunidade, a equipe de produtores explicou que ao utilizar a mesma fórmula,

jornalismo com entretenimento, para tratar, por exemplo, do tema “tele-transporte”, popularizado pela série de ficção científica norte-americana *Jornada nas Estrelas*, baseou-se em textos acadêmicos, mobilizou cientistas, e ouviu pessoas pelas ruas de São Paulo, além de abrir espaço para que o “Dr. Cury Ozo” interagisse com todos eles. Algum tempo depois, em 2007, a produção foi premiada com o troféu de melhor reportagem do 3º FestAruanda, voltado para a produção das TVs universitárias brasileiras.

Ao finalizar esse tópico, constata-se que no específico exemplar em análise do “A Gente Explica” para esta dissertação, que abordou o apego demonstrado por algumas pessoas a artefatos tecnológicos considerados ultrapassados, os produtores do programa lamentavelmente fugiram do que poderia ser considerado lógico em termos de cobertura na área de Ciência e Tecnologia. Tal conclusão se justifica notadamente porque nenhum documento de pesquisa acadêmico-científica ou a voz autorizada de um especialista serviram de referência para legitimar a reportagem como uma construção autêntica de jornalismo científico, de acordo com os pré-requisitos que regem a especialidade jornalística. O conhecimento produzido pela reportagem esteve todo baseado no senso-comum.

3.2 – “NOVA STELLA” – TV PUC

No ambiente interno do estúdio de televisão um dos dois cinegrafistas designados para o registro audiovisual focaliza a câmera no professor José Luis Goldfarb, enquadrando-o em Plano Médio. Com o poder de autoridade habitualmente conferido aos apresentadores televisivos, Goldfarb pronuncia o bordão característico de abertura da série sob o seu comando ininterrupto há quase sete anos: “Nova Stella, ciência em debate. Um programa da TV PUC, que conta com o apoio dos estudos pós-graduados em História das Ciências”.

Em seguida, o professor discorre sobre os principais atributos do currículo e cita o nome do convidado da entrevista, que só então é exibido aos telespectadores pelo segundo cinegrafista posicionado no estúdio conforme a técnica da câmera cruzada. Enquadrados em Plano Geral, os dois personagens aparecem lado a lado sentados em cadeiras de alumínio dispostas no formato de sala de visita, delimitados ao fundo por um painel azul-marinho no qual estrelas, planetas e cometas estão harmonicamente desenhados com tinta branca.

No exemplar em análise do “Nova Stella”, o entrevistado do programa é o professor da Universidade Paulista, UNIP, Otávio Pineda, mestre em História das Ciências e profissional atuante na área de Tecnologia da Informação. O executivo é “um dos tipos que atraem a atenção da mídia televisão (...) por ser um especialista cuja opinião interessa para conhecimento e interpretação dos fatos” (EMERIN, 2012 p.30). Com o especialista o professor Goldfarb conversa de igual para igual a respeito da evolução histórica da pesquisa em informática digital nos Estados Unidos da América e os seus reflexos para o mundo.

O critério de seleção dos entrevistados do “Nova Stella” flutua de acordo com a agenda de atividades do professor Goldfarb. Os pesquisadores ou especialistas convidados para o programa são escolhidos nos congressos acadêmicos, em bancas de avaliação de programas de mestrados e doutorados e nas viagens de pesquisa científica do professor ou quando desenvolvem atividades acadêmicas na pós-graduação em História das Ciências, da PUC-São Paulo, da qual Goldfarb é vice-coordenador. O contato com os possíveis entrevistados é feito diretamente pelo apresentador do programa, que confirma a data de gravação das entrevistas através de endereço eletrônico ou de *twitter*.

O estúdio da TV PUC está disponível uma vez por mês para o “Nova Stella”. A rotina de gravação é nítida para Goldfarb:

o estúdio é meu de duas às seis horas da tarde. São duas câmeras, duas cadeiras, meu cenário e os dois meninos da cinegrafia. Para cada jornada convido de três a quatro especialistas e com cada um deles gravo duas entrevistas. Uma sobre generalidades das ciências e a outra aborda especificidades de sua área de atuação. Eu procuro fazer com que o enfoque do tema seja útil à vida dos telespectadores. Portanto, eu viro para o entrevistado e digo: vamos identificar os cientistas sobre os quais estamos falando, vamos dar mais detalhes práticos a respeito dos assuntos tratados.

Uma das marcas do programa “Nova Stella” recai na possibilidade de extrair os temas das entrevistas dos mais variados ramos do conhecimento científico. Eles são escolhidos dentre os acontecimentos da pré-ciência ou pseudociência, como alquimia, astrologia e magia; nas ciências Exatas, por exemplo, Química, Física, Matemática e Astronomia; ou nas ciências mais recentes como Sociologia, História, Economia ou Comunicação. Além disso, segundo

Goldfarb, por mais que se mergulhe na teoria, no conceito e na idéia do cientista, é indispensável explicar ao público de forma educativa que a ciência sempre está inserida num certo momento histórico e num determinado ambiente cultural, que a moldam a fim de atender a diversos interesses.

Para a equipe de produção do programa a princípio não existem temas proscritos e nem censura na seleção dos entrevistados. Quem garante a liberdade de expressão é o próprio diretor da TV PUC, o professor Júlio Wainer, quando afirma: “a gente preza a fama que a TV PUC tem de espaço livre para o debate qualificado. Tem algum assunto aqui que incomoda? Então vamos discutir com profundidade, cabeça fria e argumentos”.

Trabalhar com liberdade foi uma condição conquistada pelo comando do programa desde a criação da atração televisiva, em 2006, quando da posse do professor Júlio Wainer na direção da TV PUC. À época, o diretor enviou circular a todos os professores da Universidade ressaltando a disponibilidade da televisão universitária em receber projetos para a realização de novos produtos televisivos. Goldfarb aceitou o desafio e propôs um programa de estúdio com entrevistas sobre ciências. Depois de alguns pilotos obteve aprovação para levar o projeto adiante, denominando-o de “Nova Stella” em homenagem a uma editora de revistas que possuiu em São Paulo nos anos de 1980. A homenagem também se estende ao astrônomo Tycho Brahe, que na Dinamarca de 1572 descobriu uma estrela nova próxima à constelação de Cassiopeia, onde anteriormente nada havia no firmamento.

Quase sete anos depois da estréia do “Nova Stella”, ao tentar identificar marcas dos processos produtivos presentes no exemplar em análise para essa dissertação, observa-se que o professor Goldfarb se vale de perguntas pontuais e do uso de metáforas em pequenos comentários com os quais leva o seu convidado a falar sobre a história da informática nos Estados Unidos da América. O entrevistador se interessa principalmente pelas colaborações que aquele país forneceu ao mundo científico no espaço de tempo entre as duas grandes guerras mundiais do século XX. Em busca das informações desejadas, Goldfarb apóia-se num roteiro previamente elaborado, considerando a trajetória do entrevistado, o contexto da entrevista e o tema do debate (EMERIN, 2012).

Sem se referir a autores, trabalhos acadêmicos ou relatórios de pesquisa, o professor Otávio Pineda lança mão dos seus próprios conhecimentos para contextualizar a evolução dos computadores, desde

o ábaco aos aparelhos analógicos e, daí, aos artefatos digitais. O professor da UNIP destaca também a atuação científica do engenheiro Claude Shannon nas experiências de aperfeiçoamento da informática no entre-guerras, realizadas nos Estados Unidos da América. Ele explica que, baseado na teoria binária do cientista inglês Charles Babbage, do século XVIII, Shannon desenvolveu a fórmula matemática da Teoria da Comunicação, possibilitando a montagem de arquivos com informações científicas e tecnológicas privilegiadas, que posteriormente permitiram, por exemplo, a convergência de várias mídias para uma mesma plataforma digital.

Pelo fato do professor Otávio Pineda tratar-se de um mestre em História das Ciências e um *expert* em Tecnologia da Informação, considera-se que no campo jornalístico opera a convenção da “credibilidade da autoridade”, ou seja, “algumas pessoas, pela posição que ocupam, sabem mais do que as outras pessoas; daí, devem ter acesso a mais fatos e, então, a sua informação deve ser, em princípio, mais correta” (TRAQUINA, 1999 p.172). Ainda de acordo com alguns princípios que balizam o jornalismo científico, Pineda pode ser considerado, segundo tipologia desenvolvida pela professora Isaltina Gomes, como um “especialista-opinador” (GOMES, 2009), que surge investido do papel de voz da ciência interpretando fatos do cotidiano, oferecendo soluções aos problemas estruturais da sociedade ou enfocando o contexto histórico-cultural em que determinada pesquisa foi desenvolvida.

Ao retornar os olhos para a entrevista do “Nova Stella”, percebe-se finalmente que entre o apresentador e o seu convidado não há enfrentamento ríspido e nem confronto de opiniões contraditórias sobre as circunstâncias do desenvolvimento da pesquisa em informática nas décadas de 1930 e 1940, nos Estados Unidos da América. Tanto Goldfarb como Pineda sustentam a cordialidade diante das câmeras para enaltecer a imagem dos cientistas, o resultado dos seus experimentos e as aplicações potenciais dos trabalhos que desenvolvem. A atitude se consubstancia quando pinçam da história episódios de sucesso da informática e atribuem a Claude Shannon o mérito de ter contribuído no passado para que as sociedades contemporâneas gozem os benefícios da tecnologia que hoje move as redes sociais.

Em contrapartida, o entrevistador e o entrevistado não desdobram as informações sobre o ganho econômico, o poderio militar e a influência política que os Estados Unidos exercem sobre o planeta, decorrentes em parte das experiências científicas de Shannon na área da informática. Durante o programa a esses assuntos não se dá a devida

“explicação de forma educativa” para os telespectadores, como previsto anteriormente em uma das marcas de produção da atração televisiva.

No exemplar do “Nova Stella” em análise fica nítido que a equipe de produtores preferiu enfatizar a aplicabilidade do conhecimento gerado pela ciência como resultante de uma evolução linear definitiva, quase natural (ANDRADE, 2004). Portanto, neste modelo adotado por eles não cabem as dúvidas, os possíveis desencontros e muito menos as inesperadas conseqüências desastrosas corriqueiras às pequenas iniciativas ou aos projetos de ampla magnitude empreendidos pelo ser humano na área de Ciência e Tecnologia, dos quais o jornalismo científico praticado com responsabilidade se empenha em investigar.

3.3 – “CONEXÃO SAÚDE” - TV UNISA

Vestida com uma blusa sem mangas, cabelos desalinhados e sem maquiagem, a estudante de Jornalismo Karine Maximiano enfrenta as câmeras saudando os telespectadores para em seguida lhes anunciar o início do programa “Conexão Saúde”, da TV UNISA. Ainda na abertura da atração televisiva, Karina passa a ler o currículo do entrevistado a quem vai fazer algumas perguntas dentro de instantes.

Quem está com ela no estúdio, do outro lado da bancada que compõe o cenário, é o médico José Manoel Ferreira, cuidadosamente penteado e envergando um jaleco branco impecável, característica peça de vestuário componente da imagem criada em torno dos profissionais ligados às ciências. Ferreira é apresentado à audiência portando os seus títulos acadêmicos: especialista em Gerontologia pela Sociedade Brasileira de Geriatria, mestre pela Escola Paulista de Medicina e professor adjunto do curso de Medicina da Universidade de Santo Amaro.

“A arte de envelhecer” é o tema a ser tratado pelos dois durante os 28 minutos de duração do programa. No decorrer do encontro a entrevistadora segue regamente as perguntas do roteiro estabelecidas pela equipe de produtores, sem se arriscar a fazer qualquer comentário de improviso que complemente ou contradiga o conteúdo da fala do especialista à sua frente. Ali a sua condição de aprendiz fica nítida, dentre outras razões, pela falta de astúcia em “recorrer à pesquisa, à consulta de fontes especializadas que podem auxiliar tanto na

elaboração de perguntas mais pontuais, como no esclarecimento sobre o tema” (EMERIN, 2012 p.34).

Se o processo de produção de conteúdos em televisões universitárias envolve a participação de profissionais jornalistas e de Rádio e Televisão, além de técnicos, professores e estudantes, como quer o professor Cláudio Magalhães (2002), ex-presidente da Associação Brasileira das Televisões Universitárias, dentre as televisões pesquisadas a TV UNISA é a que mais depende dos estagiários para elaborar os produtos que exhibe através do Canal Universitário de São Paulo. Não que eles sejam muitos. Na verdade, são apenas cinco estudantes bolsistas lotados no ambiente de produção televisiva. O problema é que, além deles, a televisão só dispõe de mais um diretor, um jornalista assistente, um cinegrafista e um editor de imagens para elaborar quatro programas inéditos por semana.

Percebendo, portanto, as limitações técnicas da entrevistadora, o professor José Ferreira utiliza o espaço televisivo com desenvoltura para comprovar a auto-competência profissional e as especificidades do seu saber. Nesse sentido, fornece ao público informações elaboradas sob o seu ponto de vista sobre o tipo de alimentação que considera ideal para os idosos, de quais vícios devem abrir mão e que hábitos precisam cultivar para preservar a saúde e envelhecer com dignidade. No estúdio da TV UNISA, Ferreira demonstra ter a noção de que “aquele processo comunicativo particular não é privado, mas está sendo assistido por milhares de telespectadores” (EMERIN, 2012 p.43).

Na perspectiva do jornalismo científico, o mestre em Gerontologia e professor adjunto da Universidade de Santo Amaro, José Manoel Ferreira, é voz habilitada para opinar sobre o tema da entrevista, “A arte de envelhecer”, que embora não apresente o avanço da ciência como objeto principal, leva em si o discurso do especialista acadêmico (GOMES, 2009). Ao mencionar benefícios da Medicina e prescrever condutas que possibilitem qualidade de vida para os idosos, o geriatra presta serviço aos telespectadores numa área da saúde em que o telespectador pode estabelecer uma relação direta com os seus familiares ou com a sua condição pessoal de sobrevivência. Num país como o Brasil, onde a precariedade dos sistemas de saúde e educação é de conhecimento público, o programa da TV UNISA se mostra como “um espaço privilegiado para informar os cidadãos sobre novas doenças e formas de prevenção e tratamento” (RAMALHO, POLINO & MASSARANI, 2012 p 25).

A principal marca do “Conexão Saúde” é justamente essa: prestar serviços aos telespectadores com informações na área da

Medicina. Para tanto, os médicos que são professores da casa recebem convites semanais para gravar entrevistas. A estratégia atende também ao planejamento de marketing da reitoria, qual seja, de divulgar pela TV universitária a qualidade dos profissionais de saúde que ministram aulas na Universidade de Santo Amaro.

A auto-referência profissional dos jornalistas também é outro atributo marcante que influencia a elaboração de pautas na TV UNISA. De acordo com diretor da televisão, o jornalista Cláudio Lemos, “produzimos os programas usando o nosso tino jornalístico para selecionar os temas e agradar o público”. Na TV as respostas negativas ou positivas dos telespectadores são intermediadas pelos próprios médicos que participam das entrevistas. O acesso a essa avaliação se dá nos encontros esporádicos dos quais eles participam com os membros da equipe de produção do programa, quando dizem que foram reconhecidos em determinado ambiente ou parados na rua por pessoas em busca de mais informações depois que se apresentaram no “Conexão Saúde”. Para Lemos, o assédio do público aos médicos que participam das entrevistas é um dos melhores indicativos de audiência comprovada.

Dos quatro programas analisados pelo presente pesquisador, o “Conexão Saúde”, da TV UNISA, é o único dividido em três blocos de oito minutos. No exemplar em análise, durante a passagem de um bloco para o outro, exibiu-se um “clipe” institucional que mostra o trote solidário de boas-vindas aos calouros e veteranos. O trote é uma iniciativa promovida pelas pró-reitorias da Universidade de Santo Amaro, com o propósito de arrecadar e distribuir alimentos para associações filantrópicas e pessoas carentes de São Paulo. A exibição do clipe poupa o conteúdo editorial das entrevistas de uma possível invasão explícita da propaganda da Universidade.

A garantia de preservação editorial permite a inclusão de algumas reportagens no meio das entrevistas do “Conexão Saúde”. Esse foi o caso, por exemplo, do programa onde se tratou da “Arte de envelhecer”. Nele, a apresentadora Karine Maximiano chama uma reportagem de autoria da também estagiária Rosângela Ciancci, a respeito de um grupo de mulheres paulistas da terceira idade. O grupo constantemente promove viagens, pratica hidroginástica e se distrai em conjunto, como forma de se manter saudável e em convívio social.

A inclusão de falas das integrantes do grupo da terceira idade possibilita ao professor José Manoel Ferreira robustecer seus argumentos de especialista, indicando a prática moderada de esportes, a vida sexual sem culpas e a convivência social como atividades cada vez

mais ao alcance dos idosos que buscam ter uma vida plena. As imagens e os relatos de experiências pessoais contidos na reportagem servem não só para comprovar os resultados das recomendações médicas, como ajudam a dinamizar e a humanizar a entrevista da edição do “Conexão Saúde” em análise.

Quanto ao fato de produzir um produto de jornalismo científico onde se identifica a insegurança da entrevistadora e da repórter na condução de suas atividades, além da perceptível falta de infra-estrutura básica proveniente dos camarins, como falta de figurino, cabeleireiro e maquiagem para os apresentadores e repórteres da televisão, o jornalista Cláudio Lemos tem algumas ponderações a fazer. Conforme a sua avaliação, se por um lado a TV UNISA funciona com recursos de custeio extremamente limitados, por outro a televisão serve como uma espécie de laboratório de ciências aplicadas, cujos atropelos de produção ensinam a todos como superar situações adversas no *set* de filmagens. Na opinião do jornalista, na televisão universitária os estudantes vivenciam na prática a teoria ministrada em sala de aula e se aprimoram para enfrentar o mercado das TVs públicas e comerciais.

Se do jornalista que cobre o mundo das ciências se espera a predisposição crítica para analisar a própria atividade que desenvolve, Lemos pondera que as televisões mantidas pelas universidades se mostram como uma oportunidade rara para o estudante em formação manusear dissertações, teses e relatórios de pesquisa gerados pelo mundo acadêmico, ao longo das diversas etapas de construção do noticiário científico. Este aprendizado pode se estender do nascimento da pauta à reportagem, à condução de entrevistas, à edição e, posteriormente, na apresentação de telejornais.

Uma experiência que talvez permita ao estagiário adquirir visão global dos processos produtivos nos quais os assuntos que envolvem Ciência e Tecnologia podem ser contextualizados e levados ao público leigo com a liberdade contestadora de vozes plurais; com a necessária clareza para expor as contradições e os acertos das descobertas científicas; e com a destreza de saber articular os recursos de linguagem televisiva para informar os telespectadores com o máximo de precisão.

3.4 – “PGM” – TV USP

Mesmo que os diretores da TV USP afirmem que o programa de jornalismo científico “PGM” está apto a experimentar inovações na formatação de conteúdos por ser um produto típico de televisão

universitária, contraditoriamente observa-se que a estrutura do produto televisivo se assemelha ao formato dos programas telejornalísticos característicos da grade de programação cotidiana das televisões comerciais.

A afinidade pode ser percebida já na abertura do “PGM”, através do enquadramento de câmera em plano médio incidente sobre o apresentador e estudante de Jornalismo Luiz Prado, que no interior de uma biblioteca dá início ao programa. Neste plano de filmagem o cinegrafista intencionalmente deixa vaziar ao fundo o cenário composto por prateleiras com livros e por outros jovens frequentadores do local. Ao público se quer passar a idéia de que tanto o apresentador quanto os componentes do espaço vistos em cena estão integrados ao mundo dos estudos e da ciência, próprio às instituições de ensino superior, ao qual o programa de jornalismo científico se refere.

Comparativamente, nas televisões comerciais de sinal aberto geralmente o cenário da biblioteca do programa “PGM” é substituído por imagens do ambiente televisivo onde as equipes de jornalistas e outros profissionais tradicionalmente elaboram as edições dos telejornais diários. As imagens desse cenário, por sua vez, têm o intuito de demonstrar compromisso com a apuração eficiente e ininterrupta do conteúdo do telejornal, numa tentativa preliminar de obter a confiança e a credibilidade dos telespectadores.

Designado como âncora do “PGM”, Luiz Prado, “nos olha e nos fala o que há para ser dito sobre o mundo” (BECKER, 2005 p. 85), ou seja, a ele é atribuído o mesmo poder inquestionável concedido aos apresentadores dos telejornais das grandes redes midiáticas de definir para os telespectadores, neste caso da TV USP, quais são os acontecimentos prioritários gerados pelos especialistas da Universidade de São Paulo passíveis de serem transformados em notícias. A Prado cabe anunciar para a audiência quais áreas da pesquisa científica, do desenvolvimento de novas tecnologias e de suas possíveis aplicabilidades sociais serão abordadas ao longo do programa enquanto fontes geradoras de assuntos presumivelmente do mais extremo interesse público.

Portanto, e mais uma vez como nas televisões comerciais, Luiz Prado inicia o “PGM” dando ênfase à “escalada” das manchetes em sequência das principais atrações do noticiário, como forma de despertar e manter o interesse dos telespectadores no telejornal. A escalada é lida de forma dinâmica e imediatamente é seguida por breves textos de repórteres em *off*, ilustrados com imagens pontuais dos fatos em foco.

No exemplar em análise do programa de jornalismo científico da TV USP as quatro reportagens que fizeram parte da edição foram chamadas obedecendo à seguinte ordem:

1º - *“Problemas respiratórios... Frio, tempo seco, poluição. Essa combinação típica do inverno paulistano é causadora de diversos problemas de saúde”*.

2º - *Mobilidade Urbana... A Primeira Semana de Mobilidade Urbana de Piracicaba ocorreu do dia 17 a 25 de setembro, com o objetivo de chamar a atenção e sensibilizar o cidadão para a questão da mobilidade urbana no município”*.

3º - *“Alimentação de adolescentes... Todo mundo sabe: uma boa alimentação é essencial para uma vida saudável. Agora para os adolescentes, bem, a resposta é quase sempre a mesma”*.

4º *“Corrida de carrinhos eletrônicos... Programar um carrinho para percorrer uma pista sem interferência humana e na maior velocidade possível. Este é o desafio da Freescale Cup, que aconteceu pela primeira vez no Brasil em 29 de setembro de 2011 e reuniu em São Paulo estudantes de engenharia de diversas partes do Brasil”*.

A ordem sequencial e a exibição dos breves textos cobertos com imagens das chamadas relativas a cada reportagem fazem parte das técnicas narrativas dos telejornais das emissoras comerciais que, segundo a pesquisadora Beatriz Becker, buscam “garantir junto ao telespectador o ritmo e a sensação de atualidade, um tudo saber, um domínio, ainda que relativo, do universo aparentemente limitado e disponível de informações sobre o mundo num determinado dia” (2005 p.76). Ao estruturar o espelho do programa na ordem acima descrita, os produtores do “PGM” reafirmam a busca pela segurança dos modelos adotados pelos telejornais das grandes redes comerciais, testados com sucesso dia após dia.

Ao assumir essa postura a equipe de produção do programa se contrapõe ao modo de fazer televisão universitária defendido pelo diretor da TV USP, Pedro Ortiz, que sustenta:

“nós podemos nos dar ao luxo de buscar outros enfoques. A gente pode ousar formatos, linguagens, abordagens alternativas e, se não der certo, recomeçar sem atropelos e sem o risco de prejuízo comercial”.

A distância entre os ideais de produção de conteúdo sugeridos por Ortiz para a televisão universitária e o jeito de fazer telejornalismo no “PGM” tende a aumentar quando a observação pormenoriza detalhes das reportagens que compõem o programa, como será visto logo mais adiante.

Antes, contudo, é preciso que se esclareça uma opção metodológica dissertativa: das quatro reportagens anunciadas pelo apresentador Luiz Prado, escolheu-se a primeira, sobre os problemas respiratórios causados pela poluição e baixas temperaturas em São Paulo, e a terceira, que diz respeito às recomendações dos cientistas quanto à alimentação de adolescentes, para serem submetidas às questões do protocolo proposto no início desse capítulo.

Entende-se que a escolha desse material, em detrimento das outras reportagens do “PGM”, justifica-se porque do *corpus* coletado na programação das quatro televisões do Canal Universitário de São Paulo é o que traz mais evidências da especificidade que no jornalismo científico pode ser classificada como reportagem “Estritamente Científica¹” (ANDRADE, 2004 p.205) ou de “Pesquisa como Foco²” (GOMES, 2009 p 21). Trata-se de uma classificação para aquelas reportagens cujas pautas se originam em resultados de pesquisas científicas e que costumeiramente são contextualizadas através da divulgação das fontes de financiamento ou das instituições que lhes deram origem, do método para a aquisição dos dados quantitativos e qualitativos, das possibilidades de aplicabilidade social, além da repercussão dos resultados entre especialistas e cidadãos.

Todavia, aqui também não se pode deixar de esclarecer que o descarte da segunda reportagem do “PGM”, que abordou a problemática da mobilidade urbana em Piracicaba, ocorreu por não se basear em relatórios de pesquisa ou nas considerações de especialista acadêmico-científico que lhes emprestem a referência necessária para ser

¹ A expressão “estritamente científica” condiz a como se produz o conhecimento; mostra o método científico; busca contextualizar o tema no panorama do conhecimento; pode ou não entrevistar um pesquisador; anuncia a conquista de prêmios e o reconhecimento a atividades científicas.

² A “Pesquisa como foco” tem como tema principal uma investigação acadêmica desenvolvida por universidades e instituições de pesquisa. O texto do repórter geralmente dá mais destaque aos resultados alcançados, mas também apresenta um resumo da metodologia, ressaltando a possibilidade de aplicação prática e a melhoria da qualidade de vida no futuro.

considerada como um produto televisivo típico de jornalismo científico. Por motivo similar, desprezou-se a última reportagem do programa, voltada para a competição de carros eletrônicos construídos por estudantes de faculdades Politécnicas, considerada ainda como do gênero infotainment, uma questão já vista quando da análise do programa “A Gente Explica”, da TV Mackenzie.

Na produção do “PGM” estão envolvidos uma diretora, um jornalista, um editor de imagens e seis estagiários. Diariamente eles recebem *releases* da Agência de Notícias da USP e das assessorias de imprensa independentes montadas em várias faculdades e departamentos da Universidade, que lhes solicitam coberturas de acontecimentos considerados relevantes para a comunidade universitária.

A seleção de pautas passa por critérios subjetivos e auto-referenciais da equipe, que se norteia pela praticidade de transformar o assunto em linguagem televisiva e pela facilidade de acesso a imagens e entrevistados. O formato do programa e a abordagem dos temas científicos são constantemente reformulados. Para isso, segundo a diretora Fabiana Mariz, “levamos em consideração a nossa experiência e o nosso instinto de jornalistas preocupados em tentar imaginar a ampliação do nosso público e o que de melhor nós podemos produzir para ele”.

Assim, ao abordar o material telejornalístico ancorado no programa “PGM” como “problemas respiratórios causados pela poluição e baixas temperaturas”, observa-se que na verdade ele se refere à aplicabilidade do Modelo Brasileiro de Clima e Saúde, desenvolvido pela médica Micheline Coelho, pesquisadora da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Conforme explicações da cientista, o Modelo resultante de pesquisa patrocinada pela USP pode apontar com precisão exata quais os dias em que a poluição do ar, acrescida a fatores climáticos adversos e a baixas temperaturas provocam o aumento excessivo de internamentos hospitalares na capital paulista.

Utilizando-se de imagens aéreas das avenidas que margeiam o rio Pinheiros, de ruas com trânsito intenso de automóveis, de fumaça saindo dos escapamentos dos carros e de pessoas agasalhadas nos pontos de ônibus da cidade, a narrativa do repórter traduz e reconstrói aspectos do trabalho desenvolvido pela pesquisadora da USP. O texto da reportagem também é ilustrado com gráficos animados por computadores que realçam as informações da fala da cientista e ajudam a projetar para a audiência as características dos dias adversos que provocam o aumento em até 33 por cento dos casos de internação de pessoas asmáticas em São Paulo. Segundo a fala credenciada da médica

Micheline Coelho, o registro de casos de internamentos repentinos é provocado pela confluência de três fatores: redução crítica da umidade do ar, níveis de poluição acima do normal e temperaturas abaixo dos 17 graus.

Na intenção de trazer o mundo da ciência para mais perto do telespectador (GOMES, 2009), as etapas de realização da pesquisa são pormenorizadas e se identifica os aparelhos tecnológicos utilizados na coleta de dados para o Modelo Brasileiro de Clima e Saúde. Além disso, a equipe de produção do “PGM” inclui na reportagem o professor Paulo Saldiva, da Faculdade de Medicina da USP, que defende dois pontos de vista sobre aspectos da pesquisa. Primeiro, que as pessoas economicamente desfavorecidas são as que mais ficam sujeitas aos efeitos dos três fatores que provocam o aumento do número de internações hospitalares em São Paulo. Segundo, que as medidas sócio-ambientais prescritas pela cientista para diminuir as doenças causadas pelo mau tempo e pela poluição do ar gerariam lucros substanciais aos municípios brasileiros, uma vez que reduziriam gastos exorbitantes com medicamentos, instalações hospitalares e profissionais de saúde pública, conforme demonstrou num breve cálculo.

Depois da fala do professor Saldiva, a reportagem abruptamente caminha para o final concedendo à cientista Micheline Coelho uma participação derradeira. Coelho reitera que a pesquisa desenvolvida por sua equipe da Faculdade de Medicina da USP pretende dar subsídios às autoridades públicas, para que invistam em políticas que possibilitem a melhoria das condições da qualidade do ar e diminuam o impacto da poluição na saúde dos moradores da capital paulista. Enquanto os representantes dos poderes públicos não se manifestam, laconicamente a médica encerra sua participação prescrevendo noções básicas de higiene e nutrição, a fim de que os idosos e as crianças sejam preservados de doenças respiratórias nos dias de condições climáticas adversas, previstas pelo Modelo Brasileiro de Clima e Saúde.

Ao analisar aspectos do processo produtivo da reportagem, considera-se que o modo como a cobertura jornalística foi articulada atende tanto às marcas de produção do “PGM”, quanto os preceitos do jornalismo científico para abordagem de temas considerados como “Estritamente Científicos” (ANDRADE, 2004) ou “Pesquisa como Foco” (GOMES, 2009), como é o caso do Modelo Brasileiro de Clima e Saúde.

As marcas do “PGM” e os preceitos do jornalismo científico se reafirmam, neste caso, a começar pela elaboração de uma pauta

jornalística cuja origem repousa num relatório de pesquisa desenvolvida nos laboratórios da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, uma das maiores Instituições de Ensino Superior do país. Depois, já no corpo da reportagem, por contextualizar os procedimentos metodológicos do projeto acadêmico através de imagens dos aparelhos tecnológicos disponíveis para a coleta dos dados da pesquisa, bem como por traduzir para os telespectadores as informações científicas utilizando recursos gráficos, ilustrações e imagens de São Paulo. Finalmente, por possibilitar a participação de especialistas que autenticam os resultados da ciência, “ressaltando a possibilidade de aplicação prática e a melhoria da qualidade de vida no futuro” (GOMES, 2009, p. 21).

Aparentemente todos os procedimentos acima apontados estariam corretos e perfeitamente em ordem, caso a professora Sílvia Moretzsohn não nos lembrasse de um detalhe crucial: “o jornalismo é uma atividade que demanda de quem a exerce um trabalho sistemático de reflexão (...) que possa contribuir para abalar as certezas cristalizadas do senso comum” (2007, p. 252). Portanto, se o desenvolvimento do Modelo Brasileiro de Clima e Saúde tem por meta sensibilizar os gestores públicos para a tomada de decisões antipoluição que reduzem a incidência de doenças respiratórias nos dias de baixas temperaturas, é de se indagar: por que a equipe de produção do “PGM” se eximiu de contextualizar essa vertente da reportagem ao não investigar, checar e revelar aos telespectadores se o resultado da pesquisa acadêmica foi realmente entregue a alguma autoridade pública, com o objetivo de implantar as medidas preconizadas pelos cientistas?

Mesmo que o documento científico não tenha sido encaminhado às autoridades governamentais, será que a equipe de produção da TV USP não poderia ter consultado e gravado entrevistas com gestores públicos e especialistas em administração, saúde e economia, já que a implantação do Modelo Brasileiro de Clima e Saúde poderia reduzir gastos com internamentos hospitalares e aumentar a melhoria da qualidade de vida da população? Afinal, como ressaltado pela professora Luisa Massarani (2004), é preciso que se vá mais além da função de mero porta-voz da comunidade científica. Os telespectadores merecem versões contextualizadas nas quais estejam esclarecidas as implicações de ordem econômica, política e social do uso da ciência e da tecnologia.

Como visto, da reportagem em análise ficaram de fora as autoridades governamentais, os especialistas de outras universidades para além da USP e, principalmente, o “cidadão das ruas”, que poderia ser representado pelas pessoas economicamente desfavorecidas, filmadas pela equipe de reportagem sendo atendidas com sintomas de

doenças respiratórias nos ambulatórios dos hospitais de São Paulo. O descaso para com esse tipo específico de fonte de informação corrobora o pensamento do professor Wilson Bueno para quem “a escolha de fontes no jornalismo científico sofre (...) de um processo de elitização, o que favorece o distanciamento do cidadão comum do debate e da participação na tomada de decisões sobre temas que (...) impactam suas vidas e a sociedade como um todo” (BUENO, 2012 p. 63).

Apesar de atender à maioria dos pré-requisitos estabelecidos para uma produção de jornalismo científico classificada de “Pesquisa como Foco” (GOMES, 2009) ou “Estritamente Científica” (ANDRADE, 2004), notadamente por se tratar de uma reportagem sobre os resultados e a possível aplicabilidade da pesquisa científica desenvolvida nos laboratórios da Universidade de São Paulo, o produto televisivo do programa “PGM” sobre o Modelo Brasileiro de Clima e Saúde apresenta lapsos de apuração que comprometem a profundidade do conteúdo jornalístico. Os processos de produção da equipe da TV USP mais uma vez contrariam a opinião do diretor Pedro Ortiz, para quem na televisão universitária

o jornalismo tem que ter apuração rigorosa, checagem de informação, ouvir várias versões, ter ética, enfim, produzir uma boa reportagem com conteúdo que situe e forme cidadãos.

Deficiências semelhantes de contextualização e de seleção de entrevistados também foram apontadas na terceira reportagem do programa “PGM”, que se refere às recomendações dos cientistas quanto aos ingredientes de uma alimentação saudável para os adolescentes. Esta cobertura telejornalística se pauta na pesquisa do cientista Eliseu Júnior, da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. O pesquisador entrevistou 512 adolescentes de bairros distintos da cidade, concluindo que eles ingerem menos nutrientes saudáveis porque não diversificam as refeições com frutas, verduras, hortaliças, grãos e carnes, substituindo-os pelos alimentos servidos pelas lanchonetes e restaurantes das redes de comidas *fast food*.

Além do professor Eliseu, a reportagem tem na nutricionista e professora da Faculdade de Saúde Pública, Ana Maria Gambardela, uma interlocutora credenciada pela ciência, que faz diversos alertas a respeito de possíveis doenças causadas pela má alimentação. Mais duas outras pessoas também dão entrevistas rápidas: a estudante Michele Alves e a mãe dela, a advogada Laura Alves, que numa praça de alimentação

justificam porque preferem fazer refeições nas sanduicherias e pizzarias dos *shoppings centers*.

Ao longo dos sete minutos de duração da reportagem, que reúne características do gênero “Estritamente Científica” (ANDRADE, 2004), a narração do repórter e as falas dos professores Eliseu Júnior e Ana Gambardela são cobertas com imagens de centrais de abastecimento e pela exibição de dados da pesquisa científica apresentados em telas de computadores ou por cartelas gráficas. Enquanto os especialistas reforçam a necessidade de consumir um pouco de cada porção da pirâmide alimentar, em algumas cenas as imagens mostram shoppings repletos de pessoas na hora do almoço.

O detalhe contraditório da reportagem reside no fato de que se a equipe de produção do programa “PGM” deu destaque para uma pesquisa científica que trata da alimentação de adolescentes, justamente com eles, seus pais, parentes ou professores o assunto não foi debatido com o intuito de problematizar a importância de uma alimentação equilibrada e saudável para os jovens, numa abordagem educativa e de prestação de serviços apropriada para a televisão universitária (MAGALHÃES, 2002).

Embora se possa argumentar que neste tipo de pesquisa desenvolvida pelo professor Eliseu Júnior o sigilo das pessoas ouvidas geralmente deve ser respeitado e que não há, especificamente, como entrevista-las, a cobertura jornalística fica incompleta por não ter se esmerado em registrar imagens de adolescentes de qualquer tipo, etnia ou classe social enquadrados em qualquer plano ou movimento de câmera nas cenas filmadas.

A exclusão de imagens de jovens com idade entre 12 e 17 anos, que poderiam agregar mais autenticidade à reportagem, contraria a máxima defendida pela professora Ana Carolina Temer quando diz: “no telejornalismo (...) a imagem é o próprio elemento construtivo do sentido deste gênero. O texto é igualmente indispensável, mas a sua razão é instrumental, pois ele funciona como âncora, limitando e direcionando as interpretações possíveis de imagens exibidas” (2010 p 121).

A falta de imagens de adolescentes, as falas irrefutáveis dos especialistas e a previsibilidade conivente do texto do repórter dão a entender que o produto televisivo foi construído pela equipe de produtores da TV USP apenas como forma de expor os dados científicos e enfatizar as aplicações potenciais do trabalho desenvolvido pelo especialista Eliseu Júnior, pesquisador da Universidade de São Paulo.

O modo como a reportagem foi conduzida, inclusive, mostra-se avesso ao pensamento da diretora do “PGM”, Fabiana Mariz, que em entrevista defendeu o exercício do jornalismo científico que prevê a inclusão na narrativa de vozes diversas e até provenientes de espaços externos à Instituição onde a televisão universitária está sediada:

[Na TV USP] “se vamos abordar aspectos de uma pesquisa científica poderemos ter desdobramentos que nos levam a outras fontes para além do autor da pesquisa e a outros assuntos correlacionados com ela (...) a gente ouve o cidadão das ruas sempre buscando a qualidade da informação, mesmo porque quando só ouvimos o autor da pesquisa nos limitamos jornalisticamente”.

Como observado, o rumo dado à elaboração do produto televisivo impediu a repercussão jornalística dos dados da pesquisa acadêmica do cientista Eliseu Júnior entre os cidadãos paulistanos, mesmo que defendida em tese pela jornalista Fabiana Mariz. Caso o desdobramento de cobertura jornalística se efetuassem, poderia elevar o conceito da reportagem do “PGM” à condição de um produto de jornalismo científico completo, conforme definido por Massarani (2004), Brotas (2011) e Bueno (2011). Entretanto, a reportagem fica comprometida pela ausência inexplicável de registro audiovisual daqueles por quem o projeto acadêmico-científico e a própria televisão universitária mobilizou profissionais, idéias, tempo e verbas públicas: os adolescentes e seus responsáveis.

3.5 – CONSIDERAÇÕES

A auto-referência pessoal e de grupo é uma marca de produção presente no trabalho de todas as equipes de produtores dos programas ditos de jornalismo científico das televisões universitárias analisadas por esta pesquisa. A experiência profissional e o pensamento de grupo consolidado cotidianamente lhes permitem “perceber” ou “intuir” através do “tino” ou do “instinto jornalístico”, quais acontecimentos devem ser selecionados e transformados em reportagens para agradar os telespectadores.

Sobre essa atribuição profissional, o professor Miquel Rodrigo Alsina pondera que “o jornalista não pode renunciar a ser ele mesmo

quem estabelece o que é notícia já que se fosse o contrário, ele deixaria de exercer a sua profissão” (2009 p 228). Entretanto, a socióloga Pamela Shoemaker adverte: “enquanto os jornalistas se considerarem os árbitros daquilo que o público precisa saber, eles estarão fechados a pontos de vista alternativos [aos do seu grupo] podendo fornecer uma visão de realidade com base em suposições incorretas” (2011 p 106).

Equilibrando-se entre o argumento propositivo de Miquel Alsina (2009) e a advertência conceitual de Pamela Shoemaker (2011), ao confrontar o conteúdo do que dizem os diretores das equipes de produção das televisões universitárias com as ferramentas de análise propostas no início do terceiro capítulo dessa dissertação, considera-se que os programas televisivos “A Gente Explica”, da TV Mackenzie, “Nova Stella”, da TV PUC, “Conexão Saúde”, da TV UNISA e “PGM”, da TV USP, são compostos por entrevistas ou reportagens intencionalmente elaboradas com o propósito de divulgar para os telespectadores os acontecimentos ligados à Ciência e Tecnologia.

Todavia, não se pode afirmar que os programas sejam na sua totalidade produtos genuínos de jornalismo científico, caso se tome como referência de análise a definição e os processos produtivos dessa especialização informativa, constantes da abertura do segundo capítulo do presente trabalho acadêmico.

Do “A Gente Explica”, por exemplo, não se entende porque na construção da extensa reportagem sobre o apego sentimental de algumas pessoas a artefatos tecnológicos considerados ultrapassados, os produtores não tenham se calçado com resultado de pesquisa acadêmica ou com o depoimento de um especialista credenciado, que pudesse respaldar cientificamente os desdobramentos da principal atração do programa.

A excessiva auto-referência grupal certamente os levou a selecionar seis entrevistados de falas apaixonadas e convergentes, como forma de tentar imprimir alguma credibilidade emotiva aos argumentos alinhavados pelo texto do repórter. Os equívocos cometidos no nascimento da pauta e no decorrer da cobertura jornalística comprometem até o desempenho do “Doutor Cury Ozo”, personagem de ficção criado como recurso de linguagem televisiva, que em outros exemplares da série do “A gente Explica” ajuda a entreter a audiência ao tempo em que tenta passar aos telespectadores informações e conceitos educativos sobre as descobertas científicas e a aplicabilidade das tecnologias.

Já no programa “Nova Stella”, o apresentador e professor José Luiz Goldfarb, vice-coordenador da pós-graduação em História das

Ciências da PUC - São Paulo, conversa de igual para igual com os cientistas e pesquisadores, contextualizando os assuntos das entrevistas através de gestos, de perguntas que trazem o tema para o entendimento conotativo dos telespectadores e de pequenas falas associadas a metáforas que traduzem os termos científicos para uma linguagem acessível à maioria da audiência.

Entretanto, há de se ressaltar que no exemplar em análise do “Nova Stella”, percebeu-se que o entrevistador não contradiz os pontos polêmicos das informações contidas na fala entrevistado, talvez até para não se indispor com um colega acadêmico selecionado para comparecer ao programa através de convite pessoal em meio a atividades universitárias e eventos sociais.

Goldfarb dá preferência à divulgação onde o conhecimento gerado pelas ciências é apresentado como fruto de uma evolução linear e sem grandes contradições. As dúvidas e os desencontros da Ciência e da Tecnologia, investigados pelo jornalismo científico através do confronto entre especialistas ou de documentos acadêmicos resultantes de pesquisa divergentes (BUENO, 2011), definitivamente não fazem parte do roteiro estabelecido para o exemplar em análise do “Nova Stella”.

No “Conexão Saúde”, da TV UNISA, a auto-referência jornalística se une ao marketing proposto pela reitoria da Universidade de Santo Amaro para selecionar e exibir através do programa os médicos que ministram aulas no curso de Medicina da Instituição. Na condição de especialistas credenciados pelo mundo acadêmico os entrevistados discorrem sobre generalidades das principais doenças que acometem os brasileiros, prescrevem tratamentos e recomendam o cultivo de bons hábitos que possibilitem vida plena para os telespectadores.

Segundo a equipe que o produz, o programa é elaborado para o formato de prestação de serviços. Nas entrevistas não cabe questionar o convidado com perguntas ou comentários que confrontem o seu conhecimento profissional ou o que ele entende por Ciência e Tecnologia, como possibilidade aventada pelos manuais de jornalismo científico. Gravado em estúdio, o “Conexão Saúde” em algumas edições aceita a inclusão de reportagens. No exemplar em análise a reportagem incluída no programa ajudou a ilustrar o tema “A arte de envelhecer”, de forma que tanto o texto do repórter quanto a fala das fontes de informação auxiliaram o médico entrevistado no estúdio a robustecer os seus argumentos prescritivos ou a reorientar alguns pontos do diálogo estabelecido com a audiência.

As limitações de custeio do “Conexão Saúde” transparecem para os telespectadores, dentre outras vias, através do figurino e dos cuidados com a aparência dos apresentadores e repórteres estagiários que participam das edições do programa. No entendimento do diretor da TV UNISA, Cláudio Lemos, tais transtornos podem ser encarados como obstáculos extras a serem superados pelos estudantes, que nas TVs universitárias vivenciam na prática a teoria vista em sala de aula. Para os produtores do “Conexão Saúde”, a televisão da Universidade de Santo Amaro oportuniza aos estagiários conviver com os acontecimentos científicos, reconstruindo-os desde a elaboração da pauta à cobertura jornalística, passando pela edição e, daí, até a apresentação do produto televisivo.

Na TV USP os produtores do programa “PGM” se apropriam das técnicas narrativas e do formato dos telejornais das televisões comerciais de sinal aberto para tentar estabelecer com os telespectadores um tipo de comunicação que há mais tempo já faz parte da sua leitura televisiva cotidiana, mesmo que para isso eles se contraponham ao jornalista Pedro Ortiz, diretor da televisão. Para Ortiz, na TV universitária deve-se estimular a inovação e a experimentação de linguagens e formatos televisivos, através de uma abordagem alternativa dos acontecimentos gerados pelo ambiente acadêmico-científico.

Portanto, sem abrir mão das estratégias das grandes redes midiáticas a equipe de produção da TV USP reafirma sua auto-referência de atuação jornalística dando destaque a duas das quatro reportagens componentes da edição em análise do “PGM”. A primeira, sobre o Modelo Brasileiro de Clima e Saúde. A segunda, sobre aspectos da alimentação deficitária de adolescentes paulistas. São duas reportagens consideradas como “Estritamente Científica” (ANDRADE 2004) ou “Pesquisa como Foco” (GOMES 2009), que assim se justificam por abordar os resultados de pesquisas obtidos como fruto do trabalho de pesquisadores experientes e com titulação acadêmica respeitada por seus pares, desenvolvidos em laboratórios de universidades de credibilidade reconhecida publicamente.

Na contextualização das reportagens foram utilizados recursos gráficos, de sonoplastia e de entrevistas com os autores das pesquisas e com dois dos seus colegas especialistas da área, para mostrar o método da coleta de dados e as possíveis aplicabilidades das informações resultantes das investigações científicas.

No entanto, por mais que os produtores do “PGM” se utilizem das técnicas narrativas das televisões comerciais elas não asseguram, por si só, o exercício pleno do jornalismo científico na construção das duas

reportagens consideradas como “estritamente científicas”, exibidas na edição em análise do programa televisivo.

O descuido com a primeira fica patente na falta de repercussão dos resultados do Modelo Brasileiro de Clima e Saúde com autoridades públicas e com os cidadãos paulistas, conforme desdobramento de cobertura jornalística em direção a esse viés insinuado na fala das fontes de informação e no próprio texto do repórter. O mesmo deslize se repete na reportagem que trata das deficiências na alimentação de adolescentes, agravado pela falta de imagens de jovens entre 12 e 17 anos, que emprestariam maior credibilidade à produção telejornalística da TV USP.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As TVs universitárias no Brasil foram legitimadas pela Lei 8.977/95, que instituiu os canais básicos de uso gratuito em cidades onde o serviço de televisão por cabo foi implantado no país. Pioneiro ao utilizar as prerrogativas da Lei desde 1977, o Canal Universitário de São Paulo em pouco mais de 15 anos se consolidou como antena de difusão coletiva das produções individuais de televisões com sede em universidades da capital paulista, dentre elas a TV Mackenzie, TV PUC, TV Unisa e a TV USP, investigadas por essa pesquisa.

Ao longo da coleta de dados para essa dissertação, observou-se que as televisões pesquisadas se colocam como uma espécie de vitrine pela qual a instituição de ensino superior se mostra para a sociedade. Com esse propósito, divulgam, dentre outros produtos, programas de reportagens e entrevistas sobre relatórios científicos, teses, dissertações e pesquisas que solidificam teorias e apontam para a descoberta e aplicabilidade de novas invenções tecnológicas.

Diante dessa prerrogativa, considerou-se importante estudar os processos de produção dos programas de jornalismo científico geridos pelas equipes de produtores dessas televisões universitárias, como forma de tentar compreender como os produtores televisivos apreendem os acontecimentos científicos e os contextualizam através da linguagem telejornalística, com o intuito de informar o público telespectador sobre Ciência e Tecnologia.

Portanto, na seção dois da dissertação, buscou-se conhecer o conceito da especialização informativa *Jornalismo Científico* com o qual trabalham os diretores Marcelo Dias, do programa “A Gente Explica” / TV Mackenzie, José Goldfarb, do “Nova Stella” / TV PUC, Cláudio Lemos, do “Conexão Saúde” / TV Unisa, e Fabiana Mariz, do programa “PGM”, produzido pela TV USP. Diante das respostas obtidas, constatou-se que as definições de jornalismo científico emitidas por eles são totalmente díspares, uma vez que estão condicionadas pelos objetivos particulares de divulgação televisiva e pela disponibilidade de recursos financeiros, humanos e tecnológicos de produção oferecidos pelas mantenedoras das televisões universitárias.

Assim, na TV Mackenzie, a pretensão do programa “A Gente Explica” é tornar a ciência uma notícia acessível e didática. Já na TV PUC, todas as ciências têm importância como motivadoras de

entrevistas para o programa “Nova Stella”. Na TV Unisa, quer-se fazer do “Conexão Saúde” um prestador de serviços na área de Medicina. Por sua vez, na TV USP os produtores do PGM” se propõem a ir além da simples tradução dos trabalhos dos cientistas, contextualizando-os entre vozes plurais da comunidade externa e do mundo universitário, muito embora não cumpram à risca com este propósito.

O modo como as equipes de produção pensam e exercitam o que entendem como jornalismo científico influencia a percepção e a escolha dos acontecimentos a serem transformados em notícia. Outros fatores se somam e condicionam a construção do repertório dos programas, tais como o perfil intuído da audiência do Canal Universitário de São Paulo, a necessidade inegociável de repercussão dos valores e crenças de cada uma das Instituições de Ensino Superior nas quais as televisões estão inseridas, a periodicidade de produção e exibição, além do agendamento de temas ditados pela grande mídia à opinião pública e, por conseguinte, ao mundo acadêmico.

Ao adentrar nas considerações a respeito da terceira seção desse trabalho, quando se quis identificar marcas dos processos produtivos utilizados na construção dos programas de televisão acima referidos, não se pode deixar de considerar que a literatura sobre a elaboração de conteúdo em televisões universitárias é escassa, notadamente quando se trata da construção de reportagens e entrevistas de jornalismo científico.

Essa deficiência talvez se explique por se tratar de um segmento de comunicação jovem, implantado no país há menos de 16 anos, que só recentemente passou a atrair a atenção específica de pesquisadores e acadêmicos. Portanto, os autores e as referências teóricas que orientam a análise dos programas “A Gente Explica”, “Nova Stella”, “Conexão Saúde” e “PGM” na verdade estão voltados para a avaliação do espaço ocupado por produtos de jornalismo científico nos telejornais das televisões comerciais de sinal aberto, implantadas há mais de 60 anos no Brasil.

Ao se debruçar sobre o teor dos programas televisivos acima elencados em busca de marcas dos seus processos de produção, notou-se que a auto-referência jornalística, pessoal ou de grupo, e a noção da disponibilidade de recursos humanos, técnicos e de custeio influenciam diretamente as decisões das equipes de produção ao selecionar pautas, escolher entrevistados e contextualizar acontecimentos em Ciência e Tecnologia, ocorridos intramuros ou ao entorno das Instituições que sediam as televisões universitárias.

No que tange à auto-referência profissional, quando o jornalista se serve muito mais de sua opinião do que de dados específicos para pensar no tipo de notícia que é mais importante para a audiência (VIZEU, 2005), considera-se que quando em excesso induz ao erro por obscurecer o entendimento de que em reportagens de jornalismo científico não se pode desprezar resultados oficiais de pesquisas científicas ou a voz credenciada de especialistas (BUENO, 2011) na construção de narrativas sobre descobertas científicas ou aplicabilidades da tecnologia.

A confiança excessiva na auto-referência grupal foi anotada na elaboração do conteúdo do programa “A Gente Explica”, da TV Mackenzie, que trouxe como tema o apego de algumas pessoas a artefatos tecnológicos considerados ultrapassados. Ao selecionar seis entrevistados enunciadores de falas passionais e permitir a inserção de conteúdos aleatórios sobre as consequências do uso de aparelhos tecnológicos na narrativa do repórter, a equipe de produtores da TV Mackenzie afastou a reportagem do ideal de um produto televisivo de jornalismo científico. Os equívocos cometidos desde o nascimento da pauta comprometem, inclusive, o desempenho do “Doutor Cury Ozo”, personagem de ficção interpretado pelo editor do programa Marcelo Dias, para quem a informação associada ao entretenimento ajuda a tornar a ciência mais palatável à compreensão dos telespectadores.

Na TV PUC e na TV UNISA os integrantes das equipes de produção dos programas “Nova Stella” e “Conexão Saúde” apontam que os recursos limitados de custeio financeiro os obrigam a gravar os programas de entrevistas em estúdio ao vivo e ininterruptamente, sem o direito ao uso de recursos audiovisuais extras quando da passagem pelas ilhas de edição.

No “Nova Stella”, os conhecimentos em História das Ciências do professor José Luiz Goldfarb, aliados à experiência de uma das equipes mais antigas da televisão universitária brasileira, facilitam a construção do programa ao tentar trazer o debate de conteúdos com os cientistas e pesquisadores para o entendimento conotativo da audiência. Para tanto, o entrevistador recorre a metáforas para estabelecer pontes entre os assuntos de Ciência e Tecnologia com as ocorrências da vida cotidiana. No programa não é usual confrontar os entrevistados com questionamentos que contradigam os resultados “irrefutáveis” das suas pesquisas em Ciência e Tecnologia.

Já no “Conexão Saúde”, a orientação estabelecida passa por fazer do programa um prestador de serviços, gravando-se entrevistas em estúdio com os médicos que ministram aulas no curso de Medicina

da Universidade de Santo Amaro. Os especialistas comparecem como porta-vozes da Ciência, abordando aspectos de doenças que acometem os brasileiros, além de prescrever hábitos saudáveis para os telespectadores. Os obstáculos de infra-estrutura interpostos aos estagiários, que atuam nos bastidores e na apresentação do programa, são encarados como desafios de aprendizagem a serem vencidos no processo de elaboração de produtos de jornalismo científico da TV UNISA.

Na TV USP, embora se apregoe que os produtores de conteúdo podem ousar linguagens e abordagens alternativas sem o risco de prejuízo financeiro, a estratégia narrativa do “PGM” copia e busca a segurança dos formatos amplamente testados nos telejornais das televisões comerciais de sinal aberto. As semelhanças podem ser percebidas desde o enquadramento de câmera sobre o apresentador à escalada das manchetes da edição, nas chamadas de introdução dos repórteres em cena ou na ordem de exibição das reportagens consideradas como de maior ou menor importância editorial.

A opção de estruturar os processos de produção tomando por base as estratégias narrativas das televisões comerciais, contudo, não lhes assegura o sucesso pleno no exercício do jornalismo científico, mesmo que na contextualização do produto televisivo detalhem a metodologia usada na pesquisa, a mensuração dos dados e a possível aplicabilidade dos resultados de laboratório na vida cotidiana, justificadas pela fala do autor do trabalho em ciências.

Apesar de reunir todas as condicionantes recém-mencionadas, nas reportagens do “PGM” a respeito do Modelo Brasileiro de Clima e Saúde e da alimentação deficitária de adolescentes, as lacunas em aberto deixam antever a falta de repercussão das informações resultantes das pesquisas com autoridades públicas e cidadãos paulistas, além da inexistência de imagens específicas que emprestariam maior credibilidade aos acontecimentos científicos abordados pelo programa da TV USP.

Diante de experiências tão diversas quanto aos processos de produção de conteúdos em TVs universitárias, há de se concluir refletindo que as equipes das quatro televisões integrantes do Canal Universitário de São Paulo investigadas por esta pesquisa se apropriam de telejornais, monotemáticos ou generalistas, e de programas de entrevistas em estúdio para divulgar ao público leigo acontecimentos do mundo acadêmico ligados à Ciência e Tecnologia.

As equipes procedem, cada uma ao seu modo, de forma leve e divertida; considerando importante todas as ciências; como prestadoras de serviços; ou detalhando através da palavra do especialista a metodologia, a mensuração dos dados e a aplicabilidade dos resultados de laboratório na realidade do dia a dia. Aparentemente, elas cumprem com o ideal defendido pelo professor Calvo Hernando de “difundir para o cidadão o que ele deve saber sobre os efeitos positivos e negativos do progresso científico e o desenvolvimento tecnológico sobre a cultura, a saúde, o meio ambiente e todas as restantes dimensões da vida cotidiana” (1997 p 36).

Entretanto, ao se exigir do profissional que trabalha com jornalismo científico que vá além da cobertura entusiasmada da ciência e da tecnologia, até porque no mundo moderno as descobertas científicas “constituem-se em mercadorias, produzidas e apropriadas pelos grandes interesses, e as fontes, sejam elas pesquisadores, cientistas ou técnicos, podem estar absolutamente contaminados com vínculos de toda ordem” (BUENO, 2011 p 59), verificou-se que as equipes de produção das televisões universitárias ainda não se comprometeram integralmente com o rigor de conduta exigido pela especialização informativa.

É possível que este compromisso não tenha sido totalmente assumido pelas razões expostas ao longo desse trabalho ou pelo receio de consequências punitivas em se confrontar os especialistas internos e externos à Instituição onde a televisão universitária está sediada com dúvidas interpostas aos resultados das pesquisas que desenvolvem. Ou, talvez, pela troca sistemática de estagiários que desestabiliza a confiança do grupo e o aperfeiçoamento de qualquer rotina de apuração e construção de produtos jornalísticos. É de se supor, também, que os produtores de conteúdo das TVs universitárias não possuam a exata medida do jornalismo científico, simplesmente porque não se atualizam sobre as teorias que regem esse tipo de conhecimento específico, abstendo-se do debate a respeito do assunto nos ambientes de produção televisiva.

Indiscutivelmente, estas são apenas algumas possibilidades hipotéticas que suscitam investigações como forma de manter acesa a curiosidade e aprofundar os questionamentos que permeiam os processos de produção de jornalismo científico em televisões universitárias. Uma temática ampla e multifacetada a requerer novos estudos e gratas revelações de outros pesquisadores acadêmicos do Brasil.

BIBLIOGRAFIA

ADORYAM, Adriano. TV USP: das origens à consolidação de um projeto. In *Revista USP*. Coordenadoria de Comunicação Social, Universidade de São Paulo. – N. 61 (mar./ mai. 2004). São Paulo, SP: USP, CCS, 2004.

ANDRADE, Lacy Varella Barca de. *Iguarias na Hora do Jantar: O espaço da ciência no telejornalismo diário*. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto de Ciências Biomédicas. Rio de Janeiro, 2004.

BECKER, Beatriz. A linguagem do telejornal: Um Estudo da Cobertura dos 500 anos do Descobrimento do Brasil. Rio de Janeiro: E-Papers, 2005

_____. Do mito da imagem ao diálogo televisual: repensando o ensino e a pesquisa em telejornalismo. In VIZEU, Alfredo. PORCELLO, Flávio. COUTINHO, Iluska. (Orgs.) *40 Anos de Telejornalismo em Rede Nacional*. Florianópolis: Insular, 2009.

_____. O melhor telejornal do mundo: um exercício televisual. In VIZEU, Alfredo. PORCELLO, Flávio. COUTINHO, Iluska. *60 anos de Telejornalismo no Brasil*. Florianópolis: Insular, 2010.

BORTOLIERO, Simone Terezinha. O papel das universidades na promoção da cultura científica: formando jornalistas científicos e divulgadores da ciência. In PORTO, Cristiane. (Org.). *Difusão e cultura científica: alguns recortes*. Salvador: EDUFBA, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *O campo científico*. In: Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1983.

_____. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.

BREED, Warren. Controlo social da redacção. Uma análise funcional. In TRAQUINA, Nelson. (org.). *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega, 1999.

BROTAS, Antonio Marcos Pereira. Jornalismo Científico em Tempo de Controvérsia. In PORTO, Cristiane de Magalhães. BROTAS, Antonio Marcos Pereira. BORTOLIERO, Simone Terezinha. (Orgs.). *Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas*. Salvador: EDUFBA, 2011.

BUCCI, Eugênio. (org.) A TV aos 50 anos: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

_____. *Brasil em tempo de TV*. São Paulo: Boitempo Editorial. 3ª reimpressão, 2005.

_____. *TV Pública e Entretenimento*. In. *Piseograma*. Espaço Público Periódico, O3, Recreio. ISSN 2179-4421. Disponível em: <<http://piseograma.org/artigo/492/tv-publica-e-entretenimento/>>. Acesso em: 23/01/2013.

BUENO, Wilson Costa. As fontes comprometidas no jornalismo científico. In PORTO, Cristiane de Magalhães. BROTAS, Antonio Marcos Pereira. BORTOLIERO, Simone Terezinha. (Orgs.). *Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas*. Salvador: EDUFBA, 2011.

_____. Jornalismo Científico, ciência e cidadania. In: SOUSA, Cidival Morais de (Org). *Comunicação, Ciência e Sociedade: Diálogos de Fronteira*. Taubaté-SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2004.

CALDAS, Graça. Mídia e políticas públicas para a comunicação da ciência. In PORTO, Cristiane de Magalhães. BROTAS, Antonio Marcos Pereira. BORTOLIERO, Simone Terezinha. (Orgs.). *Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas*. Salvador: EDUFBA, 2011.

CALLIGARO, Donesca. *TVS Universitárias: Um Panorama das Emissoras no Rio Grande do Sul*. Tese (Doutorado) Pontifícia Universidade católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

CALVO HERNANDO, Manuel. *Manuel de periodismo Científico*. Barcelona: Bosck Casa Editorial S. A., 1997.

CARMONA, Beth. *O Desafio da TV Pública: uma reflexão sobre sustentabilidade e qualidade*. Rio de Janeiro: TVE Rede Brasil, 2003.

CHAPARRO, Manuel Carlos. *Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística*. São Paulo: Summus, 1994.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2007.

CORNU, Daniel. *Jornalismo e Verdade: para uma ética da informação*. Tradução Armando pereira da Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

COUTINHO, Iluska. Dos personagens à incorporação do público: uma análise sobre o lugar do cidadão no telejornalismo. In VIZEU, Alfredo. PORCELLO, Flávio. COUTINHO, Iluska. *60 anos de Telejornalismo no Brasil*. Florianópolis: Insular, 2010.

CUNHA LIMA, Jorge. O Modelo da TV Cultura de São Paulo. In CARMONA, Beth. *O Desafio da TV Pública: uma reflexão sobre sustentabilidade e qualidade*. Rio de Janeiro: TVE Rede Brasil, 2003.

DEJAVITE, Fabia Angélica. INFOtenimento: Informação e Entretenimento no Jornalismo. São Paulo: Paulinas, 2006.

DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1985.

DINES, Alberto. Toda Mídia é Pública. In CARMONA, Beth. *O Desafio da TV Pública: uma reflexão sobre sustentabilidade e qualidade*. Rio de Janeiro: TVE Rede Brasil, 2003.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2008.

EMERIN, Cárilda. *As entrevistas na notícia de televisão*. Florianópolis: Insular, 2012.

FRADKIN, Alexandre. Histórico da TV Pública/Educativa no Brasil. In CARMONA, Beth. *O Desafio da TV Pública: uma reflexão sobre sustentabilidade e qualidade*. Rio de Janeiro: TVE Rede Brasil, 2003.

FRANCISCATO, Carlos E. A Fabricação do Presente. Aracaju: UFS - Fundação Anísio Teixeira, 2005.

FRANCO, Marília. TV: políticas, teorias e práticas acadêmicas. In *Revista USP*. Coordenadoria de Comunicação Social, Universidade de São Paulo. – N. 61 (mar./mai. 2004). São Paulo, SP: USP, CCS, 2004.

GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Florianópolis: Insular, 2012.

GOMES, Isaltina Maria de Azevedo Mello; SALCEDO, Diego Andres; ALENCAR, Larissa Barros. O Jornal Nacional e a Ciência. In. Revista eletrônica *Intertexto*. Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação (PPGCOM) / Universidade Federal do Rio grande do Sul (UFRGS). Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/8413/6025>>. Acesso em: 12/01/2013.

GUTMANN, Juliana Freire; SANTOS, Tiago E. F. dos; GOMES, Itania Maria. *Eles estão à solta, mas nós estamos correndo atrás. Jornalismo e entretenimento no Custe o que Custar*. In. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação E-compós, v.11, nº 2, maio/ago, Brasília, 2008. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/331/286>> Acesso em: 12/01/2013.

HOINEFF, Nelson. A Gênese das Televisões Públicas. In CARMONA, Beth. *O Desafio da TV Pública: uma reflexão sobre sustentabilidade e qualidade*. Rio de Janeiro: TVE Rede Brasil, 2003.

JURDANT, Baudouin. Falar Ciência? In VOGT, Carlos. *Cultura Científica: Desafios*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP: 2006.

LAGE, Nilson. *Teoria e técnica do texto jornalístico*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

LAGO, Cláudia, BENETTI, Márcia (Orgs.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LEAL FILHO, Laurindo Lalo. A TV pública. In BUCCI, Eugênio. *A TV aos 50 – criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário*. São Paulo: Fundação Persu Abramo, 2000.

_____. O Desafio da TV Pública: Necessidades e Caminhos. In CARMONA, Beth. *O Desafio da TV Pública: uma reflexão sobre sustentabilidade e qualidade*. Rio de Janeiro: TVE Rede Brasil, 2003.

LÉVY-LEBLOND, Jean-Marc. Cultura Científica: Impossível e Necessária. In VOGT, Carlos. *Ultura Científica: Desafios*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP: 2006.

LIMA, Vilma Silva. *As regras da TV Universitária: lutas para a construção de um campo*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, PUC-SP, 2011.

MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. 5ª edição. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

MACHADO, E, PALÁCIOS, M. Um modelo híbrido de pesquisa: a metodologia aplicada pelo GJOL. In LAGO, Cláudia, BENETTI, Márcia (Orgs.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. 2ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MAGALHÃES, Cláudio. *Manual para uma TV universitária*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MARTINHO, Mércia David. *Canal Universitário de São Paulo-CNU: Diretrizes e Características de Programação*. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 1999.

MASSARANI, LUISA. A divulgação científica, o marketing científico e o papel do divulgador. In: SOUSA, Cidival Morais de. (Org)

Comunicação, Ciência e Sociedade: Diálogos de Fronteira. Taubaté-SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2004.

_____. POLINO, Carmelo; RAMALHO, Marina. Do laboratório para o horário nobre: a cobertura de ciência no principal telejornal brasileiro. In. *Journal of Science Communication*. jun.2012. Disponível em: <[http://jcom.sissa.it/archive/11/02/Jcom1102\(2012\)A02/Jcom1102\(2012\)A02_po.pdf](http://jcom.sissa.it/archive/11/02/Jcom1102(2012)A02/Jcom1102(2012)A02_po.pdf)>. Acesso em: 10/01/2013.

_____. RAMALHO, Marina; CASTRILLÓN, Tania Arboleda ET AL. Ciência em telejornais: uma proposta de ferramenta para análise de conteúdo de notícias científicas. In. MASSARANI, Luisa; RAMALHO, Marina (Org). *Monitoramento e capacitação em Jornalismo Científico: a experiência de uma rede ibero-americana*. Disponível em: < <http://www.museudavida.fiocruz.br/media/monitoramento-e-capacitacao-em-jc.pdf>>. Acesso em: 10/01/2013.

MATTOS, Sérgio Augusto Soares. *A televisão no Brasil: 50 anos de história (1950-2000)*. Salvador: Editora PAS- Edições Ianamá, 2000.

MEDINA, Cremilda. *Ciência e Jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos*. São Paulo: Summus, 2008.

MEDITSCH, Eduardo. *O rádio na era da informação- teoria e técnica do novo radiojornalismo*. Florianópolis: Insular, Ed. Da UFSC, 2001.

OLIVEIRA, Fabíola de. *Jornalismo Científico*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.

OTONDO, Teresa Montero. *Televisão pública para quem e para quê?* São Paulo: Annablume, 2012.

PETERS, Hans Peter. A interação entre jornalistas e especialistas científicos: cooperação e conflito entre duas culturas profissionais. In

MASSARANI, Luisa. TURNEY, Jon. MOREIRA, Ildeu de Castro. *Terra incógnita: a interface entre ciência e público*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005.

PICCININ, Fabiana. Produção de notícias em dois mundos: o newsmaking no telejornalismo português e brasileiro. In. *Revista Famecos* - PUCRS. Porto Alegre: n.º 13, set.2005, quadrimestral. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/873/660>>. Acesso em: 10/01/2013.

PORCELLO, Flávio Antônio Camargo. *TV universitária: limites e possibilidades*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

PORTO, Cristiane de Magalhães. BROTAS, Antonio Marcos Pereira. BORTOLIERO, Simone Terezinha. (Orgs.). *Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas*. Salvador: EDUFBA, 2011.

_____. Um olhar sobre a definição de cultura e de cultura científica. In PORTO, Cristiane de Magalhães. BROTAS, Antonio Marcos Pereira. BORTOLIERO, Simone Terezinha. (Orgs.). *Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas*. Salvador: EDUFBA, 2011.

PRIOLLI, Gabriel. Antenas da brasilidade. In BUCCI, Eugênio. *A TV aos 50 anos – criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

_____. A Questão de Recursos. In CARMONA, Beth. *O Desafio da TV Pública: uma reflexão sobre sustentabilidade e qualidade*. Rio de Janeiro: TVE Rede Brasil, 2003.

_____. *Televisão Universitária: TV Educativa em Terceiro Grau*. Disponível em: <<http://www.uftm.edu.br/noticias/ler/codigo/502>>. Acesso em: 12/01/2013.

RAMALHO, Alzimar Rodrigues. *O perfil da TV universitária e uma proposta de programação interativa*, 2010. 173 f. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.

RINCÓN, Omar. *Televisão Pública: do consumidor ao cidadão*. São Paulo: SSRG, 2002.

RODRIGO ALSINA, Miguel. *A construção da notícia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SANTAELLA, Lucia. *Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado*. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SCHLESINGER, Philip. Os jornalistas e a sua máquina do tempo. In TRAQUINA, Nelson. (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1999.

SHOEMAKER, Pamela J. VOS, Tim P. *Teoria do gatekeeping: seleção e construção da notícia*. Porto Alegre: Penso, 2011.

SIMÕES, Inimá. Nunca fui santa. In BUCCI, Eugênio. *A TV aos 50 – criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. *A ciência na televisão: mito, ritual e espetáculo*. São Paulo: Annablume, 1999.

SOLOSKI, John. O jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico. In TRAQUINA, Nelson. (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1999.

SOUSA, Cidoval Moraes de. *Comunicação, Ciência e Sociedade: Diálogos de Fronteira*. Taubaté-SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2004.

SOUSA, Jorge Pedro. *Teorias da Notícia e do Jornalismo*. Florianópolis: Argos/Letras Contemporâneas, 2002.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. A mistura dos gêneros e o futuro do telejornal. In VIZEU, Alfredo. PORCELLO, Flávio. COUTINHO, Iluska. *60 anos de Telejornalismo no Brasil*. Florianópolis: Insular, 2010.

THOMAZ, Daniel de. *CNU: a universidade que você assiste há 10 anos*. São Paulo: CNU – Canal Universitário de São Paulo, 2007.

TODOROV, Tzvetan. *Os Gêneros do Discurso*, Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1980.

TRAQUINA, Nelson. (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1999.

_____. *Teorias do Jornalismo*. Volume I. Florianópolis: Insular, 2004.

_____. *Teorias do Jornalismo*. Volume II. Florianópolis: Insular, 2005

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In TRAQUINA, Nelson. (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1999.

_____. Contando estórias. In TRAQUINA, Nelson. (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1999.

VIZEU, Alfredo. *Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo*. 4ª edição. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

_____. *O lado oculto do telejornalismo*. Florianópolis: calandra, 2005.

_____. *Telejornalismo: a nova praça pública*. Florianópolis: Insular, 2006.

_____. (org.). *A sociedade do telejornalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. O Newsmaking e o trabalho de campo. In LAGO, Cláudia, BENETTI, Márcia (Orgs.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. In. Revista *Famecos* - PUCRS. Porto Alegre: n.º 40, dez.2009, quadrimestral. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/6321/4596>>. Acesso em: 10/01/2013.

VOGT, Carlos. (Org.). *Cultura Científica: Desafios*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2006.

_____. De ciências, divulgação, futebol e bem-estar cultural. In PORTO, Cristiane de Magalhães. BROTAS, Antonio Marcos Pereira. BORTOLIERO, Simone Terezinha. (Orgs.). *Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas*. Salvador: EDUFBA, 2011.

WEAVER, Paul H. As notícias de jornal e as notícias de televisão. In TRAQUINA, Nelson. (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1999.

WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. 3ª Edição – São Paulo: Martins Fontes, 2008.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3ª edição – Porto Alegre: Bookman, 2005.

ANEXOS

Anexo 1 – Decupagem de entrevista com o diretor da TV PUC -

Júlio Wainer

Dirceu Góes - Qual o reconhecimento que a TV PUC goza dentro da Instituição da qual faz parte?

Julio Wainer – Nós acabamos de aprovar o nosso novo regimento no começo de março de 2012. A partir de agora nós nos submeteremos a um Conselho formado pela Fundação São Paulo, pela Reitoria da PUC e pelos diretores de todas as Faculdades integrantes da Instituição. Hoje a TV PUC está subordinada diretamente à Reitoria e, dentro da Reitoria, mais especificamente ao Pró-reitor de Cultura e Relações Comunitárias. Na prática temos bastante autonomia, bastante confiança para tocar a produção dos programas da televisão. Por atuar em co-produções com outras Instituições paulistas, a TV PUC tem uma meta de se custear. Às vezes a cobertura do custeio varia de 50, 70 e até 100 por cento, conforme o decorrer do ano e dos contratos externos. Digamos que em média um terço dos custos da TV PUC é bancado pela Universidade e dois terços por projetos próprios em parceria.

DG - Quem são os parceiros da TV PUC nos projetos de co-produção?

JW – Atualmente o Conselho Regional de Psicologia, a Associação dos Procuradores do Estado de São Paulo e historicamente o SESC, ainda que nesse último ano não tenhamos produzido nada com eles. Com os parceiros produzimos séries para serem exibidas em televisão, prioritariamente, no caso específico da Associação, na TV Justiça e no Canal Universitário de São Paulo. O dinheiro proveniente é de custeio, de produção e não de exibição. Uma parte dos recursos banca a nossa equipe e outra parte cobre a contratação de produtores terceirizados.

DG - Voltando ao regimento da TV PUC, ele satisfaz plenamente os planos de produção estabelecidos pelos integrantes da equipe televisiva?

JW – Olha, uma coisa que eu acho um equívoco foi atribuir ao Conselho, do qual lhe falei anteriormente, a atribuição de determinar qual a programação da TV PUC. Esta é uma coisa que não cabe porque nós não trabalhamos assim, ou seja, a gente não desenha uma programação e corre atrás dela. A gente trabalha com base em oportunidades e parcerias. Por exemplo, o professor José Luís Goldfarb, do Nova Stella, candidatou-se a ter um programa de televisão do grupo

de pesquisa dele. Cabe a TV PUC dar estrutura para que isso aconteça, ou seja, fornecer equipe, equipamentos e colocar o programa no ar. Praticamente custo zero para ambas as partes. Ele entra com a produção, com a figura dele, com o cenário e com os convidados. A gente entra com a estrutura técnica, edita e põe no ar. Daí se conclui que não é uma programação desenhada. A idéia de que: “preciso de um programa infantil”. Eu não tenho condição disso, não tenho gente para isso, não tenho equipamentos suficientes, não tenho verba. Não é assim que a gente trabalha. A gente trabalha em cima de oportunidades de trabalho. Assim como o professor Goldfarb, eu posso dizer de boca cheia que qualquer professor da PUC que nos procurar pode ter o seu programa de televisão nessas bases: um programa de entrevistas, em estúdio, em que a gente grava dois, três, quatro, cinco convidados numa tarde. Um programa de meia-hora, em tempo real, sem esse negócio de “corta”, “volta”, a “palavra não é essa” ou “a gente melhora na edição”. Não. Entrevista em tempo real. Neste formato nós temos oferecido um programa de TV a todo mundo que nos procurou ou venha a nos procurar.

DG – Os alunos da PUC também?

JW – Com os alunos haveria também essa possibilidade, mas com os alunos o problema é a falta de regularidade, né? Os alunos vêm com fogo, com a necessidade de fazer o programa, mas fazem um e se esquecem de outros trinta. Então, reitero que convidamos todos professores de Jornalismo, todos os da área de Comunicação. Assim, poderíamos ter um programa sobre Jornalismo, Artes do Corpo, Multimeios e Publicidade. Nenhum foi pra frente porque dá trabalho, dá muito trabalho e o que a gente vê com os alunos é que tem criatividade, interesse inicial, mas não tem regularidade e disciplina. Sem isso não se faz televisão. O certo é que ao aluno não se pode atribuir esta obrigação porque ele está aqui para estudar, talvez vivenciar o processo televisivo, mas não tem obrigação. Afinal, ele paga isso aqui. O aluno não é empregado, ao contrário. Nós temos que oferecer as condições de produção, disponibilizar equipe e equipamentos, mas na prática a gente não conta com a regularidade dos alunos para sustentar uma programação.

DG – E por falar em espaço de trabalho, equipe e equipamentos, como a TV PUC hoje está estruturada?

JW – A Pontifícia Universidade Católica é uma organização privada com espírito público. Tem a desvantagem de ser privada e não contar com uma verba fixa de manutenção e de certa vagarosidade de procedimentos burocráticos. Essa é a PUC, não estou falando nenhum

segredo e não estou falando mal dela. Ela é assim abertamente. Então nós temos uma equipe extremamente dedicada, isso é o que me dá conforto. O pessoal é a fim de fazer. Uma equipe que trabalha com compensação de horário. Sem isso seria impossível a gente fazer o que faz, porque a gente grava sábado, grava domingo, grava à noite até mais tarde. Se fôssemos trabalhar realmente com o horário de cada um, precisaríamos de uma equipe maior e muito mais cara. Então a gente conta com a boa vontade dos funcionários em trabalhar no regime de compensação de horários e de entender que o desenho de produção varia muito ao longo do ano. Por exemplo, não tem assuntos que movimentem as pautas em janeiro, em fevereiro e em março. A partir de abril, em maio e em junho pega fogo. Em julho estanca tudo de novo. Nesse momento, abril, tudo é correria, que compensa em julho, em fevereiro, eles sabem disso. Tecnicamente já estivemos mais desatualizados, mas há uma compreensão da direção da PUC de que precisamos estar minimamente bem equipados para tentar obter um espaço na área de produção televisiva. Quanto à cobertura de reportagens externas, nós não temos equipe fixa de filmagem externa, porque isso nos derruba. As externas só acontecem nas co-produções ou quando identificamos um acontecimento muito importante, muito relevante, para colocar no jornal produzido por semana. Definitivamente, este não é um procedimento regular.

DG – Vocês têm a liberdade de pautar os programas como querem ou aqui funciona como uma espécie de extensão da assessoria de comunicação da PUC?

JW – Não, a gente tem total liberdade. Os jornalistas da assessoria de imprensa têm a correria deles. Eles também têm pouca gente e, felizmente, não possuem uma sede de poder que queira influenciar outros setores. Então a gente se dá bem, trabalhamos juntos quando é o caso, mas temos liberdade de pautar integralmente os programas que produzimos. Nós não sofremos influência editorial.

DG – Por quais meios se dá a contratação da equipe de produção da TV PUC?

JW – Os profissionais, através da Consolidação das Leis Trabalhistas, CLT. Os estagiários, em número de sete, via bolsas de estágio por um ano, com todas as prerrogativas da Lei. São os estagiários que põem um pouco de vida por aqui, pelo entusiasmo, pelas dúvidas, pelos acertos e erros também. O time é o que temos e não vai crescer. Os profissionais são funcionários da PUC, com todos os direitos e incentivos proporcionados pela Instituição, como direito a cursar graduação e pós-

graduação. Quanto à faixa salarial, depende muito de quando foram contratados. Tem gente bem paga, que se fosse contratado hoje não seria pelo salário recebido, e tem gente que merece subir o salário. É muito desigual e não é reflexo de uma decisão organizacional, mas fruto de uma contingência em que o cara começou a ganhar aquilo, obtendo os reajustes de Lei, os acordos trabalhistas internos que lhe eram de direito.

DG – Hoje, quanto custa à Instituição manter a TV PUC?

JW – Acho que gira em torno de R\$70.000,00 (setenta mil reais) por mês, incluindo os salários dos profissionais e estagiários. Não temos verba disponível para investimentos como conserto e compra de equipamentos. Cada necessidade se transforma num pedido encaminhado à comissão de compras, que certamente não entende muito de televisão e o pedido volta. Eu disponho de R\$500,00 (quinhentos reais) por mês para repor pequenos materiais de produção de estúdio. Multiplique os 70 mil por doze e este será o orçamento do ano passado, sem incluir nessa conta a ocupação do espaço, telefone, água e luz.

DG – Como o senhor analisa a produção das outras televisões que compõem o canal Universitário de São Paulo e, pelo o que é do seu conhecimento, como elas se mantêm no CNU?

JW – Cada caso é um caso e o que nos une é a diversidade. A Unisa se financia com a educação à distância, a USP é a USP com a sua liderança e importância, enfim, e as privadas como forma de obter visibilidade. Ou seja, a TV é uma ferramenta de visibilidade e, portanto, uma maneira de amealhar mais alunos do mercado. A PUC, uma Instituição privada em dificuldade financeira, sempre esteve, que gasta bastante com a gente, ainda que dois terços dos custos de produção sejam bancados através dos contratos, não pode deixar de estar fora dessa. A presença que ela tem em São Paulo e no Brasil não permite que a PUC fique fora do CNU. Nós gozamos de credibilidade junto aos estudantes e professores da PUC, muito embora saibamos que eles não são os nossos telespectadores diretos. Quem assiste é um outro público que está em casa, formado por aposentados e donas-de-casa. Deste modo, é possível que a tia do universitário assista. A TV universitária é uma atividade de extensão que funciona como divulgadora da imagem institucional e do conhecimento científico de forma não erudita, senão perde a sua razão de ser.

DG – Uma frase atribuída a Albert Camus diz que “É certo que toda liberdade tem seus limites. É preciso, ainda, que eles sejam conhecidos”. Então, quais seriam os limites da TV PUC na abordagem de alguns assuntos? Por aqui existem acontecimentos tabus que devem ser evitados?

JW – Olha, toda organização, todo veículo de comunicação pertence a alguém, seja ao Estado ou à iniciativa privada. Nós pertencemos a uma organização, a Cúria Metropolitana, que jamais nos disse para não fazer alguma coisa ou deixar de abordar algum assunto. Mas a gente não vai afrontar os nossos chefes. A gente vai discutir questões, quase sempre relevantes, mas não vamos afrontar. Então é menos uma questão do que falar e mais de como falar. Podemos falar sobre aborto, o que for, mas como vamos falar sobre isso? Através do debate com pessoas qualificadas, sem ôba, ôba porque não é propaganda e nem campanha de nada. Então, a nossa postura de como abordar o assunto é o que nos baliza. Se vier alguma queixa posterior eu vou ter que me apoiar em como foi feita a reflexão de produção do programa televisivo. Nosso argumento é acadêmico.

DG – Para se delinear a maneira de como abordar jornalisticamente alguns assuntos, como diria, espinhosos, vocês promovem reuniões formais com a equipe de profissionais e estagiários da televisão ou este já é um sentimento incorporado no cotidiano da turma?

JW – Há um entendimento de como proceder. Não há regras, nem interditos pré-fixados porque a gente preza a fama que a TV PUC tem do espaço livre para o debate qualificado. A gente sabe também que existem alguns provocadores que gostariam de ter um programa do tipo “o que incomodaria a Igreja? Vamos, então, fazer um alarde, vestir o bispo de demônio e sair pelos corredores da PUC”. Sabe, tem muita gente que gostaria de fazer provocações efetivas, mas isso não é matéria jornalística e nem é do interesse nosso e de ninguém. Certas atitudes servem apenas para testar os limites da liberdade de imprensa, como você falou. A gente nunca pode esquecer que todo veículo tem um pertencimento e tem um espírito que de alguma forma está ligado a este pertencimento. A PUC pertence à Cúria Metropolitana e tem o espírito de liberdade e de discussão. Tem algum assunto aqui que incomoda? Então vamos discutir com profundidade, com cabeça fria e argumentos. Não com bravatas ou provocações. Isso a gente não faz. A TV USP talvez faça coisas que a gente não possa fazer, que a Folha de São Paulo não aborde e que a Globo não dê cobertura. Enfim, cada um tem suas limitações e interditos institucionais. Eu não vejo nenhum problema em mostrar gente pelada na TV, mas eu não posso no âmbito do nosso propósito televisivo. Isso para nós não soma absolutamente nada.

Anexo 2 – Decupagem de entrevista com o diretor da Tv USP -**Pedro Ortiz**

Dirceu Góes – Que orientação jornalística você dá e cobra da equipe de produção dos programas da TV USP?

Pedro Ortiz - Por ser uma TV universitária de uma Universidade pública, a gente procura se orientar do ponto de vista jornalístico e do ponto de vista do conteúdo, pela diversidade e pela multiplicidade inerentes aos projetos de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidos dentro da Universidade de São Paulo, que podem repercutir e ter aplicabilidade junto à comunidade externa. Ao mesmo tempo, levamos em consideração as demandas da sociedade, que identificamos e procuramos repercutir junto aos professores, especialistas e pesquisadores da Instituição. Nós não somos uma televisão comercial, portanto, não estamos preocupados em “vender” qualquer produto e, por isso mesmo, podemos nos dar ao luxo de buscar outros enfoques, de buscar outras abordagens. Trabalhamos com uma liberdade muito maior não só de tempo, porque não produzimos uma televisão que requer programas inéditos diários, ela é semanal, além de elencar pautas que fogem do lugar comum, debatendo os assuntos a partir da Universidade. A gente pode ousar formatos, linguagens e abordagens alternativos e, se não der certo, recomeçar sem atropelos e sem o risco de prejuízo comercial.

A TV USP completa agora no final de 2012, junto com o Canal Universitário de São Paulo, 15 anos de existência e ao longo desse tempo obtivemos um acúmulo de experiências que já nos serve para a gente saber o que a gente faz e o que não faz, o que a gente acha que pode ser mais interessante ou não, porém sempre abertos às novidades. Quanto à prática do jornalismo, tem que ter apuração rigorosa, checagem de informação, ouvir várias versões, ter ética, enfim, produzir uma boa reportagem com conteúdo que situe e forme cidadãos.

DG – A responsabilidade com a informação redobra quando se trata dos processos de produção de programas de jornalismo científico?

PO – Há alguns anos, cerca de seis ou sete anos atrás, a mídia e a população brasileira estavam discutindo a tal da gripe aviária. Os jornais e as televisões faziam em geral uma coisa assim como de terrorismo: o vírus vai chegar e é altamente letal, não sei quantos milhões de pessoas podem morrer ou podem ficar contaminadas, enfim. Eu lembro que a gente estava acompanhando o assunto e vimos um especial da BBC de

Londres, com aquela visão européia catastrofista, parecia até que ia ser o fim do mundo. Aí a gente falou, poxa, na USP tem gente que estuda o assunto. Vamos trazer para um debate jornalístico na nossa televisão. Convidamos um professor da Escola de Medicina, que era um infectologista, e outro professor, que era um virologista do Instituto de Ciências Biomédicas da USP, que chefiava na época um dos principais laboratórios de pesquisa de vírus no Brasil. Nenhum dos dois era muito conhecido da mídia em geral, mas eram dois pesquisadores de suma importância nas suas áreas. No programa de debates da TV USP eles desconstruíram o terrorismo que a mídia estava fazendo, demonstrando cientificamente que o vírus da gripe aviária era mutante, quais as cepas que já tinham sido identificadas, que para contrair o vírus era preciso um contato direto com as aves, que o foco estava concentrado no sudeste da Ásia e que tudo dependia muito das condições de criação e produção dos frangos. Eles garantiram que o Brasil estava preparado para debelar o vírus, que por aqui tudo seria diferente e se, por acaso, algum caso chegasse ao país não provocaria uma situação avassaladora conforme anunciada pela imprensa européia e pela mídia nacional. A repercussão foi tanta que esses dois pesquisadores, na semana seguinte, estavam no Globo News, na Folha de São Paulo e em outros veículos da grande imprensa, dando entrevistas com essa versão não alarmista, a partir da pesquisa e do conhecimento que tinham desenvolvido a respeito do tema. Eles desmontaram a imagem catastrófica construída pela mídia não só do Brasil como da internacional.

DG – Ou seja, a TV USP agendou a grande imprensa.

PO – É a gente pautou a mídia comercial. Foi muito bacana e a gente ficou muito contente porque, assim, dois cientistas da Universidade pesquisadores do tema, que deviam estar muito incomodados, até mais do que a gente, porque trabalhavam com o assunto e assistiam a todo aquele “forrobodó” construído em torno da gripe aviária, que não era bem aquilo. A análise dos cientistas da USP estava correta e a epidemia que se previa para o Brasil, simplesmente não aconteceu. Este é um exemplo de como se trabalhar com a divulgação científica numa linha responsável dentro de uma TV universitária. Portanto, eu penso que devemos servir de canal de diálogo entre os pesquisadores e a sociedade. A gente sabe que nem sempre isso é fácil. Os próprios jornalistas, às vezes, têm dificuldades de lidar com o mundo científico. Por seu lado, os cientistas também têm suas restrições ao lidar com os jornalistas, muito embora tenhamos registrado avanços de um lado e de outro. É certo que ainda tem aquele pesquisador que é reticente a divulgar o

resultado das suas pesquisas, seja por compromissos com os financiadores do projeto seja por preferir divulgar através de outro veículo de comunicação que não a televisão da Universidade. Às vezes tem pesquisador que acha que o jornalista é incapaz de compreender ou de, entre aspas, traduzir o que ele está fazendo. Eu acho que devemos fomentar o diálogo entre os jornalistas, que são mediadores sociais da informação, com os próprios pesquisadores e com a sociedade, porque a sociedade quer ter respostas e conhecer o que a Universidade está desenvolvendo, porque o resultado das pesquisas científicas pode ter aplicação prática no dia a dia das pessoas. Este diálogo já existe, mas acredito que tenha de avançar um pouco mais.

DG – Nessa perspectiva, ao construir programas televisivos de jornalismo científico a parte do diálogo permitido ao jornalista é o de ser um mero tradutor das pesquisas acadêmicas?

PO - Eu acredito que não. Eu nem gosto dessa expressão, por isso quando eu a citei eu falei entre aspas, porque não é só o papel de traduzir. O jornalista é o mediador do conhecimento científico ou de qualquer outra espécie, como o econômico, o político, o cultural, enfim. Se o jornalista fosse apenas o tradutor, então o pesquisador escreveria um texto e o jornalista pegaria aquele artigo acadêmico do cientista e o traduziria para uma linguagem não cifrada, enfim, para uma linguagem que possibilitasse o acesso de todos os leitores ou telespectadores. Eu acho que não é apenas isso o que o jornalista faz. Sim, ele tem o papel de, entre aspas, traduzir o que o cientista pesquisa, mas não se esgota aí. Ele deve demonstrar que é um profissional, que a apuração de informações, o confronto com outros dados de conhecimentos e a abertura de espaço para a pluralidade de vozes não é simplesmente uma técnica que se aprende numa semana. O jornalista é um profissional da Comunicação, que também é uma ciência alicerçada em teorias de aplicabilidade social.

DG – Os programas telejornalísticos da TV USP podem ser considerados como exercícios do jornalismo na verdadeira acepção da palavra ou eles se travestem de propaganda, de reforço institucional da gestão da Universidade?

PO – Aqui a gente faz jornalismo. Na USP isto fica muito bem dividido porque as mídias da Universidade são veículos de comunicação. Existe uma assessoria de imprensa ligada à reitoria e cada unidade de ensino, pesquisa e extensão, principalmente as maiores, possui as suas assessorias próprias. Portanto, este trabalho de divulgação institucional é feito pelas assessorias de imprensa e de comunicação. Na TV USP o que a gente faz é jornalismo.

DG – Isto está claro, isto está posto para a Universidade nas suas instâncias superiores?

PO – Claríssimo. Eu sei que em algumas universidades a televisão, o jornal ou a rádio estão vinculados à assessoria de comunicação. Aqui na USP nós somos desvinculados. Nós temos uma relação profissional com eles? É claro que temos. A assessoria de comunicação da reitoria nos pauta? Sim, nos pauta. Se ficarmos sabendo, por exemplo, que o reitor da USP vai assinar amanhã um convênio internacional com o reitor da Universidade de Oxford, possibilitando aos estudantes daqui frequentar aulas ou desenvolver pesquisas na Inglaterra, a gente pode cobrir como notícia. Da mesma forma, as assessorias das outras unidades nos pautam. Vai ser divulgado o resultado de uma pesquisa, sei lá, a respeito da pele sintética desenvolvida pelo pessoal da Genética? A gente vai fazer a cobertura jornalística daquilo e não a cobertura institucional.

DG – Foi fácil para a comunidade acadêmica da USP perceber o papel da televisão ou este é um convencimento diário, que deve ser reforçado em todo momento?

PO – Depois de 15 anos de atuação, infelizmente até hoje isto ainda não está esclarecido na cabeça de algumas pessoas. A gente procura, mas não tem condições, ter contato diário, simultâneo, com toda a diversidade que compõem a USP. Porém, com quem encontramos e para aqueles dirigentes de instâncias da Universidade com os quais temos a oportunidade de conversar e trabalhar, esclarecemos quais são os objetivos da TV USP e informamos detalhes dos programas que produzimos e veiculamos através do canal Universitário de São Paulo.

DG – A TV USP possui um regimento que lhe confere o “status” institucional de ser reconhecida pelos Conselhos Superiores da Universidade?

PO – Nós elaboramos o regimento na gestão anterior, mas naquela oportunidade, por vários motivos, não foi aprovado. Com a mudança de reitor o projeto de regimento foi atualizado, passando a tramitar nas várias instâncias burocráticas da Universidade. Queremos aprovar tanto o regimento da televisão como o da rádio. Nesta proposta de regimento nós dizemos quem somos ao definir a TV USP como uma rede de televisão com a matriz na capital, São Paulo, e mais três núcleos no interior: Bauru, Piracicaba e Ribeirão Preto, com perspectiva de ampliação para Pirassununga, Lorena e Santos. Do documento também constam a missão, os objetivos e como funciona a televisão. Eu não tenho a garantia, a certeza, de que se tivermos um regimento aprovado pelos Conselhos Superiores da USP, publicado em Diário Oficial, a TV

USP venha a gozar de reconhecimento institucional perene. Entretanto, a partir da devida aprovação e publicação do regimento, cria-se uma estabilidade muito difícil de ser debelada.

DG – Que tipo de contrato rege a relação trabalhista com os profissionais graduados e técnicos que trabalham na TV USP?

PO – Todos os profissionais são concursados. Agora, as vagas não surgem assim, exatamente com a velocidade que a gente precisa. De 2010 para cá a nossa equipe dobrou com a implantação dos núcleos da rede de TV USP no interior do estado. Para cada núcleo contratamos quatro profissionais através de concurso público. Hoje nós temos uma equipe, juntando a de São Paulo com os núcleos de interior, de 25 profissionais entre jornalistas, pessoal de Rádio e Televisão e técnicos. Além disso, aqui em São Paulo temos 14 vagas de estágio, porém nem todas preenchidas porque recentemente a bolsa de alguns estagiários chegou ao fim e nós ainda não providenciamos o novo processo de seleção.

DG – Qual a faixa de remuneração salarial dos profissionais concursados da TV USP?

PO – Os valores são públicos e constam do sistema eletrônico do Departamento de Recursos Humanos da Universidade. Eu não sei exatamente quanto cada um ganha, porque ao salário básico são acrescidos benefícios por tempo de trabalho, desempenho de funções específicas, auxílio creche, vale alimentação, enfim. Agora, o salário inicial de um técnico hoje na USP, seja em qualquer área, está na casa de R\$3.800,00 (três mil e oitocentos reais). Para o pessoal de nível superior, no caso jornalistas e profissionais formados em Rádio e Televisão da TV USP, o salário inicial gira em torno de R\$5.600,00 (cinco mil e seiscentos reais) para uma jornada de quarenta horas semanais, muito embora os jornalistas trabalhem trinta horas por semana. No caso dos estagiários, o valor de cada bolsa é de R\$800,00 (oitocentos reais) por trinta horas semanais mais vale transporte.

DG – Quem aprova a criação de vagas para concursos que permitam o ingresso de técnicos e de profissionais na TV USP?

PO – Houve uma época em que a partir do orçamento anual destinado às Universidades Estaduais de São Paulo, a própria USP tinha a liberdade de decidir quantas vagas poderia abrir para concurso. Hoje isso já não acontece mais. Hoje é a Assembléia Legislativa do Estado quem aprova a criação de vagas. Então os dirigentes da USP fazem um levantamento geral das necessidades de contratação de pessoal da Instituição e, por gerir uma autarquia com certa autonomia conquistada através de lutas históricas, solicitam diretamente a aprovação de

concursos aos deputados da Assembléia. É claro que existe uma conversa com secretários de Estado, com o próprio governador, mas é a Assembléia que aprova atualmente o denominado emprego público.

DG – Neste momento, qual o orçamento de custeio da rede montada pela TV USP?

PO – Eu aqui trabalho com dois orçamentos. O primeiro voltado para despesas fixas como as mensalidades de manutenção do Canal Universitário de São Paulo, CNU, e da Associação Brasileira das TVs Universitárias, ABTU, contrato de manutenção de equipamentos, verba de produção, diárias e outras despesas que a gente vai corrigindo de ano a ano. O segundo orçamento é variável e está voltado para investimentos em novos programas, novos cenários, compra de equipamentos, etc. Então a gente reúne esses dois orçamentos, monta uma peça orçamentária, encaminha para a Coordenadoria de Comunicação Social da Universidade e, caso aprovada, temos acesso parcelado aos recursos através de rubricas específicas voltadas para o custeio da rede USP de TV. Para 2012 o orçamento previsto é de R\$600.000,00 (seiscentos mil reais) fora o pagamento de salários dos técnicos e profissionais da televisão. Além disso, conseguimos nesse ano recursos extras para expansão da Rede USP de TV da ordem de R\$900.000,00 (novecentos mil reais). Em 2012, se somarmos a nossa peça orçamentária com os recursos extras e os salários dos funcionários na capital e no interior a Rede USP de TV vai custar algo em torno de R\$3.000.000,00 (três milhões de reais) para a Universidade.

Anexo 3 – Decupagem de entrevista com diretor Tv Unisa - Cláudio Lemos

Dirceu Góes – Qual o objetivo do programa Conexão Saúde, produzido pela TV Unisa e o quanto ele traz de informações ligadas ao jornalismo científico?

Cláudio Lemos – O objetivo do Conexão Saúde é levar informação porque nós temos um curso de Medicina muito forte aqui e o objetivo da Universidade e o da reitora não é divulgar a liderança mas divulgar a qualidade dos professores que nós temos. Então o objetivo do Conexão Saúde é divulgar a prestação de serviços e informação na área da Saúde. Se ele é científico? Não sei bem se ele tem essa preocupação, mas, por exemplo, eu agora estou na apresentação do programa e parti para um mestrado na área para me preparar e entrevistar melhor os nossos convidados. Eu só sei que nós temos muitos dados de pesquisas para divulgar do campus de Medicina da Unisa, que fica perto da represa, na área de mananciais.

DG – Qual a sua noção, o seu entendimento de jornalismo científico?

CL – Eu acho que o jornalismo científico é feito por um cara totalmente especializado nessa área, que mostra os diversos avanços não só na área da Saúde, mas na área das Ciências Sociais Aplicadas em geral, além da Física, Química, Astronomia, enfim. Penso eu na minha maneira de ver que seria isso, né?

DG – Ao produzir o Conexão Saúde, como vocês percebem o acontecimento a ser selecionado como tema do programa?

CL – Hoje eu diria que a produção do Conexão Saúde ainda é muito experimental. Nós temos uma relação com todos os médicos do Curso de Medicina da Unisa e eles são sempre chamados para dar entrevistas que possam se transformar em prestação de serviços. Sempre como prestação de serviços. Existe um planejamento anual de entrevistas? Não, não existe, esse é um detalhe ainda a ser visto porque é uma coisa ainda de preparo da equipe.

DG – Os médicos da Instituição têm interesse de atender ao convite da televisão para participar do programa?

CL – Têm, tem sim. O conceito que eles têm da TV é dos melhores. A única dificuldade é por vontade própria virem atrás da produção, mas quando são convidados você dificilmente recebe um não.

DG – Para entrevistar todos esses médicos, de que maneira vocês se preparam?

CL – Eu leio tudo o que posso a respeito do fato a ser abordado. Com uma semana de antecedência da gravação do programa leio publicações especializadas na área da Medicina, colunas específicas na internet, a gente pesquisa às vezes o site da prefeitura que traz muitos números, muitos dados, pra gente ter um panorama geral da questão. Eu acho que um cara que faz entrevistas, um profissional dessa área ele deve fazer só isso, porque é suficiente para tomar o tempo dele nessa dedicação.

DG – Quantos profissionais e estagiários compõem a sua equipe de produção televisiva?

CL – No estúdio eu tenho 12 profissionais e na TV eu trabalho com cinco estagiários. Dos 12 profissionais o meu supervisor é jornalista e os outros são técnicos. A nossa grade de programação varia muito e a gente produz uma média de quatro programas de 28 minutos cada por semana. O contrato com os estagiários é de um ano. A renovação é complicada porque você sempre está começando a formar mão de obra da estaca zero. Em compensação, todos os que estagiam aqui já saem empregados no mercado de trabalho.

DG - Dentro de uma perspectiva jornalística, até que ponto vocês permitem a pluralidade de vozes no Conexão Saúde, convidando especialistas de outras instituições para serem entrevistados?

CL – Nós não temos nenhum problema com isso. Nós não nos limitamos a uma programação intestinal. Se tem uma pessoa boa de uma área de fora é convidada. Outra coisa legal aqui é que nós temos um programa feito exclusivamente pelos alunos. Um programa só dos alunos. Lá eles têm um professor que orienta, mas eles têm toda liberdade de fazer a produção. Outro ponto: vou fazer um programa de debates daqui a um mês sobre saúde mental e para isso virão psiquiatras de lugares diferentes. Essa prática enriquece os programas de conteúdo e são formadores de opinião que vão nos conhecer e poderão dizer “olha, eles fazem uma televisão séria e procuram trabalhar da melhor maneira possível”. Isso é bom.

DG – Para vocês fica claro que trabalham com jornalismo ou vocês se apropriam dos gêneros jornalísticos para fazer uma propaganda disfarçada da Universidade?

CL – Nós pensamos que programa de entrevista é jornalismo. Agora, a Instituição precisa divulgar o trabalho dela. Então o que é que eu faço? Se eu tenho um bloco de 28 minutos, durante 26 minutos do programa eu produzo jornalismo em forma de entrevista e no “break” correspondente aos dois minutos de finalização, à parte, eu falo da

Instituição. Ali eu divulgo uma Semana de Odontologia, um debate promovido pelo Curso de Farmácia, entendeu?

DG – E quanto à introdução do contraditório? Se por acaso um convidado expõe algum dado que não corresponde às informações colhidas na pré-produção do programa vocês contestam o entrevistado no ar?

CL – Tudo o que entre num debate entre pessoas inteligentes, educadas, o contraditório tem que ser bem aceito. Eu posso te ouvir e não concordar com o que você fala, com nada daquilo que você diz. Mas eu tenho o direito de te ouvir e dizer o que eu penso, sem necessariamente concordar com a sua fala. Dentro da Universidade tem que haver o contraditório, o confronto de idéias, e o diferente faz parte do jornalismo.

DG – Qual a principal dificuldade para produzir o Conexão Saúde?

CL – Dinheiro, é o financeiro, recursos. Nós somos das TVs do CNU que trabalhamos com menos gente. Eu faço uma TV universitária com cinco estagiários hoje. É uma questão de sobrevivência. Até mesmo os 12 funcionários dos estúdios, na realidade trabalham nos laboratórios dos cursos de Comunicação e na Educação à Distância. Por isso a gente grava nos horários vagos, entendeu? Por exemplo, se vou gravar eu gravo das 17h00 às 19h00. A equipe entra às 17h00 e sai às 23h00. Às 19h30 eles entram com aula ao vivo via satélite. Portanto, a parte de produção jornalística é feita com os estagiários e eu não vejo um disparate grande entre o que produzimos e o das outras televisões.

DG – Qual o principal prazer de estar aqui há 15 anos?

CL – No meu caso, é o retorno do público. Quem nos assiste está acima dos 35 anos, habitualmente mulheres, que assistem o Canal Universitário pela linguagem dos programas e pela abordagem dos assuntos. Nós somos muito procurados pelos universitários para divulgar os trabalhos dos cursos. É até um paradoxo: os universitários querem a televisão para divulgar os trabalhos que fazem, mas para assistir acho que não. Diante desse dado, produzimos os programas usando o nosso tino jornalístico para agradar ao público e as respostas sempre vêm quando conseguimos produzir programas de prestação de serviços em Saúde. À vezes, quem nos dá um “*feedback*” são os médicos que participam das entrevistas quando dizem que foram reconhecidos em determinado ambiente ou foram parados na rua por pessoas em busca de mais informações depois que se apresentaram na televisão. A gente sabe que é bem assistido.

DG – Aqui existe alguma proibição quando à abordagem de assuntos considerados tabus?

CL – A gente tem uma liberdade de produção total. Não existe tabu, existe uma confiança e a gente procura evitar a abordagem leviana dos temas.

DG – Como o senhor analisa a produção das outras TVs integrantes do CNU?

CL – Eu acho que tem TVs com produções muito bem planejadas, uma produção de pautas intensa e bem elaborada. Todas têm um perfil bem próprio e que têm profissionais muito bons que fazem programas muito bem produzidos. As coisas não saem ao acaso. Em geral eu acho isso.

DG – A tendência da TV universitária hoje em dia é de profissionalização?

CL – Eu acho que não. A tendência vai ser manter do jeito em que se encontra porque a TV é vista como custo. Os profissionais precisam entender uma coisa: se eu quiser fazer uma televisão profissional eu vou para o mercado comercial. A TV universitária lhe dá uma oportunidade que o mercado não dá: a de você trabalhar em todas as fases de produção de um programa, desde a elaboração da pauta à reportagem, ao programa de entrevistas e daí até a edição e talvez à apresentação dos programas. Você consegue ter uma visão global do processo de produção televisiva.

Anexo 4 – Decupagem de entrevista diretor Tv Mackenzie - Marcelo Dias

Dirceu Góes – Como vocês pensam o programa “A Gente Explica” e de que maneira estão estruturadas as jornadas de trabalho para que ele seja produzido?

Marcelo Dias – É uma edição mensal e por ser um programa um pouquinho mais trabalhado a gente prefere se sacrificar para deixar ele mais completo, para não fazer o programa muito corrido, estorvando o conteúdo. Normalmente temos um banco de pautas, sempre que tenho uma idéia eu vou anotando, geralmente as pautas do “A Gente Explica” nascem de temas que as pessoas querem saber: o que é a gravidade; como funciona a bolsa de mercados; por que é que a gente tem soluços, o que é sonambulismo, perguntas comuns que a gente vai avolumando. Às vezes eu leio e vejo alguma coisa interessante e aí eu vou soltando para minha equipe: olha, quer fazer essa? Você tem alguma idéia nova? Eu tento fazer, de alguma forma, uma espécie de equilíbrio entre os assuntos, porque, de repente, tem alguém da equipe que gosta de Economia e começa a fazer um monte de matérias sobre Economia e o programa fica carregado. Então, além de Economia, o programa tem que ter um pouquinho de Exatas, de Humanas, de Biológicas e esta medida é feita mais ou menos “no olho”, né?

Como as matérias demoram a serem feitas, porque elas exigem leituras, pesquisas, entrevistas com os professores e estudar o assunto, uma vez que ninguém aqui é especialista em Ciências, todo mundo é jornalista e ninguém é formado em Física, em Matemática, então, por exemplo, se eu estou falando sobre gravidade eu tenho que estudar um pouquinho o assunto, ler, leva um tempinho. Então, a gente lança várias pautas e vai gravando. Eu não faço assim, olha vou lançar duas para este programa. Eu mando várias, algumas vão mais rápido e outras mais lentas, conforme o tempo eu vou fechando e montando o programa. Às vezes consigo fechar o programa com três matérias, outras só com duas, de outras até com quatro reportagens.

DG – O programa geralmente tem trinta minutos?

MD – Tem 28 minutos pelo tempo do Canal Universitário, mas na verdade, assim, o programa gira em torno de 22 a 24 minutos de conteúdo, porque tem uns programetes que a gente coloca junto, os “Drops de Conhecimento”, que tratam de Ciências também, mas que não fazem parte do “A Gente Explica”. Outra coisa é que não dá para

fixar o tempo de confecção das reportagens. Tem matéria que a gente faz com uma pessoa só, que eu ligo hoje para o professor e ele nos dá a entrevista amanhã, eu já decupo, escrevo o roteiro e em uma semana está pronta. Outras que não, principalmente quando é uma pesquisa que envolve uma viagem. Então você começa a produção hoje, agenda a viagem pra ir lá onde o professor trabalha, de repente é lá na Mata Atlântica, então daqui a duas ou três semanas o repórter e o cinegrafista vão lá na Mata Atlântica, depois voltam, entrevistam mais duas ou três especialistas, então leva meses essa reportagem. Por isso, não tem um tempo médio. Algumas levam muito tempo e outras pouco tempo.

Agora, por exemplo, estamos fazendo uma série sobre o sonho humano de voar. São quatro matérias: se o homem poderia voar com os próprios braços, depois o avião, o helicóptero e o foguete a jato indo para o espaço sideral. Como é uma série, nós estamos fazendo as quatro matérias ao mesmo tempo, priorizando todas as entrevistas, para depois roteirizar, colher as imagens e editar as reportagens. A idéia é que cada uma delas seja exibida em um dos programas “A Gente Explica” ou, quem sabe, eventualmente, vamos fazer um especial em que todas elas sejam exibidas em conjunto. A gente já fez isso de outras vezes e funciona bem.

DG – Quantas pessoas fazem parte do núcleo específico de produção do “A Gente Explica”?

MD - Da equipe básica somos eu, como jornalista e roteirista, o editor de imagens, um cinegrafista e três estagiários, que geralmente vêm dos cursos de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda. O detalhe é que na redação da TV Mackenzie trabalham três cinegrafistas, ou seja, eu não tenho um cinegrafista exclusivo para mim, eu uso o que estiver disponível na hora. E, eventualmente, um dos nossos estagiários pode fazer uma reportagem para as outras equipes, da mesma forma como podemos receber o auxílio de outro jornalista. Às vezes até se evita que os estagiários atuem somente num mesmo programa para evitar cacoetes e lhes proporcionar adquirir experiências variadas.

DG – Os estagiários chegam aqui geralmente depois de terem cursado quais semestres?

MD – Em geral quando estão no terceiro ano, ou seja, no quinto, sexto semestre, depois de terem contato com a teoria e praticado um pouco nas disciplinas de telejornalismo. Alguns estagiários são referendados por professores. Eles passam pelo processo seletivo normal, mas o professor dá a dica: “olha, tem um aluno ou uma aluna muito dedicados, eles são muito bons, que estão se dando bem nessa área e querem fazer

telejornalismo”. Os estudantes vão para o processo seletivo e, geralmente, a indicação do professor é comprovada.

DG – Você anteriormente disse que elabora as pautas dos programas da TV Mackenzie por imaginar que as pessoas estariam interessadas naqueles assuntos. Vocês aqui não são alimentados por assessorias de imprensa internas da Instituição ou pelas pró-reitorias, interessadas na cobertura de alguma pesquisa específica ou de alguma aplicação dos conhecimentos obtidos em projetos de extensão?

MD - A gente recebe material impresso e solicitações das unidades que compõem o Mackenzie. A gente pega e avalia a melhor forma de tratar esses assuntos. Então tem assuntos que são tratados em programas de estúdio. Outros são transformados apenas em notícias, mas quando a gente percebe que existe uma forma melhor de tratar aquela informação, que ela possibilita a gravação de imagens e um conteúdo mais completo, aí ela passa a ser considerada como uma boa reportagem para o “A Gente Explica” ou para outros programas da nossa grade de programação. Entretanto, de cara eu não posso me basear apenas nessas solicitações e sugestões das unidades e das pró-reitorias, porque não significam um volume suficiente para alimentar a programação. Então aqui é muito comum que as pautas surjam da própria equipe, por uma experiência de trabalho que já acumulamos, porque de alguma maneira a gente percebe do que os telespectadores gostam mais, a gente fica mais atento aquilo que as pessoas gostam de falar e do que fazer.

DG – O “A Gente Explica” existe há quantos anos?

MD – O programa existe há um dois anos. Ele na verdade era um quadro de um programa chamado “Recorte”, um programa mais amplo de reportagens e tinha um quadro chamado “A Gente Explica”, que consistia em pegar uma pergunta e tentar explicar aquele questionamento. Por exemplo: o que é a teoria da relatividade? Vamos explicar. Como é que funciona a bolsa de mercados? Ok, vamos explicar. A partir de um certo tempo, observando o próprio Canal Universitário de São Paulo, eu vi que os programas de matérias eram muito variados, muito tipo revista. Isso confunde e atrapalha a quem está assistindo, porque não sabe do que está se tratando. Aí eu falei tem que ter um programa que fale sobre ciência, “A Gente Explica”. Ou seja, pegou o “A Gente Explica” e não vamos falar sobre cultura, sobre esportes, vamos falar sobre ciências de uma forma leve, descontraída e divertida. Então aí, há uns dois anos, eu criei o modelo, botei como programa, que foi sendo mudado ao longo do tempo. Antes tinha uma apresentadora, depois a gente criou um personagem, que é o “Doutor Curioso”, que sou eu que interpreto por sinal, uma espécie de cientista

que usa um capacete, que não fala. Em seguida, criou-se uma dupla com o professor que apresenta o programa, ele fala e eu não. Hoje eu acho que o programa está no seu formato ideal e toda a equipe acredita no “feeling” jornalístico que possui para intuir que os assuntos que pautamos e a abordagem que procedemos vão cair no gosto da platéia, formada por telespectadores de cultura mediana, constituída em parte por donas de casa e estudantes de segundo grau, segundo pesquisa promovida pelo CNU. Por isso, a gente tenta não pesar a mão em determinados assuntos, muito embora se queira tratar o conteúdo de forma completa e instrutiva para os telespectadores.

DG – Nessa perspectiva, qual o seu conceito de Jornalismo Científico?

MD – Tem aquela concepção que é a clássica: divulgar os avanços da Ciência. Eu concordo, mas não vou dizer que é exatamente isso que eu faço. Meu trabalho aqui não é exatamente de jornalismo científico, é de jornalismo educativo. Eu trato de ciência de forma educativa. Nesse aspecto o meu trabalho é transformar a ciência em algo acessível. Por exemplo, você tem a revista da FAPESP, que é por excelência Jornalismo Científico, puro, eles divulgam a Ciência. É um trabalho importante, mas não é o que eu faço. Olha, o que eu faço aqui é pegar a Ciência e transformar em algo acessível, pedagogizante e didático. Eu brinco muito dizendo que a gente é o “Discovery Chanel” dos pobres. Eu tenho um milésimo da verba deles, mas cem por cento da intenção, porque eu quero explicar uma coisa de forma agradável, legal. Eu não tenho a verba deles para mandar alguém lá para o meio da África, mas eu faço do meu jeito. A minha função é atrair as pessoas para as Ciências. Eu sei que eu não vou explicar tudo, mas vou tirar as pessoas desse senso comum e fazer com que elas entendam que Ciências é uma coisa legal.

Eu vou dar um exemplo muito interessante que eu vi numa palestra da diretora da BBC. Ela falou que eles percebem por lá que o objetivo deles é ensinar? É, mas principalmente atrair a atenção das pessoas para o conhecimento. Ela deu um exemplo interessante com relação ao programa “Doctor Who?”, um programa de ficção científica em que o personagem viaja no tempo e desembarca em determinados períodos da história da humanidade. Portanto, eles têm na BBC uma pesquisa do Google que indica os temas mais procurados em determinados dias. Num determinado dia ela viu que a palavra Pompéia estava no pico. As pessoas estavam procurando a palavra Pompéia no Google. Ela cruzou os dados e percebeu que a procura pela palavra Pompéia casava com a exibição de um episódio do “Doctor Who?” em que o personagem volta

para Pompéia, durante a civilização romana, quando o Vesúvio explodiu e destruiu a cidade de Pompéia. Então as pessoas viram o programa e se interessaram em buscar mais informações sobre aquele fato histórico. Quer dizer, o programa não explicou tudo o que aconteceu em Pompéia, mas despertou a curiosidade nos telespectadores. Isso, para mim, já é despertar o interesse pelas Ciências. Eu simplesmente fiquei encantado com essa perspectiva e estou me baseando de que este é o meu trabalho.

DG - Vocês já tiveram por aqui alguma experiência semelhante a que foi relatada pela diretora da BBC?

MD - Sim, sim, a gente fez uma longa reportagem, quase um programa inteiro, chamada “Narciso que tem medo de espelho”, no qual a gente falava da identidade do brasileiro. A idéia passava por tentar entender que identidade a gente tem. Um tema muito comum que começamos a abordar até a base da ignorância, ou seja, a gente partiu do senso comum absoluto até chegar às possíveis explicações em ciências sociais aplicadas do porque somos como somos. Então, para entender a identidade do brasileiro a gente precisa saber, por exemplo, como a gente se vê enquanto povo, como os estrangeiros nos vêem, como gostaríamos que fôssemos vistos, então fomos fazendo várias perguntas e respondendo através dos depoimentos de economistas, jornalistas, psicólogos, antropólogos, enfim fizemos uma brincadeira. E a brincadeira passava pelo exercício de imaginar o que diria um português de 1500 se visitasse o Brasil nos dias de hoje. Ele descobriu o país, disse esse país vai ser bonito, mas e agora, em que é que deu? Então eu me vesti de português e saí pelas ruas como se estivesse observando o país descoberto há mais de 500 anos. Foi um programa que teve uma visão muito crítica do Brasil, teve gente que falou coisas muito fortes, como dizem que o Brasil é o maior país do mundo, mas é porque a gente não conhece o mundo. Então a gente pegou este programa e exibiu. Do nada veio assim um monte de e-mails, de gente querendo copiar o programa, alguns professores da Instituição comentaram porque se sentiram tocados pelo programa. Foi uma coisa assim que mexeu com os brios. A gente não falou mal do Brasil, tocamos apenas em pontos conflitantes, buscando explicações com pesquisadores e especialistas. No fim foi super-positivo, porque as pessoas ficaram tocadas e nos deram uma resposta explícita ao trabalho que realizamos.

DG – Pelo visto, vocês constroem reportagens e programas de jornalismo científico associados ao entretenimento, com criação, inclusive, de personagens tipo o “Professor Curioso”, que pontua as matérias do “A Gente Explica”. Esta não é mais uma maneira caricata

ou estereotipada do cientista ou de quem trabalha no mundo das Ciências?

MD – Apesar de não ser acadêmico, estou fazendo uma pesquisa profissional, na qual assisto a muitos programas televisivos e cultivo diversas referências para tentar fazer um programa do jeito que eu gostaria que fosse. Na verdade eu tenho o sonho de fazer o “A Gente Explica” desse jeito, desde quando entrei na TV Mackenzie há mais de 10 anos. Agora encontrei o caminho, um caminho que me diz que a gente tem que ter um personagem que faz, na verdade, o papel do ignorante, ou seja, ele não sabe nada e tenta descobrir as coisas como uma pessoa comum. E assim, se ele dá a idéia de ser um cientista eu não o crie para caricaturizar o cientista, mas eu precisava ter uma figura qualquer que servisse de cobaia. Então, quando precisamos de alguém para um teste é o “Professor Curioso” que vai. Por exemplo, nós fizemos um programa sobre o medo e lá foi ele andar de montanha russa para ver o que acontece. Lógico que ele é o oposto do cientista. O cientista é uma pessoa inteligente e ele não. Ele é um cara que vai lá e põe o dedo na tomada para tomar choque, ele não sabe nada, né? Então não é assim para caricaturizar ou estereotipar a figura do cientista, mas é a caricatura do ignorante, que a partir das experiências que vivencia e das explicações científicas que adquire sobre acontecimentos do cotidiano passa a discernir a vida com mais propriedade.

A idéia, portanto, de brincar é uma forma de tratar a Ciência de uma maneira mais acessível para os telespectadores. Estudando bem o assunto, eu percebo que o humor é uma forma de quebrar barreiras. Uma coisa que eu vejo muito em festivais de canais universitários é aquela maneira muito sisuda, muito séria de tratar a Ciência. Não que eu ache errado. OK, as pessoas estão fazendo isso, mas eu quero fazer melhor. Eu acredito que as pessoas já têm um preconceito sobre programas televisivos universitários. Elas encaram como uma coisa maçante, chata. E é errado, né? A Ciência pode ser divertida, então vou usar o humor como forma de quebrar a barreira. Então eu não digo assim para as pessoas naquele tom empastado: olha hoje vamos tratar da lei geral da gravidade. Ao invés eu faço a pergunta: o que aconteceria se não houvesse a lei da gravidade? Você já pensou nisso? Então eu faço um programa que explica a gravidade nessa hipótese: olha, se não tivesse a gravidade o mundo seria assim.

DG – Isto, para você, é inovação na linguagem audiovisual?

MD – Eu não diria inovação, porque confesso que me baseei em vários outros programas. Eu digo assim: é pouco comum em canal

universitário, pelo que vi em festivais ou na programação de outras televisões. Eu acho diferente. Choca um pouco, mas acho isso bom. Em vez daquela coisa séria é um produto divertido, que chama a atenção. Se é inovador? Eu não sei. Seria muita presunção da minha parte, porque não é inovador. É diferente, a gente tenta ser diferente. Até porque eu acho que as pessoas têm um pouco de receio de lidar com a Ciência num formato mais brincalhão. Por que o humor não pode informar? Será que não dá para ensinar e ao mesmo tempo ser divertido?

DG – Quando vocês abordam um tema sobre Ciências, o “A Gente Explica” recorre às fontes de informação apenas ligadas a Universidade Mackenzie ou vocês admitem a participação de especialistas e pesquisadores de outras instituições?

MD – Obviamente, a gente tenta tratar de temas que tenha uma ligação com o Mackenzie, por uma questão de facilidade. Por exemplo, não vamos falar de Oceanografia se o Mackenzie não tem curso de Oceanografia. Lógico, é bom que você tenha uma base aqui para falar sobre Ciências. Um dos primeiros caminhos na produção do “A Gente Explica” é procurar alguém aqui do Mackenzie para me dar informações sobre o assunto que pretendo abordar ou indicar quem saiba falar a respeito. A gente já tem uns contatos mais quentes, a gente já sabe quais coordenadores de áreas podem indicar os especialistas adequados em, por exemplo, raio laser. Aí eles me indicam o professor. Professor, o senhor quer nos dar uma entrevista e se não quiser o senhor indica alguém? Então a gente começa por aqui, mas uma prática a gente tenta instituir é buscar alguém de fora também. Alguém não necessariamente acadêmico, mas alguém que utiliza dos conhecimentos científicos na vida prática. Vou dar um exemplo, a gente falou sobre radioatividade. Entrevistamos um pesquisador da casa sobre radioatividade e depois fomos atrás de um especialista que trabalha no reator nuclear do Governo Federal. Então, precisamos de alguma forma buscar alguém que tenha uma vivência mais prática. Não que o professor não tenha, mas às vezes ele não tem. Por exemplo, a gente sempre parte do Mackenzie, por uma questão de segurança mesmo.

DG – Essa alternância de fontes serve para contextualizar o assunto abordado no jornalismo científico?

MD – Olha, unir as visões de dentro e de fora do Mackenzie é um ótimo recurso até para o programa ficar variado. Se a gente só usar um monte de professores falando pode ficar cansativo. Da mesma forma, se só aparecer o personagem ou o “fala povo” sem o acadêmico para explicar a teoria da coisa fica complicado. O ideal mesmo é brincar com todos esses ingredientes. Só para dar um exemplo, até para você ver como as

pautas nascem, eu fui entrevistar um jornalista especialista em histórias em quadrinhos para aquela reportagem sobre o sonho humano de voar. Era para ele falar sobre os super-heróis que voam: mas vem cá, como é que eles voam? No meio da conversa ali ele disse: olhe, eu fiz uma matéria sobre a ciência dos super-heróis, dizendo o que é possível ou não num super-herói. Então eu disse, quer fazer uma entrevista agora sobre esse assunto? Então eu o entrevistei e quando acabou a entrevista, ele tinha me mostrado vários poderes dos super-heróis que são irreais. Daí, fui em busca de um acadêmico, de um biólogo especialista em aranhas, para comparar os poderes do Homem-Aranha com as aranhas de verdade. Então você entende que está é a jogada? De brincar com a Ciência, envolvendo um pesquisador acadêmico especialista com aquele que não é especialista para contextualizar o tema de jornalismo científico?

DG – Mas brincar de uma maneira séria, ou seja, transmitindo informações de fontes fidedignas e com base em conhecimentos respaldados pelas ciências?

MD – De maneira séria, jornalística e informativa. O brincar, na verdade, é tratar o tema de uma forma mais livre. O brincar não é fazer pouco caso. Mas, assim: vamos misturar as coisas? O que normalmente não se misturaria o jornalista de quadrinhos com o biólogo. Ninguém pensa em juntar os dois. A gente juntou e o casamento ficou ótimo!

DG – Quando você tem uma informação privilegiada sobre determinado assunto, mas um pesquisador ou especialista do Mackenzie lhe dá uma declaração que não condiz com aquilo que você já sabe sobre o tema, é possível interpor o contraditório neste diálogo?

MD – É possível, mas não me lembro de um caso assim de cabeça. Já aconteceu de alguém trazer uma matéria com informações duvidosas e a gente dizer: será que é isso mesmo? Será que não vale à pena apurar mais um pouquinho? Vamos confirmar com outro professor, em alguma outra base de pesquisa para a gente dar uma avaliada. Acontece, mas não é comum. Eu não sou formado em Ciências, mas eu tenho uma curiosidade enciclopédica em relação aos assuntos sobre Ciências. Leio muita coisa e possuo um vasto arquivo de dados que eu anoto ou copio. Então, tem informações que eu olho e digo: êpa, isso está esquisito! Eu busco a informação correta até a hora em que fico satisfeito e digo para o repórter ou para mim mesmo: olha, agora temos como explicar isso num contexto mais realista. Agora nós não estamos desinformando o público.

DG – Quando o “*dead-line*” do “A Gente Explica” bate à sua porta, esta mesma preocupação com a apuração das informações persiste ou você fecha os buracos com o que você tem nas mãos e deixa aquele tema para depois?

MD – Eu tenho algumas cartas na manga. Sempre. Às vezes a reportagem não está boa. Não é nem pela informação, que está legal. Mas porque está faltando uma incrementada na matéria. Vou dar um exemplo aqui: a gente está tentando fazer esta série de reportagens sobre o sonho humano de voar. Portanto, a gente está tentando fazer um exercício de vôo em cada uma dessas matérias. A primeira matéria fala sobre o desejo de voar com o homem batendo asas. O professor falou que o mais próximo disso é voar de asa delta. Está difícil fazer esta viagem, mas já conseguimos marcar para a semana que vem. Por conta disso, empurrei a matéria para frente. Não é que ela esteja exigindo isso, mas vai ficar muito mais legal, muito mais completo, se a gente puder realizar e gravar este vôo. Por isso, eu tenho uma série de matérias guardadas que eu deixo de gaveta. Matérias mais fáceis de terminar, com apenas um entrevistado. Eu faço várias e assim que a necessidade se apresenta eu digo: olha, está na hora de soltar isto aqui. A gente sempre recorre a estratégias para fechar o programa quando o *dead-line* aperta.

DG - E quando essa coleta de material chega das ruas, qual o processo e tratamento das informações até o programa ficar pronto?

MD – Na nossa equipe foi criado o hábito de que quando alguém faz uma entrevista comenta comigo e com os colegas. Aí a gente especula: será que devemos entrevistar mais uma pessoa para complementar as informações? Que tipo de imagens deveriam ser feitas para cobrir o “*off*” com mais precisão? É muito comum a pessoa chegar das entrevistas, bater um papinho comigo e com os outros repórteres e ficar um “envenenando” o outro, sugerindo coisas para melhorar a matéria. Às vezes a gente percebe que não vai dar tempo para nada disso e desiste da idéia. O bate-papo entre os membros da equipe é um hábito constante, até por interesses mútuos. Então, depois da última entrevista necessária, parte-se para a decupagem e roteirização. A partir desse ponto conseguimos estabelecer um “*dead line*” mais fixo. A gente vai fazendo várias matérias ao mesmo tempo e eu vou fechando: vai concluir esta nesta semana? Então vou por na programação do “A Gente Explica”. Então, se você terminou todas as entrevistas, tem tudo nas mãos, aí começa a produzir: escreve o texto, passa para a equipe de filmagens que vai produzir as imagens necessárias que estiverem

faltando e daí vai para a edição. A edição leva em média duas semanas para concluir as reportagens e finalizar o programa daquele mês.

DG – Como vocês condicionam o “A Gente Explica” para ser enviado ao Canal Universitário de São Paulo?

MD – Vai num *pen-drive*. Todos os programas de todas as TVs associadas ao CNU. Este é um acordo tecnológico acordado com a direção do Canal.

DG – Hoje, qual seria a maior dificuldade que vocês enfrentam para produzirem o “A Gente Explica”?

MD – A primeira delas é ilustrar o tema. Tem temas que a gente pega e são muito fáceis de ilustrar. Outros são muito mais difíceis, mas isso também está correlacionado pela nossa própria vontade de construir um programa decente. Ou seja, enriquecer a reportagem para que ela fique interessante e acessível à compreensão do telespectador. Às vezes o tema é muito árido e muito difícil de ser mostrado em imagens. Só para dar um exemplo, a gente fez uma matéria sobre tele-transporte, aquilo que você vê no filme Jornada nas Estrelas. A gente queria avaliar se era possível ou não. Então entramos em contato com um professor que iria explicar. Um professor que é um cientista físico teórico super-crânio, assim, super-inteligente e que domina esse assunto pesadíssimo. Ele foi extremamente paciente, ficou semanas conversando com a equipe antes de fazer a matéria, mandando conteúdos, explicava os pontos nebulosos, e a gente imaginava, nossa, como vamos retratar isso que é Ciência pura, física quântica, enfim. E eu queria ir até o final: não quero dizer mais ou menos, quero ir até o final. Escrevi um roteiro, mandei pra ele corrigir, aí ele trouxe informações complementares, putz, esse foi um programa que deu muito trabalho. Chegou a um ponto em que escrevi um texto, pedi a ele para ver se estava certo e depois eu disse, olha o senhor vai falar isso. Ele disse tá certo, eu vou falar. Era porque a explicação para o fenômeno é muito longa e eu resumi. Aí ele gravou, a gente fez o programa que ganhou até prêmio de melhor matéria jornalística no Festival Aruanda, voltado para a produção das TVs universitárias. Mas ao fazer aquela reportagem eu imaginei que a metade das pessoas não iria entender ela inteira, porque chega num ponto que ela fica complicada. Mas assumi o risco. Olha, tem que fazer, quem quiser ir até o final vai aprender alguma coisa e acaba entendendo. Anos depois eu tive o prazer imenso de ver uma reportagem do Discovery Channel que falava sobre Ciências associada ao Jornada nas Estrelas, tratando do mesmo tema, tele-transporte, e vi que eles pararam no meio do caminho, não explicaram até o final. Então fomos mais

longe do que o Discovery Channel. Portanto, a maior dificuldade é essa: pegar um tema muito complexo e dizer: não posso fazer uma coisa meia boca, com meia explicação. Tem que explicar por inteiro.

DG – Existe alguma imposição da reitoria da Universidade Mackenzie para que se dê espaço para as dissertações e teses geradas pelos pós-graduados da Instituição?

MD – É obvio que eles pedem que se dê atenção a eventos e projetos. A gente tenta sempre incluir, mas sem qualquer imposição da reitoria. Na verdade, eu acho que tem mais coisas que a gente não sabe das pós-graduações da Universidade Mackenzie e eu entendo que deveríamos apurar porque tem muita pesquisa boa que a gente acaba não sabendo.

DG – Qual o principal prazer de fazer o “A Gente Explica”?

MD – De minha parte, pegar um tema cabeludo e transformar em algo fácil. É roteirizar um assunto difícilimo e depois dizer: olha, minha avó vai entender.

DG – Existe algum tipo de censura ou algum tema proibido aqui dentro da televisão?

MD – O próprio Canal Universitário de São Paulo tem algumas regras, né? A gente, por exemplo, evita falar de bebida, não mostra pessoas usando drogas. Por outro lado, a Universidade Mackenzie é uma Instituição declaradamente confessional e a gente respeita alguns limites. Não vou falar, por exemplo, de Umbanda, com todo o respeito. Mas, assim, não tem censura não. A gente tem o bom-senso de não tratar de certos assuntos que não são pertinentes ao “A Gente Explica”.

DG – Essa semana li uma frase de autoria do jornalista Juca Kfoury, na qual ele diz que “o jornalismo tem lado, mas não pode opor-se contra os fatos”. Esta definição parece que corresponde ao que você acabou de falar...

MD – Olha, na TV Mackenzie tem tipos de programas que são especiais para certos tipos de assuntos. Por exemplo, na área de Religião, os pastores têm o programa deles e falam sobre o tema com toda propriedade. Por outro lado, no “Café Pensamento” a condução cabe a um professor filósofo, que faz diversas entrevistas. Então, eu não vou me meter a fazer um programa de Filosofia se temos na grade de programação alguém que trata disso de forma muito melhor.

DG – Até que ponto o mercado de televisões comerciais dificulta o trabalho de vocês ao seduzir e carregar os estagiários para os quais a TV Mackenzie dá as primeiras noções de telejornalismo?

MD – Às vezes tem uns estagiários que estão trabalhando muito bem e a gente é obrigado a dizer “tchau”. A sedução do mercado é grande e a gente já tem vários ex-estagiários muito bem situados no mercado. Tem

gente atuando na Rede Globo, na TV Record como correspondente internacional. Temos mais é que dar os parabéns. Eu só faço questão é que eles voltem para nos dar um abraço. E todos eles voltam, é impressionante. Anos depois eles retornam e nos tratam como professores: “olha, o que faço no mercado aprendi aqui com vocês”. Isso para mim é tudo, não preciso de mais nada.

DG – Como você analisa a produção televisiva das outras TVs integrantes do canal Universitário de São Paulo?

MD – O CNU é muito heterogêneo, por razões óbvias. Tem Universidades com muito dinheiro e outras com pouco. Algumas trabalham muito mais com estagiários e outras praticamente só com profissionais. A qualidade é muito variada e aqui o termo qualidade não pode ser visto no sentido do ruim ou bom. A diversidade de estilos é muito grande, o que de certa forma é legal. Mas eu imagino o quão difícil deve ser, às vezes, atuar com uma equipe reduzida. Eu olho alguns programas e vejo que estão simples, mas eu não posso falar que o meu é melhor porque eu sei o quanto eles estão se virando para produzir programas de televisão. A TV Mackenzie começou de uma forma muito simples. De uns anos para cá é que a atual estrutura foi montada e eu a considero excelente, muito boa. Por sua vez, o caminho da TV universitária é interessante por proporcionar uma certa liberdade criativa no exercício da linguagem televisiva que você não vai ter no mercado comercial, o qual impõe regras muito mais restritas. Eu só gostaria que o Canal Universitário de São Paulo fosse mais visto e fosse mais entendido. Eu gostaria de estar mais junto de outras pessoas que tivessem também essa crença, mas sei que é complicado porque nem todas as TVs universitárias têm os mesmos recursos, as mesmas equipes e o mesmo tempo.

Anexo 5 – Decupagem entrevista diretor jornalismo Tv USP -**Fabiana Mariz**

Dirceu Góes – Nos meses de janeiro e fevereiro a TV USP pára de produzir programas inéditos. Efetivamente quando vocês voltam aos processos de produção da programação normal da TV e o que acontece especificamente com relação ao programa “PGM”?

Fabiana Mariz – O canal Universitário de São Paulo estabelece alguns meses de reprises. Nós ficamos em reprise do finalzinho de dezembro até o início do mês e março. Nesses meses então a gente reprisa programas do ano anterior. Entretanto, mesmo que alguns membros da equipe estejam de férias, a gente começa a planejar o programa “PGM”, que traz reportagens e entrevistas também sobre jornalismo científico, a partir de janeiro para começar a gravar em meados de fevereiro, quando geralmente os professores, os pesquisadores e outras fontes de informação começam a retornar das férias para as suas atividades cotidianas na Universidade.

DG – Quem faz parte da equipe de produção do “PGM”?

FM – Eu, como jornalista e diretora do programa, Luís, que é outro jornalista funcionário da casa, na produção executiva, Tales, funcionário que cuida da edição do programa e nós temos mais seis estudantes estagiários das áreas de Audiovisual e de Jornalismo. São dois repórteres estagiários e aqueles de Audiovisual cuidam de detalhes de edição, uso de câmeras e do desenvolvimento da linguagem televisiva juntamente com os repórteres vindos do Jornalismo. Essa é a idéia da gente integrar jornalistas e os estagiários de Audiovisual para pensar e compor juntos uma matéria, isso tudo supervisionado pelo diretor e pelo produtor executivo. Então eles pensam juntos em como encaminhar melhor uma matéria, o quê aquela matéria rende, como inovar na linguagem televisiva, porque a gente lida com temas às vezes muito difíceis de transformar numa linguagem que os telespectadores possam entender. Então a gente tem na reunião de pauta esse intuito, o de pegar uma pesquisa científica que seja importante e refletir em busca da melhor fórmula para mostrar tanto para as pessoas de dentro da USP como de fora da USP. Esse é o nosso maior desafio.

DG – Antes de entrevistar os pesquisadores e partir para a elaboração de reportagens sobre acontecimentos de jornalismo científico, de que maneira vocês se preparam para abordar o tema em pauta?

FM – Diariamente a gente recebe “*releases*” da Agência USP de Notícias e de outras unidades que tem assessoria de comunicação ou de imprensa, como, por exemplo, da Faculdade de Saúde Pública, da Faculdade de Medicina, dentro das suas mais diversas áreas que a compõe, do Hospital das Clínicas, que é assistido por várias assessorias de imprensa relativas ao mais diversos setores de atendimento e atuação do HC, além de outras instituições do poder público municipal, estadual e federal, como também de corporações da iniciativa privada. Porém, damos prioridade aos assuntos da USP, por ser uma Universidade que produz muito nos setores de graduação, pesquisa e extensão. Na área das pesquisas a gente dá prioridade às da USP. Quando uma pauta vem de fora e ganha notoriedade para ser incluída no “PGM”, a gente procura sempre repercutir com a massa crítica da USP, representada por seus professores/pesquisadores, dirigentes, especialistas e estudantes. A nossa seleção de pautas passa, a princípio, por critérios subjetivos da equipe que se baseiam, de início, pela praticidade de transformar o assunto em linguagem televisiva, onde a profusão de imagens externas, acesso aos entrevistados especialistas ou representantes da população em geral se somam ao potencial de interesse que o tema pode despertar no telespectador. Além disso, vamos nos valer de grafismos, de infografias, de músicas ou de ruídos do ambiente, cartelas e animações, até para que as pessoas possam olhar e entender. Eu acho que é sobre isso que a gente deve pensar quando se fala de televisão e de jornalismo científico, né?

DG – Você pode, então, descrever passo a passo o procedimento da equipe do “PGM” desde o acesso a uma pesquisa científica até a sua elaboração enquanto produto telejornalístico?

FM – Bom, a pesquisa chega às nossas mãos, a gente lê essa pesquisa e verifica se ela já foi veiculada em alguma outra mídia como forma de captar informações. Em seguida, fazemos uma pré-entrevista com o pesquisador para entender melhor os propósitos e as conclusões do seu trabalho e a partir daí, com todas as informações que a gente tem a gente monta um pré-roteiro de atuação dos membros da equipe. Eu sento com os estagiários e a gente monta esse pré-roteiro, estabelecendo: vocês vão precisar gravar isso, isto e aquilo, a gente vai precisar de um “povo fala”, de imagens genéricas das pessoas e de certos lugares da cidade que tenham vínculos com a pauta. A partir daí os estagiários de jornalismo e de audiovisual fazem a solicitação de equipamentos e transporte, montam a equipe para aquela jornada e saem em busca de

capturar imagens e depoimentos em um determinado tempo estabelecido.

DG – A equipe de profissionais e estagiários do “PGM” é exclusiva para este programa?

FM – Os estagiários sim, mas nada impede que recebam o auxílio de outros colegas ou que se desloquem para a produção de outros programas quando necessário. Quanto aos profissionais jornalistas e funcionários técnicos da TV USP, exercemos multifunções ao longo dos programas que constam da nossa grade de programação. Em TVs universitárias, até por força das equipes reduzidas e orçamentos limitados, essa é uma prática que já é considerada até como normal nesse segmento de comunicação.

DG – É sabido que depois de um longo tempo planejando se expandir para as unidades do interior paulista, hoje a TV USP está presente e integrada com quais “*campi*” da Instituição? Caso seja solicitado, eles colaboram com reportagens para o “PGM”?

FM – Como rede a TV USP está hoje na capital e nas unidades de Bauru, Piracicaba e Ribeirão Preto. Constantemente as equipes do interior mandam material para o “PGM” via FTP na internet de banda larga.

DG – O exercício salutar do jornalismo prevê a pluralidade de fontes depoentes sobre os assuntos pautados para se transformarem em notícia, reportagens ou entrevistas. A TV USP se abre para fontes populares ou para outros pesquisadores de fora da Universidade ou só permite dar voz e espaço para quem é da casa, notadamente para seus dirigentes?

FM – A gente procura ter essa diversidade e não se limita a uma só fonte. Até porque, se vamos abordar aspectos de uma pesquisa científica poderemos ter desdobramentos que nos levam a outras fontes para além do autor da pesquisa e a outros assuntos correlacionados com ela. Portanto, a gente ouve, sim, especialistas de universidades públicas ou privadas e a gente ouve o cidadão das ruas sempre buscando a qualidade da informação, mesmo porque quando só ouvimos o autor da pesquisa nos limitamos jornalisticamente. Essa liberdade aqui é usual. Precisamos ouvir as outras partes porque é saudável e isto já se deu por inúmeras vezes não só no “PGM” como nos programas em geral que produzimos.

DG – E a inserção do contraditório diante de algum depoimento? Vocês contestam as declarações de pesquisadores, de alguma autoridade institucional ou de alguns profissionais quando aquilo que eles falam não corresponde com os dados previamente levantados pela equipe de produção sobre determinado assunto?

FM – Sim, Sim, Sim. Eu acredito que existem vários lados quando jornalisticamente se aborda uma questão. A gente tenta deixar isto claro para os nossos entrevistados e enquanto houver dúvidas vamos buscar informações para esclarecer o assunto. Se há alguma coisa contraditória nos depoimentos a gente vai remexendo até conseguir solucionar ou tentar solucionar o impasse.

DG – Quer dizer então que esta característica da busca jornalística pela verdade dos fatos é incentivada na TV USP?

FM – Sim, até porque os nossos estagiários e funcionários são muito críticos. É próprio da formação deles aqui. Então isso já vem com eles.

DG – Dentre as normas do Canal Universitário de São Paulo existe aquela que estabelece a produção de duas horas e meia de conteúdo inédito para cada TV condominiada no CNU. Quando este prazo semanal se aproxima o equilíbrio do planejamento de produção fica inalterado?

FM – Nem sempre a gente consegue. A gente faz reuniões semanais, estabelece prazos, mas muitas coisas acontecem no meio do caminho. Às vezes é o pesquisador que não pode dar entrevista, por algum motivo a pauta cai enfim, nem sempre a gente consegue cumprir com o prazo de produção.

DG – Como ficam então os critérios de seleção que emprestam qualidade ao conteúdo do “PGM” quando as pautas caem e os prazos de produção se esgotam?

FM – Eu acho que por ser um programa de produção quinzenal a gente tem um pouco de tempo a mais para pensar como substituir a pauta que não pode ser levada adiante. Por outro lado, como a gente recebe muita coisa das unidades da TV USP dos outros “*campi*”, a gente sempre tem alguma coisa interessante para colocar no ar. A gente sempre deixa um tempo médio de edição de quatro dias anteriores ao prazo final de produção do “PGM”. Ultimamente o programa vai ao ar na sexta e a gente fecha na segunda-feira. Quando o nosso “*dead line*” fica apertadíssimo o que a gente consegue é colocar uma matéria no lugar daquela que caiu, mas isso acontece muito raramente porque dá para fechar o programa com certa tranquilidade.

DG – Qual o principal problema que vocês enfrentam para produzir o “PGM”?

FM – A rotatividade de estagiários, que aqui na TV USP é muito grande. A gente tem a possibilidade de contratar o estagiário por dois anos, mas em determinado momento eles buscam outras colocações no mercado como forma de vivenciar outras experiências. Por exemplo,

constantemente surgem seleções para estágios na Editora Abril, na TV Globo e muitos deles passam e a gente não tem como competir com o mercado de trabalho. Para eles é interessante ter este tipo de experiência no currículo.

DG – E qual o principal prazer que o “PGM” pode proporcionar à equipe que o produz?

FM – É você entrar no site da TV USP ou no *You Tube* e ver aquela matéria exibida no “PGM” sendo repercutida pelas pessoas com comentários interessantes. O sentimento é aquele: nossa, a gente conseguiu pegar aquela matéria que era espinhosa “prá caramba” e transformar num produto legal! É você olhar para o programa como um todo, enviar para um festival e o programa ser premiado. É o reconhecimento que a equipe obtém como um todo. Todo mundo pensando e construindo junto um programa que nos deu prazer profissional e a aceitação do público.

DG – Vocês imaginam qual o perfil desse público para o qual produzem reportagens sobre ciência e tecnologia inseridas no “PGM”?

FM – A gente tem muito pouca informação, apenas aquelas obtidas através de pesquisa promovida há algum tempo pelo Canal Universitário de São Paulo. Sabemos que atingimos muitos aposentados, porque estão em casa e assistem o CNU, e jovens universitários. O “PGM” passa constantemente por períodos em que a gente repensa o seu formato e a abordagem dos temas científicos, levando em consideração a nossa experiência e o nosso instinto de jornalistas preocupados em tentar imaginar a ampliação desse público e o que de melhor nós podemos produzir para ele.

DG – Vocês contextualizam socialmente o conteúdo dos temas abordados nas reportagens de jornalismo científico do “PGM”?

FM – Por exemplo, no ano passado nós fizemos uma reportagem sobre uma pesquisa desenvolvida pelos cientistas do Hospital das Clínicas que demonstrava como a poluição atinge os paulistanos provocando diversas doenças. Nós conversamos com vários especialistas, denunciemos as principais fontes de poluição, explicamos as características das principais doenças causadas pela poluição, instruímos os telespectadores sobre como minimizar os efeitos nocivos da poluição e cobramos das autoridades providências no sentido de melhorar a qualidade de vida dos habitantes da cidade.

DG – As notícias, reportagens e entrevistas contidas no “PGM” têm a liberdade de denunciar e criticar autoridades quando fogem das suas obrigações e deveres públicos?

FM – Sim, Sim. Se qualquer autoridade ou instituição nos passar dados ou declarações que achamos questionáveis nós vamos atrás da informação verdadeira, tecendo as críticas que se fizerem necessárias, principalmente no que diz respeito à qualidade dos serviços públicos prestados à população.

DG – Qual o seu conceito sobre TV universitária?

FM – Olha, é uma televisão que tem a liberdade para inovar na linguagem televisiva, de criticar e de olhar o jornalismo de uma maneira com um pouco mais de liberdade. Acho que a palavra é inovação.

DG – Por estarem diretamente subalternos à reitoria da USP, vocês sofrem algum tipo de censura? Ou seja, existem temas proibidos ou pessoas que antecipadamente não podem falar através dos programas que vocês produzem?

FM – Nós temos liberdade para trabalhar. É lógico que recebemos demandas da reitoria da USP em forma de sugestões de pautas, mas nunca sofremos pressão para tirar um programa do ar ou vetar o nome de ninguém.

DG – De que maneira vocês analisam o desempenho das outras televisões do Canal Universitário de São Paulo?

FM – Nós somos TVs parceiras e não concorrentes. Elas não representam ameaças, muito pelo contrário, sempre que possível estimulamos e participamos de co-produções.

Anexo 6 – Decupagem de entrevista com diretor Tv PUC - José**Goldfarb**

Dirceu Góes – Qual a sua formação e de que maneira o senhor se aproximou da TV PUC para produzir o programa de jornalismo científico, denominado Nova Stella?

Goldfarb – Sou professor de História das Ciências da PUC de São Paulo, com mestrado e doutorado nessa área do conhecimento. Atualmente sou vice-coordenador deste programa de pós-graduação. A princípio, aproximei-me do professor Júlio Wainer, diretor da TV PUC, por ter ministrado uma disciplina para o filho dele durante a graduação na Universidade. Depois, quando o professor passou a dirigir a TV, recebi uma circular, enviada também para todos os professores da Instituição, ressaltando a disponibilidade da televisão em receber projetos para a realização de programas novos. Nos anos 80 eu tive uma revista, que se transformou numa editora, chamada Nova Stella, em homenagem a um personagem da Ciência, chamado Tico Brian, responsável na Dinamarca, em 1580, pela montagem do primeiro laboratório moderno de observação do céu, que mantinha uma equipe de estudiosos atuando 24 horas por dia. Os dados que ele coletou a respeito dos planetas Vênus, Júpiter, Marte e do próprio sistema solar vão influenciar, por exemplo, os trabalhos de Kepler e Newton. Além disso, Tico Brian foi o cientista que presenciou o nascimento de uma estrela que anteriormente não tinha sido registrada no firmamento. Assim, influenciado por essa trajetória histórica e pela lembrança da revista que mantive na década de oitenta, quando recebi a correspondência do professor Júlio Wainer, fiz um projeto para ele imaginando poder entrevistar semanalmente especialistas do mundo acadêmico, que pudessem falar sobre aspectos diversos das ciências.

DG – Qual a concepção de ciência considerada pelo programa?

Goldfarb – Uma concepção muito ampla, inclusive com referência a tudo aquilo que é considerado como pré-ciência ou pseudo-ciência, como alquimia, astrologia e magia. As formas de saber, tanto das ciências exatas ou duras como das ciências mais leves do presente, são absolutamente importantes e sem distinção do nosso ponto de vista, seguindo a tendência de uma das linhas da História das Ciências iniciada na segunda metade do século XX. Nesse sentido, fica muito bacana no programa Nova Stella porque num dia estou entrevistando um advogado, que fez a ponte entre os estudos de Leibnitz e o Direito.

Noutro dia uma juíza de Goiás, por exemplo, que teve de conhecer a fundo as propriedades do Césio 137, para julgar circunstâncias daquele acidente. De outra feita, já entrevistei matemáticos, que transitam pelas fronteiras com a música e a poesia. Portanto, desde a origem de criação do programa tentamos incrementar o debate para que haja mudanças no fazer científico e na própria comunidade.

DG – Como o senhor busca conhecimentos sobre os assuntos tratados pelos mais diversos entrevistados do programa “Nova Stella” e qual o critério de seleção desses entrevistados?

Goldfarb – Eu vou ser franco: uma parte grande dos meus entrevistados são pessoas com que vou interagindo na minha atuação como professor de História das Ciências. Por exemplo, eu vou agora em maio participar de uma atividade da Sociedade Brasileira de Química, em Águas de Lindóia. Lá vai ter uma sessão da História da Química que vai me render vários programas. Eu só tenho que coordenar a minha agenda de gravação em estúdio com a disponibilidade dos convidados a virem a São Paulo gravar no estúdio da TV PUC. Eu vou garimpando os possíveis entrevistados no meu próprio fazer historiando as ciências, então eu marco com Stela, produtora da televisão, e o estúdio é meu de duas às seis horas da tarde. Duas câmeras, duas cadeiras, meu cenário e os dois meninos da cinegrafia. Atualmente, eu conto com o auxílio de Pedro, meu estagiário para diversas ações aqui na PUC. No fundo, depois que você cria uma rotina, minha, pessoal, às vezes é até mais fácil eu mesmo ligar e já fechar uma data na agenda das pessoas. Às vezes você vai ter uma intermediação e daí como é que se sabe se eu poso no outro dia ou não. Por isso é que eu te falo, eu às vezes tenho um tempo de produção que eu gasto para fechar com os convidados pelo próprio e-mail, tem alguns que estão no *twitter*, eu já fechei uma entrevista pelo *twitter* também, né, mas a maioria é por e-mail. E eu gravo das duas às seis horas quantos programas forem possíveis. Cada programa tem 28 minutos e com cada convidado eu geralmente gravo dois programas. Um macro e outro mais específico. Por exemplo, com um cara que trabalha com Jornalismo Digital, primeiro fiz uma entrevista sobre como está se dando essa mudança. Depois ele pegou um *tablet* específico e falou sobre o uso no cotidiano das redações. Eu também procuro fazer com que o enfoque do programa seja muito útil à vida dos telespectadores. Meu público é muito amplo e às vezes quando entro no estacionamento para buscar meu automóvel sou surpreendido pelo guardador que diz “professor, eu vi o senhor na televisão ontem” e aí eu digo “sobre o que eu estava falando” e ele responde “estrelas”. Isso

é bem comum. O pessoal pesca alguma coisa, então eu busco muito trazer para o chão. Eu viro para o entrevistado e digo vamos identificar os cientistas sobre os quais estamos falando, vamos dar mais detalhes práticos a respeito dos assuntos tratados.

DG – Então o senhor se preocupa em contextualizar os acontecimentos sobre os quais debate com seus entrevistados?

Goldfarb – É forte, muito forte, porque no fundo está de acordo com a nossa concepção de ciência. Por mais que você vá fundo no conceito e na idéia do cientista, essa idéia não está só na cabeça dele. Ela também está num certo momento histórico e num ambiente cultural. Isso vai refletir diretamente no Nova Stella, porque vou convidar pessoas que, obviamente, estão alinhadas com essa concepção de ciência. Não é que eu só trabalhe com a minha turma. É que essa idéia de ciência foi se espalhando e o cara quando vai ao programa Nova Stella se sente mais à vontade ainda de expor a interdisciplinaridade que ocorre no fazer científico. Eu acho também que com todo esse “*approach*”, com essa abordagem, é óbvio que a gente facilita a compreensão das pessoas sobre os assuntos em pauta.

DG – Para a confecção do programa Nova Stella o senhor lança não de um dos gêneros jornalísticos mais tradicionais do rádio e da televisão que é a entrevista. O senhor considera que faz jornalismo dentro do seu programa? E se faz jornalismo, ele se enquadra ao modelo que se convencionou chamar de Jornalismo Científico?

Goldfarb – É curioso, eu fiz o projeto do programa para o professor Júlio e o programa foi para o ar, com o apoio muito grande da equipe de produção da televisão. Nunca tiramos o programa do ar. Para se ter uma idéia, nos últimos seis anos não teve uma semana que o programa não tenha sido exibido. Realmente eu não posso te responder. Se você está querendo saber sobre o diploma, eu quando vejo essa discussão fico pensando, quer dizer, sob uma ótica mais rigorosa teria que ter alguém jornalista assinando o programa. Eu apareço lá como produtor, não sei, talvez na coordenação.

DG – Durante as entrevistas com os seus entrevistados o senhor tem espaço para inserir o contraditório, ou seja, de contestar alguma informação fornecida com dados levantados numa pré-produção sobre o assunto tratado?

Goldfarb – Eu contradigo e vou dizer mais: o que é interessante na escolha dos entrevistados, é que alguns professores convidados, como te falei, garimpados nos eventos que participo são pessoas com quem já debati em público algum assunto. Às vezes o cara chega preocupado. Tem professores que me falam “você vai mandar as perguntas?”.

Mandar nada, você chega cinco minutos antes e ali vou decidir contigo a respeito do que vamos tratar. Entretanto, não é da natureza do Nova Stella fazer entrevista que sirva de armadilha para algum convidado. Agora, eu sempre dou uma voltinha para tentar tirar do entrevistado o “por quê?” de certos acontecimentos das ciências. Eu gosto de apontar para o convidado qual o campo sobre o qual a gente vai falar. Agora dentro desse campo pode acontecer de a gente divergir. Há momentos, eu percebo, que tenho mais espaço para fustigar, tentando sempre colocar a entrevista com os pés no chão.

DG – O Nova Stella é um programa que se propõe a buscar do conhecimento ou é para fazer bonitinho com os professores da PUC?

Goldfarb – Não, ao contrário, como você viu às vezes eu passo períodos sem entrevistar os professores da PUC. Por circunstâncias. Não há nenhuma orientação para que eu deva favorecer os professores da casa. Uma parte do que produzo eu já tenho o diálogo com o professor bem desenvolvido em bancas de mestrado ou doutorado e em eventos científicos. Com outros não e, por isso, nunca sei como vai dar a entrevista. No Nova Stella a gente procura ter uma reflexão da ciência e da tecnologia de modo que as pessoas que assistam tenha uma compreensão completa do assunto.

DG – É patente que a sua imagem é muito marcante, principalmente pelos fartos cabelos e barba grisalhos. Essa imagem lhe favorece no vídeo? Ela não seria mais um estereótipo, uma caricatura, criados em torno dos cientistas tidos como pessoas excêntricas, diferentes, fora do mundo?

Goldfarb – Uma vez um grupo de amigos disse, numa forma crítica, “ah, o Zé não liga para roupa, não penteia o cabelo e nem gasta com o barbeiro”. Eu vou te falar assim, de onde vem essa minha imagem? Ela vem dos anos 60/70 e ao longo dos anos eu venho mantendo essa coerência visual. A imagem, primeiro assim, ela ajuda para poder fixar. É fato, ela chama a atenção e para mim tem essa raiz que me ajuda e é um energético saber que tenho uma imagem que vem da juventude. É uma imagem contraditória que tem um lado o do cientista, intelectual e professor. Um dia fui renovar o passaporte e o rapazinho lá da Polícia Federal virou para mim e perguntou: “o senhor é físico? Porque eu tenho um cunhado lá em Porto Alegre que é físico e tem o mesmo jeito”. É obvio que deve ter uma identificação também com o estereótipo que se criou em torno dos cientistas. Eu acabo sem querer reforçando esse estereótipo. Talvez você tenha razão, eu acabo reforçando essa idéia de que o cientista seja meio desligado das coisas, né?

DG – Qual a maior dificuldade para produzir o Nova Stella?

Goldfarb – Encontrar um horário para as gravações. Tem alguns meses que aperta porque eu trabalho no Rio, às vezes no Tocantins com um projeto de incentivo à leitura, então nos dias que eu posso tem que bater com a disponibilidade do estúdio e inclusive com a agenda dos meus entrevistados. Este é o meu maior problema, basicamente. Porque o resto se dá numa tamanha mecânica que é muito tranquilo.

DG – Por outro lado, qual o maior prazer que a produção do Nova Stella lhe proporciona?

Goldfarb – Quando eu ligo a televisão e sei que aquilo está on-line, que está sendo exibido agora, é como estar vivo não só no sentido biológico, mas também através de outros vasos comunicantes. Eu me identifico como propagador, como semeador de cultura. Hoje em dia, como estou muito ligado nas mídias e no mundo da comunicação acho que o maior prazer é o de produzir algo que acontece em prol da educação e da cultura.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Estratégias de abordagem das tvs universitárias

Nível de análise individual:

- Número/gênero de integrantes da equipe de produção
- Qualificação profissional dos membros da equipe
- Tempo médio de atuação em conjunto
- Hierarquia de comando
- Jornada de trabalho
- Hábitos cotidianos de produção televisiva
- Atenção dispensada ao telejornalismo científico
- Percepção de acontecimentos, fontes e canais de acesso a informações
- Linguagem telejornalística audiovisual

Nível de análise organizacional:

- Reconhecimento/localização institucional da TV universitária
- Regimento funcional
- Manual de redação
- Espaço de produção
- Infraestrutura tecnológica
- Regime de contratação
- Remuneração e benefícios trabalhistas
- Recursos globais de manutenção
- Lucros e metas institucionais

Apêndice 2 - Questionário dirigido

Caro jornalista,

Olá, o meu nome é Dirceu Góes e atualmente curso o mestrado em jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, onde desenvolvo o projeto de pesquisa “Os processos produtivos no Canal Universitário de São Paulo – um estudo da produção voltada para o jornalismo científico”. A sua participação é muito valiosa para o estudo, porque o projeto prevê também a elaboração do perfil dos jornalistas que produzem o noticiário de jornalismo científico em televisões universitárias. Esclareço que suas respostas são confidenciais. Esta é uma pesquisa acadêmica sem fim comercial. Desde já, muito obrigado pela sua atenção.

Cordialmente,

Dirceu Góes
deckgoes@hotmail.com

1º - Idade:..... anos.

2º - Sexo: () Feminino () Masculino

3º - Grau de escolaridade:

4º - IES de graduação.....

Ano:.....

5º - Pós- graduação: () Especialização () Mestrado () Doutorado

6º - IES de pós-graduação:

Especialização..... Ano:.....

Mestrado..... Ano:.....

Doutorado..... Ano:.....

7º - Tempo de exercício da profissão de jornalista:

() menos de 1 ano () 1 ano () 2 anos () 3 anos () 4 anos

() de 5 a 10 anos () de 10 a 20 anos () mais de 20 anos

8º - É filiado a algum sindicato ou associação profissional?

() sim () não

Qual?.....

9º - Estado civil:

☐ solteiro(a) ☐ casado(a) ☐ divorciado(a) ☐ viúvo(a)

10º - Tem filhos?

☐ sim ☐ não Em caso afirmativo, quantos?

11º - Você segue alguma orientação religiosa? ☐ sim ☐ não?

Qual?.....

12º - Tempo de serviço na atual empresa de televisão universitária:

☐ menos de 1 ano ☐ 1 a 2 anos ☐ 3 a 5 anos

☐ de 6 a 10 anos ☐ mais de 10 anos

13º - Funções exercidas:

☐ produtor ☐ repórter ☐ editor ☐ apresentador

Outras:.....

14º - Jornada trabalho:

☐ 5 h\dia ☐ 7 h\dia. Quantos dias por semana?

15º - Turno de trabalho: ☐ manhã ☐ tarde ☐ noite

16º - Trabalha aos finais de semana e feriados?

☐ sim ☐ não ☐ às vezes

17º - Remuneração salarial em média: R\$.....

18º - Ao salário está adicionado algum benefício?

☐ sim ☐ não Qual?.....

19º - Trabalha em outro lugar?

☐ sim ☐ não. Em que tipo de atividade?.....

20º - Qual a principal diferença entre produzir informações para os programas de jornalismo científico e para o restante da programação da TV onde você atua?.....

Apêndice 3 - Modelo de entrevista aberta ou semi-estruturada

- Alguns teóricos definem o jornalismo científico como uma especialidade, assim como o esportivo, o econômico e o jornalismo político. E para vocês, o que é o jornalismo científico?
- Em meio aos programas produzidos por essa equipe, existe algum que poderia ser definido como de jornalismo científico?
- Qual o histórico e as principais características desse programa?
- Qual o principal problema enfrentado na produção de programa sobre ciência e tecnologia nesta TV universitária?
- Por outro lado, qual a principal facilidade disponível para a produção do mesmo programa?
- Como o acontecimento jornalístico sobre ciência e tecnologia é percebido pela equipe de produção?
- Quais são os canais ou fontes, internos e externos, que nutrem a equipe de produção com informações sobre ciência e tecnologia?
- Usualmente, que critérios de seleção incidem sobre a escolha de temas abordados no programa televisivo sobre ciência e tecnologia? Eles permanecem os mesmos quando há excesso/escassez de informações? E quando o prazo de produção dos programas se esgota como as informações a serem levadas ao ar são selecionadas e tratadas?
- Para sonoras, entrevistas ou debates, quais são as fontes que gozam de prioridade nos programas produzidos por esta equipe?
- Fontes integrantes da população em geral ou de outras instituições universitárias são utilizadas nos programas sobre ciência e tecnologia produzidos por esta TV? Por quê?
- As notícias, reportagens, entrevistas, debates e opiniões contidos no programa sobre ciência e tecnologia geralmente são contextualizados? De que forma?

- As declarações dos dirigentes, professores ou pesquisadores da instituição, que participam dos programas sobre ciência e tecnologia produzidos por esta equipe de TV universitária, são contraditas jornalisticamente por repórteres ou apresentadores com base em dissertações, teses ou relatórios de pesquisas acadêmico-científicas?
- Quais são os principais recursos audiovisuais possibilitados pelos equipamentos de filmagem e edição que vocês possuem? Eles são cotidianamente utilizados na produção dos programas sobre ciência e tecnologia?
- A equipe prefere correr o risco em busca da inovação na linguagem audiovisual ou o que se persegue é uma aproximação dos formatos textuais e estéticos comprovadamente seguros da TV comercial?
- Vocês imaginam como seria o perfil do público para o qual são produzidos os programas de jornalismo científico dessa TV universitária?
- Como vocês avaliam o desempenho das outras TVs universitárias condominiadas no Canal Universitário de São Paulo?

**Apêndice 4 - DVD Tv Mackenzie - “A gente explica” e Tv Unisa-
“Conexão Saúde”**

Apêndice 5 - DVD Tv PUC – Programa Nova Stella

Apêndice 6 - DVD Tv USP – Revista Eletrônica “PGM”